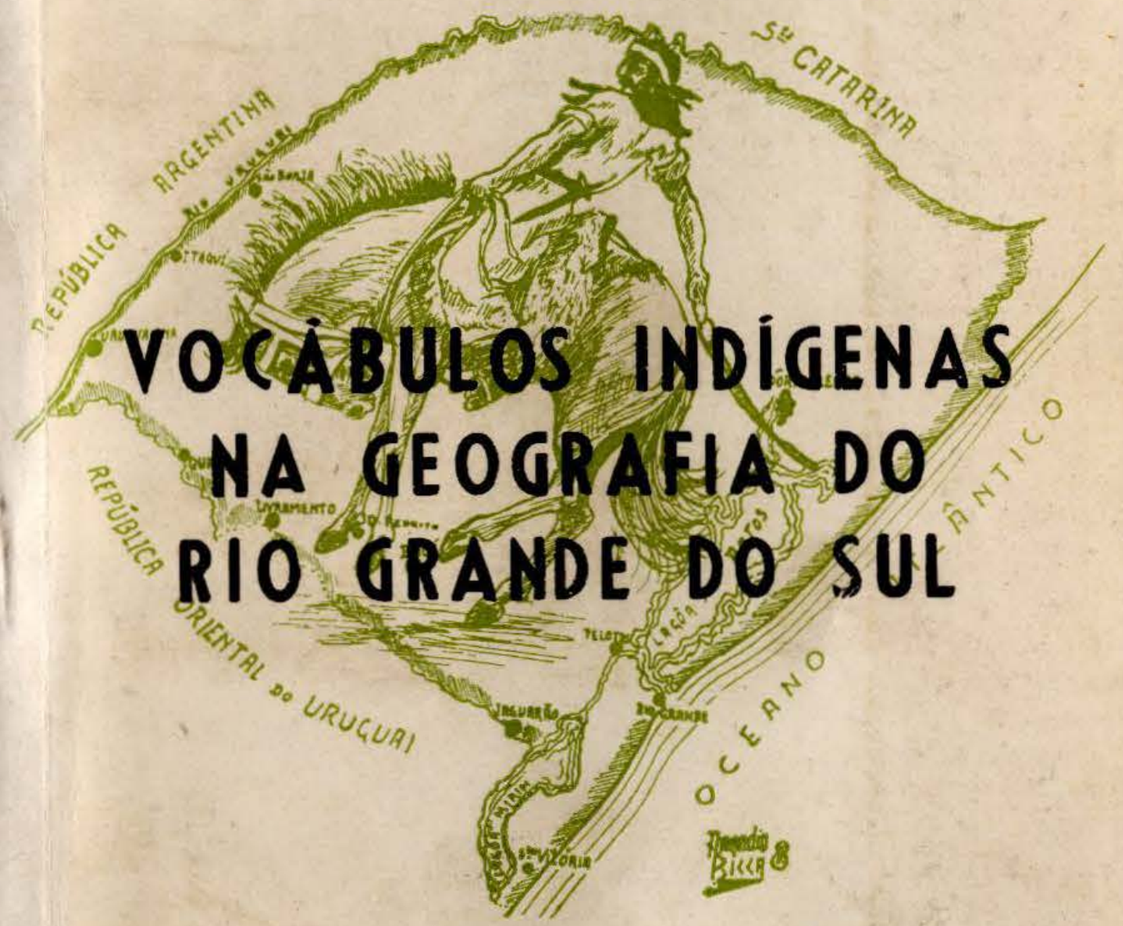
600

EDITÔRA CHAMPAGNAT
PÔRTO ALEGRE

NELSON FRANÇA FURTADO



VOCÁBULOS INDÍGENAS NA GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pôrto Alegre
1969

1

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

NELSON FRANÇA FURTADO

VOCÁBULOS INDÍGENAS NA GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL

Renato Nicolai

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pôrto Alegre
1969

3

março de 1969

À GUISA DE PREFÁCIO

O trabalho longo e paciente realizado pelo Prof. França Furtado, ora reunido em livro e lançado ao público com a colaboração da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, embora não represente obra original, se constitui em útil e proveitosa contribuição para os estudiosos das renominações geográficas usadas no Estado do Rio Grande do Sul.

Não se trata apenas de uma tarefa que visa a aguçar a curiosidade popular; visa, especialmente, facilitar a compreensão do verdadeiro sentido dos nomes empregados, buscando nas raízes constitutivas dos mesmos, o significado correto e exato.

Tendo manuseado e estudado numerosas publicações que abordam o mesmo tema ou tema correlato e conseguindo colhêr diretamente dados explicativos complementares, o Prof. Furtado reuniu nesta obra um repositório de informações de grande interêsse e que se tornará fonte obrigatória de consulta para quantos se iniciam nos estudos da toponímia gaúcha.

Presta, assim o Prof. Furtado um serviço real e positivo à mocidade estudiosa do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Irmão José Otão

VOCÁBULOS INDÍGENAS NA GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL

Nelson França Furtado

Não é nôvo o assunto destas anotações, e nem o é o título que elas trazem, pois sôbre o tema, e sob cabeçalhos que pouco diferem do atual, já escreveram eminentes pesquisadores: Theodoro Sampaio, "O Tupi na Geografia Nacional", João Borges Fortes, "O Tupi na Geografia do Rio Grande do Sul", Souza Docca, "Vocábulos Indígenas na Geografia Riograndense" e Alfredo de Carvalho, "Toponímias Tupis no Rio Grande do Sul". Também Rodolfo von Ihering publicou um opúcsulo intitulado "O Tupi na Geografia Nacional", mas a obra dêsse naturalista se limitou a apresentar correções para têrmos zoológicos impròpriamente utilizados pelo primeiro dos autores citados, Theodoro Sampaio. Êste, na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul", 1.º trimestre de 1943, em artigo intitulado "Interpretação de alguns nomes tupis usados na geografia nacional (Rio Grande do Sul)", estuda alguns topônimos gaúchos.

O assunto é atraente, mas perigoso. Falando de topônimos em que figurem nomes de animais, diz R. von Ihering: "É perigoso explicar o nome, sem conhecer bem as peculiaridades da respectiva espécie, pois guiado apenas pelo som da sílaba, o etimólogo, ao decompor a palavra, fàcilmente interpretará o sentido como referente a qualificati-

vos contrários à ecologia, ao aspecto ou à côr da espécie em questão, quando o índio timbrava em salientar, na denominação, os traços característicos do animal designado". E o Pe. Lemos Barbosa, em seu "Pequeno Vocabulário Tupi-Português": "Também no estudo da toponímia popular de origem indígena, é indispensável ter em conta a correspondente documentação histórica. Decompor topônimos exclusivamente com o auxílio do dicionário é ignorar o fato da evolução e expor-se a graves equívocos, pois acontece que amiúde as formas atuais estão alteradas por fôrça da analogia com outras palavras tupis ou portuguêsas, ou por outros fatôres".

Entre êsses "outros fatôres" pode ser citado o seguinte: em grande parte, os topônimos de origem indígena são constituídos por duas ou mais palavras, quase sempre um substantivo e um adjetivo, ou dois substantivos, colocados em seqüência imediata, sem pausa. "Y-panema", rio inútil, sem peixe, e "ypa-nema", lagoa de mau cheiro, sem a pausa aqui indicada pelo hífen, tornam-se indistinguíveis; só o conhecimento do local e de suas características poderá esclarecer o significado de Ipanema. Iticí, nome de uma sanga, afluente da margem direita do rio Suçuarana, na região de Vacaria, também se presta a confusões: "yty-cy" é, literalmente, "a mãe, ou origem, da imundície", de "yty", lixo, imundície, e "cy", mãe. Mas é muito mais provável que ao pequeno arroio tenha sido dado o nome de "y-tyssyi", isto é, "fio d'água".

Acresce, ainda, que nesse processo de formação de palavras compostas há casos em que a pri-

meira das palavras componentes, ao se ligar à segunda, perde a última letra, ou até mesmo a última sílaba (Pe. Lemos Barbosa, "Curso de tupi antigo", pg. 398-399).

Outra causa de dificuldades reside no fato de que a maioria dos autores, por motivos fáceis de compreender, procura explicar todos os topônimos indígenas a partir do tupi e do guarani. Embora contribuindo grandemente para o nosso linguajar, o tupi e o guarani não foram as únicas línguas indígenas que influenciaram a toponímia nacional. É a "doença" a que Armando Levy Cardoso denomina de "tupimania". Diz êle que "houve, entretanto, da parte de alguns estudiosos de nossa lexicologia, um verdadeiro sestro de querer explicar, com etimologias tupis, todos os vocábulos presumìvelmente indígenas". Nesse caso está o topônimo Cananéa, que Theodoro Sampaio faz derivar de "canindé", variedade de arara, e que, no entanto, provém da bíblica Caná. Ou o de Lusanvira, localidade paulista, cujo nome foi dado, segundo A. Levy Cardoso, como proveniente do caingangue, e significando "capoeira rala". No entanto, Lusanvira nada mais é que uma homenagem aos engenheiros Ludgero Dolabela, Sanson de David, Vitorino Ávila e Pereira Travassos, que levaram a Estrada de Ferro Noroeste até aquêle ponto. Uma sílaba tirada ao nome de cada um dêles formou o nome Lusanvira... Ainda A. Levy Cardoso relata que diversos autôres "construíram" uma etimologia tupi para o topônimo Bolpebra, que fizeram derivar de "mboi-peba", cobra chata. Aqui, porém, a verdadeira significação era quase evidente, pois

se tratava de remota localidade, na fronteira da Bolívia, do Peru e do Brasil...

Outra causa de dificuldades são certos autôres que timbram em apresentar "etimologias" próprias, desprezando por completo trabalhos anteriores, e procurando sempre, com grande erudição, complicar aquilo que é simples... Dêsses, quanto menos se falar, melhor.

Embora correndo o risco de incorrer em "etimologias" como as citadas, organizei um repositório de topônimos gaúchos de origem indígena, valendo-me dos trabalhos citados no início dessas anotações, e de várias outras obras, entre as quais não podem deixar de ser citadas "Toponímia Brasílica" e "Amerigenismos", de Armando Levy Cardoso — fonte principal para as palavras caribes, aruacas, quechuas e provenientes do borôro. Ainda para o borôro foi utilizado o excelente livro "Os borôros orientais", de autoria dos padres salesianos Antonio Colbacchini e Cesar Albisetti. Sôbre os Minuanos, que, inegàvelmente, devem ter contribuído com grande número de vocábulos para a toponímia riograndense, a única informação obtida consistiu em artigo de Aurélio Pôrto, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico, ano XVIII, III.º trimestre. Sôbre a língua dos Charruas, nada; na Biblioteca Pública do Estado existe um volume sôbre a mesma, porém não foi possível localizá-lo. O "Ñe'engueirirú avañe'e caraiñe'e ha caraiñe'e — avañe'e", ou dicionário guarani-espanhol e espanhol-guarani, de A. Jover Peralta e T. Osuna, "El guarani", de Saturnino Muniagurria, a "Arte" e o Vocabulário, de Montoya e Restivo,

"El idioma Guarani", do Pe. Guasch, S. J., foram o guia para as palavras nesse dialeto; Lemos Barbosa com seu "Pequeno Vocabulário Tupi-Português", e seu "Curso de Tupi Antigo", Anchieta, com sua "Arte da gramática", e Plínio Ayrosa, com artigos diversos, contribuíram para o tupi. Para o nheengatu concorreram Couto de Magalhães (O Selvagem), Stradelli, e outros. Procurando fugir aos erros apontados acima, foram utilizadas diversas cartas do Rio Grande do Sul, bem como várias fontes de informação sôbre características de regiões do Estado. Para exemplificar: com o auxílio de vocabulários, o topônimo Caibaté, que designa diversos arroios e o local tristemente célebre pela chacina de mais de um milhar de guaranis, foi decomposto em "caá", erva, mato, fôlha, e "ybaté", alto: mato alto. A confirmação dessa etimologia é dada por José de Saldanha, engenheiro-geógrafo, matemático e astrônomo que, no "Diário resumido da Demarcação da América Meridional", de 1787, diz: "... se divisa de longe êsse capão de mato..." As muitas possibilidade de êrro fizeram com que, por prudência, em grande número de casos, me limitasse a **sugerir** uma interpretação, ou, simplesmente, citasse interpretações de vários autôres, sem dar preferência a uma ou outra. Mesmo assim, para aquêles que estudaram o assunto, é evidente que êrros haverá, tanto mais que o número de topônimos colecionados vai a quase um milhar; são êles, em sua grande maioria, procedentes do guarani, e devem ter sido dados aos acidentes geográficos que designam pelos próprios índios guaranis que habitavam a região. As

denominações provenientes do caingangue também, em geral, foram dadas aos arroios, localidade, etc., pelos próprios caingangues. Já os topônimos derivados de outras línguas indígenas — do caribe, aruaco, e até mesmo do tupi — normalmente foram introduzidas por via "civilizada"; quase sempre são denominações mais ou menos recentes, e dadas por estudiosos, não por indígenas.

A cada topônimo segue uma ligeira informação de caráter geográfico, apenas a indispensável para a fácil localização do acidente citado, sendo indicada a zona ou região do mesmo, e não o município (uma vez que êstes estão constantemente se desmembrando); segue, ainda, a indicação da procedência: do caribe, do aruaco, etc.; caso esta indicação falte, o topônimo é originário do tupi ou do guarani. Neste caso aparecem, quase sempre, duas ou mais formas das palavras indígenas. Assim, após Caverá, encontra-se: De "caá"... e "beraba", "verá", brilhante. A primeira forma, quase sempre mais extensa, no caso, "beraba" — é a forma tupi; a segunda, menor, é a forma guarani.

A

ABAINU — arroio, afl. do Passo Raso, na região de Triunfo. De "abá", "avá", homem, índio, e "nhu", campo: campo dos índios?

ABAJU — arroio, afl. do rio da Várzea. De "abá", "avá", homem, índio, e "juba", "yu", amarelo: homem amarelo. Abaju e Abaúna, que é, também, nome de um arroio (V), são denominações dadas por Couto de Magalhães a índios brasileiros. "A primeira das duas, a que darei o nome de "**abaúna** (índio escuro), para servir-me de uma designação tupi, me parece uma raça pura, porque seus caracteres são constantes.

"Se algum dia vier a se confirmar a opinião

"da origem do homem pelas diversas regiões "geográfico-geológicas do globo, é essa a fa- "mília autóctone do Brasil.
"A outra família, mais poderosa e inteligente, "a que eu chamarei **abajú**, me parece mestiça; "não me refiro a um mestiçamento recente, de- "pois do descobrimento da América, e sim ao "que se deu em tempos pre-históricos..."
(Gen. Couto de Magalhães, O Selvagem, pgs. 113-114, coleção "Brasiliana").

ABARAÚ — arroio, afl. do Gil, na região de Triunfo. De "avara'y", rapaz, menino.

ABATICARU — arroio, afl. do Piraçucê (A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II trimestre de 1941, dá êsse arroio como aflente do Tapejara). De "abati", "avati", milho, e "caru", comer, comilão, guloso: o comedor de milho.

ABAÚNA — arroio, afl. do rio Apuaê. De "abá", "avá", homem, índio, e "una", "hu", preto, escuro: homem escuro. (V. "abajú", com citação de Couto de Magalhães a respeito dos topônimos Abaju e Abaúna).

ABAXAIM — arroio, afl. do Gil, na região de Triunfo. De "aba", "ava", cabelo, e "cha'i", enrugado, crespo: cabelo crespo.

ABERI — arroio afl. do Turvo. De "araberi", lambari, e "y", água e, no tupi meridional, tam-

bém rio (no tupi da costa "y" é exclusivamente água; rio é "paranã"): rio dos lambaris. Ou de "arabé", barata, e "y", água, rio: rio das baratas. Theodoro Sampaio e J. Borges Fortes dão "mberi-y", rio dos gaimbés ou imbés, planta trepadeira comum na região.

ABI — arroio, afl. do Forqueta, a L de Soledade. De "abi", agulha.

ABOINU — arroio, afl. do Jacuí. De "aboy", minhoca, e "nhu", campo: campo das minhocas? Ou de "mboia", "mbói", cobra, e "nhu": campo das cobras?

ABUTUÍ — antigo nome do rio Comandaí. Segundo Theodoro Sampaio o nome provém de .abutua", nome de várias plantas menispermáceas, e "y", rio: rio das abutuas. O. de Faria interpreta como "rio dos papagaios". Parece mais plausível de "mbutu", tavão, moscardo. e "y", água, rio: rio dos moscardos.

ACAEM — arroio, afl. do Itatuira, na região de Encruzilhada. "Aca'e" é o nome indígena da gralha.

ACAIACÁ — arroio, afl. do Apuaê. De "acajacá", variedade de cedro.

ACANGAÍ — arroio, afl. do rio Rolante. De "acanga", cabeça, e "y", água, rio: rio da cabeça.

ACANGAPIM — arroio, afl. do Toropi. De "acanga", e "py", grande, fundo: cabeça funda, arroio de cabeceira profunda?

ACANGUPÁ — arroio, afl. do Vacacaí. De "acangupaba", cabeceira, "acangupá", travesseiro, almofada. Variante: Cangupá.

ACARÁ — lajeado, afl. do Guaporé. De "acará" ou "cará", peixe da família dos Ciclídeos.

ACAREMBÓ — De "acará", "cará", peixe da família dos Ciclídeos, e "yembó", arroio, arroio dos carás.

ACATU — arroio, afl. do rio Chimarrão — De "acatúa", mão direito (o arroio é afl. da margem direita).

ACEGUÁ — cerros na região de Bagé; vila na mesma região, na fronteira com o Uruguai. Theodoro Sampaio, em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, I trimestre de 1943, diz: "admite várias interpretações, mas, visto aplicar-se a uma cerro ou monte, parece-me que é corrupção de **acéiguá** que quer dizer — dores arredondado, encostas abauladas. Resta que os caracteres físicos o confirmem", Parece mais plausível de 'jaci", "yaci", lua, e e "cuá", cintura, meio, vale: o vale da lua.

ACRE — linha colonial em Santo Ângelo. De "aquyra", imaturo, verde, e "y", água, rio: rio imaturo.

AGUAPÉ — arroio, afl. do Toropi; arroio, afl. do Guaicá; povoado na estrada Osório-Tôrres. De "aguapé", golfão, nenúfar; provàvelmente composto de "aguá", redondo, e "peba", "pé", chato, em alusão à forma da fôlha dessa planta.

AGUAPEÍ — arroio, afl. do Cambuiretã; ilha no rio Uruguai, na região de Itaqui. De "aguapé", golfão, nenúfar, e "y", água, rio: rio dos aguapés.

AIÁ-PIRU — arroio, afl. do rio Caá Iari. De "aia", papo, papada e "piru", magro, sêco: papada sêca?

AJURICABA — arroio, afl. do Varejão, em Ijuí; vila na região de Ijuí. De "ajuru", "ayuru", papagaio, e "guaba", verbal de "u": modo, tempo, instrumento ,etc., de comer: o alimento dos papagaios. Ou, segundo Theodoro Sampaio, "a liga para o trabalho confraterno, o tempo próprio para isso, o ajutório". A. Levy Cardoso diz provir do aruaco "Aiuricaua", nome de um célebre cacique. Adaucto Fernandes, em sua "Gramática Tupí", à pág. 320, diz: "Da poesia e epopéia primitivas não chegaram até nós senão os nomes de seus supostos autores, ressaltando entre êles Moêma, Iracema, **Aiuricaba**, Pery, Y-iúca-Pyrâma, Paraguaçu, Cocâmo, Ryndoia e Caramuru, que figuram como personagens vivas, fabulosas, guerreiras e sentimentais".

AMANÇUPARA — arroio, formador do rio Guassupi. Derivado de "amangy", aguaceiro.

AMANDÁ — arroio, afl. do Monjolinho. Talvez de amandaba", redondo, circular; círculo.

AMANDAÚ — rio, afl. do Uruguai na região de Pôrto Lucena; povoado à margem do mesmo. De "amandaú", granizo.

AMANOÁ — arroio, afl. do Uruguai na região compreendida entre São Borja e Pôrto Lucena. De "amana", chuva, e "y", água, rio: o rio da chuva? Diz J. Borges Fortes que provém de "mandoaba", lugar das recordações (De "maenduara", "mandu'á", lembrar-se, recordar). Theodoro Sampaio propõe "amã-oá", que interpreta como "a chuva cai". Veja Manuá".

ANGABEÍ — arroio, afl. do Paranhana. Provàvelmente de "anga", sombra, abrigo, alma, mais sufixo que indica local, e "y", água, rio: rio do lugar das sombras.

ANGAPIMA — arroio, afl. do Pururé ou Monjolinho. Derivado do guarani "angapyhy", desafôgo, satisfação?

ANGATURAMA — arroio, afl. do Piratini através do arroio Basílio. De "angaturama", bom, afável, honrado.

ANGORI — arroio, afl. do Lambari, na região de Sarandi. Talvez de "ãngurú", guarani, o fantasma.

ANGUÁ — arroio, afl. do Forqueta. De "anga", "ã", sombra, vulto, alma, e "cuara", "cuá", cova, buraco: cova das sombras, cova dos espíritos?

ANGUERA — arroio, afl. do Piratini. De "anga", "ã", sombra, vulto, alma, e "puera", sufixo que indica o passado: alma que foi, alma que não é mais.

ANHACUÁ — cachoeira em Santiago. De "anhanga", "anhã", espírito mau, demônio, e "cuara", "cuá", cova, buraco: a grota do diabo. Diz Couto de Magalhães, em "O Selvagem", pág. 169: "O destino da caça do campo parece estar afeto ao **Anhanga**. A palavra Anhanga quer dizer sombra, espírito. A figura com que as tradições o representam é de um veado branco, com olhos de fogo. Todo aquêle que persegue um animal que amamenta corre o risco de ver o Anhanga, e a sua vista traz febre e às vêzes a loucura".

ANHANGÁ — arroio, formador do Brochier, na região de Montenegro. De "anhanga", "anhã", espírito mau, demônio. V. Anhancuá.

APATI — arroio, afl. do Piratini através do arroio Basílio. De "apati", esbranquiçado, descolorido, incolor.

APÉ — arroio afl. do Ijuí; vila na estrada Santo Ângelo — Palmeira. De "apé", casco, concha, escama, superfície, pele, tez. Ou de "apé", o caminho.

APERU — arroio, afl. do São Lourenço. Talvez de "a", fruta, grão, semente, e "piru", magro, sêco: fruta sêca? Ou de "a", cabeça e, por extensão, cabeceira, nascente: nascente magra, minguada?

APIÁ — sanga, afl. do arroio Pejuçara. Provàvelmente corruptela de "apyaba", varão, homem, macho.

APIAÍ — sanga, afl. do arroio Biaribú, na região de Soledade; antigo nome do Piaí. De "apyaba", varão, homem, macho, e "y", água, rio: o rio dos homens.

APICAIRÉ — arroio, afl. do Miau, região de Erval. De "apycaba", "apycá", lugar de assentar; assento, banco, cadeira, e "re", sufixo guarani que indica o passado, o que foi: o assento antigo, desmanchado?

APICUM — arroio, afl. do Butiá. De "apecu", língua (tupi); paladar, abóbada bucal (guarani).

APITERÍ — arroio, afl. do rio Fão. De "apytera", "apyteré", centro, meio, cume, vértice. Ou de "apiteré", índios guaranis do S do Brasil, e "y", água, rio: o rio dos índios apiteré.

APUAÊ — rio, afl. do Uruguai na região de Marcelino Ramos. De "apuã", cousa erguida, cabêço levantado, e "ee", saboroso? Ou simples corruptela de Apuaí (V)?

APUAÍ — rio, afl. do Uruguai. De "apoã", cabo, ponta de terra, e "y", água, rio? ou de "apuã", monte, montão, e "y": rio do monte.

APUAÍ-MIRIM — rio, afl. do Ligeirinho.

AQUIQUI — arroio, afl. do Jacuí, na região de Soledade. De "aquequé", variedade de formiga; ou de "aquyma", "aky", molhado, húmido, repetido (caso de reduplicação: "As sílabas tônica e pré-tônica de uma palavra, dão a idéia de... superlativo (se é adjetivo ou advérbio)..." (Pe. Lemos Barbosa, Curso de Tupi Antigo, pág. 319 — Ou ainda, de "aquyquy", variedade de bugio. Mais provável, entretanto, é que o nome do arroio provenha do caingangue "aquiqui", espécie de aguardente de milho fermentado e mel de abelha, preparada e usada pelos caingangues.

ARABÉ — arroio, afl. do Vacacaí. De "arabé", barata.

ARAÇÁ — arroio, afl. do Guarde, na região de Cachoeira; arroio, tributário da lagoa dos Patos, na região de Camaquã; arroio, afl. do rio Ligeiro, na região de Lagoa Vermelha; arroio, afl. do Guaíba, na região de Barra do Ribeiro; arroio, afl. do rio Fão; arroio, afl. do Ijuí, na região de São Luiz Gonzaga; arroio, afl. do Corupá, na região de Sobradinho; Nova Araçá, vila nas proximidades de Nova Prata; Rincão do Araçá, povoado na região de Santa Maria.

De "araçá", arbusto frutífero silvestre, comum no Rio Grande do Sul.

ARACAMBÚ — arroio, afl. do Jaguarão. De "ará" por "ybyrá", yvyrá", árvore, madeira, e "acamby", vão entre as pernas, forquilha: forquilha de madeira; nome da cruzeta das jangadas na qual se firma a vêrga; armação feita na jangada em que se penduram os petrechos de pesca.

ARAÇANGA — arroio, afl. do Telho, na região de Erval. Araçanga é o cacete que os jangadeiros usam para matar o peixe.

ARAÇARI — arroio, afl. do Ijuí. De "araçari", variedade de tucano.

ARACI — arroio, afl. do Caturetê. De "ara", dia — e também sol, luz, mundo, céu, tempo, ano, época — e "sy", mãe, origem, fonte: a origem do dia, a alvorada, a aurora.

ARAÇOIABA — arroio, afl. do Ibirapuitã. De "arassojaba", rodela de penachos, carapuça de penas.

ARAGUARI — arroio, afl. do Forquetinha. Segundo A. Levy Cardoso, araguari é corruptela do tupi "arauari", sardinha.

ARAÍ — arroio, afl. do Águas Claras, na região de Viamão. De "ara", dia, sol, luz, mundo, céu, tempo, ano, época, e "y", água, rio, sendo difícil precisar-se a acepção de "ara". Em guarani, "araí" significa nuvem, nublado, mas é pouco provável que seja essa a interpretação do nome.

ARAMBARÉ — arroio, afl. do Basílio; vila próxima a Camaquã, à margem da lagoa dos Patos. Do guarani "hambaré", lugar delicioso.

ARAPARI — povoado ao N de Sarandi, próximo ao rio Passo Fundo (A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II trimestre de 1941, grafa "Ararapari). De "arapari", nome de uma árvore comum na Amazônia. Ou do caribe "arapari", periquito.

ARAPONGA — lajeado, afl. do Guaporé. De "guyrá", ave, pássaro, e "ponga", cousa que repercute ou ressoa: pássaro barulhento. É o nome indígena do "ferreiro".

ARARAPARI — V. Arapari.

ARAQUARI — arroio, afl. do Forqueta. De "ará", arara, ave psitacídea, "cuara", "cuá", cova, buraco, e "y", água, rio: "ara-cuá-r-y", rio do ninho das araras? Ou de "aracuã", ave da família dos Cracídeos, semelhante ao jacu, e "y", água, rio: "aracuã-r-y, rio dos aracuãs?

ARARI — arroio, afl. do Uruguai, na região missioneira. De "arara", ave psitacídea, e "y", água, rio: o rio das araras. Ou de "arari", ave psitacídea também chamada canindé, e "y", água, rio: rio dos canindés.

ARARICÁ — arroio, afl. do Vacacaí-mirim; vila nas proximidades de Taquara. De "arara", ou de "arari", aves psitacídeas, e "yguaba", "yguá", lugar, modo ou tempo de beber água; bebedouro: o bebedouro dos papagaios. Ou de "arari" e "caá", erva, mato, fôlha: o mato dos papagaios. Theodoro Sampaio, em artigo pu-

blicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, dá "ará-r-ica", seio ou vale dos papagaios.

ARARIPE — povoado nas proximidades de Gramado. Em seu "Curso de Tupi Antigo", pg. 440-441, diz o Pe. Lemos Barbosa: "Pelo seu próprio sentido, correspondente a "em", "a", "para", a preposição "-pe" acompanha freqüentemente os topônimos. O que contribuiu para que fôsse tomada como parte dêles pelos colonos. Eis por que numerosos nomes geográficos brasileiros a trazem incorporada: Acarpe... Guararape... Sergipe, Suaçupe, etc., além dos casos em que houve abrandamento do p: Beberibe... Pirangibe, etc.". Assim, o nome do povoado seria Arari, ave psitacídea, também chamada canindé. Araripe significaria "no Arari", no povoado de Arari".

Por outro lado, Adaucto Fernandes, em sua Gramática Tupi, pg. 107, traduz Araripe como "colina abrupta".

ARARUPÁ — rio, afl. do Uruguai. De "arara", ave psitacídea, e "upaba", "ypá", lagoa, lago: a lagoa dos papagaios.

ARATACA — arroio, afl. do Maricá. De "arataca", "aratã", variedade de armadilha para caça; armadilha para pássaros e pequenos animais.

ARATIBA — cidade junto ao rio Uruguai, ao N de Erechim. De "ará", arara, ave psitacídea, e "tyba", sufixo abundancial: multidão de araras, ou de papagaios.

ARATICUM — arroio, afl. do Irapuá (A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Gran-

de do Sul o dá como afluente do Sebastião Alves). De "aratycu", araticum, fruto; a palavra provàvelmente é composta de "ará" por "ybá", fruto, e "tycú", líquido, fluído; derretido, liquefeito: fruto mole, fruto que ressuma.

ARATU — arroio, afl. do Jacuìzinho. De "aratu", variedade de caranguejo.

ARÉ — arroio, afl. do Angabeí; povoado na região de Nonoai; arroio, afl. do Passo Fundo, ao S de Nonoai. De "aré", muito tempo, grande intervalo de tempo?

ARIRANHA — arroio, afl. do Uruguai. De "irara", "eirara" (formas tupis), "eirá" (forma guarani), carnívoro, também chamado papa-mel, e "rana", sufixo tupi que significa parecido com, falso, tôsco: a falsa irara.

AROEIRA — arroio, afl. do Jacuí; povoado à margem dêsse arroio; povoado na região de Santa Maria; nome indígena de diversas árvores.

ARÚ — arroio, afl. do Fão. De "arú", variedade de sapo.

ARUÁ — arroio, afl. do Piratini através do arroio Basílio. De "aruá", quieto, pacífico.

ASSUÍ — arroio, afl. do Chimbocu. Talvez de "assu", mão esquerda, e "y", água, rio: o rio da (mão) esquerda? Mas o Assuí fica à margem **direita** do Chimbocu...

ATACÁ — arroio, afl. do Iraí. De "a", fruto, grão, semente, e "tacã", ramo, galho de fruta?

ATI-AÇU — rio, afl. do rio da Várzea; povoado à margem do rio da Várzea. De "aty", "atí",

variedade de gaivota, e "açu", variante de "guaçu", grande: a gaivota grande.

ATI-MIRIM — rio, afl. do Ati-açu; povoado à margem do arroio das Pretas. De "aty", gaivota, e "mirim", pequeno: a gaivota pequena.

AVAEM — arroio, afl. do rio Passo Fundo. De "abaé", outrem?

AVAMBAÍ — arroio, afl. do Acangupá. Em guarani "avamba'é" significa "de quem?". Talvez "avamba'é-y", rio cuja posse é disputada.

AVARÉ — arroio na região de Getúlio Vargas, anteriormente denominado "Padre". De "abaré", "avaré", nome dado pelos índios aos padres; o nome português do arroio foi substituído pelo seu equivalente guarani.

B

BABARAQUÁ — serra entre São Gabriel e Lavras. Topônimo de etimologia muito discutida. Theodoro Sampaio propõe "mbaebora-cuá", cova ou poço rico, caverna que contém riquezas, e ainda "mbaeberá-cuá", cova de cousas brilhantes. J. Borges Fortes dá, entre outras possibilidades, "tapera-cuá", gruta da casa abandonada. Souza Docca sugere "mbae-berá-cuá", buraco das cousas brilhantes. Outros, ainda, dão "mimbá-berá-cuá", gruta do bicho brilhante. Parece, entretanto, que êsse é um dos casos de "tupimania" a que se refere A. Levy Cardoso, pois é possível que "babaraquá" venha de "barbaquá", do aruaco, e não do tupi; "barbaquá" é o girau para sapecar a erva-mate; corresponde ao caingangue "carijó".

BACACAIQUÁ — arroio em Santana do Livramento. De "ybá", "yvá", fruta, "cacai", variedade de gavião, e "cuara", "cuá", buraco, cova: cova do gavião das frutas. Theodoro Sampaio propõe "ybacai-cuá", baixada dos coqueiros.

BACAVERÁ — coxilha em Júlio de Castilhos. J. Borges Fortes dá como proveniente de "vaca", palavra portuguêsa, e "ybyrá", "ybyrá", árvore, madeira, mato: mato das vacas. Mais plausível parece a etimologia "ybaca", "yvaga", céu, e "beraba", "verá", brilhante: "ybaca-verá", céu brilhante.

BACOPARI — sanga, afl. do arroio São Sepé. "Bacupari" é nome tupi de diversas árvores frutíferas do Brasil.

BAEBÊ — arroio, afl. do rio da Ilha, região de Taquara. Talvez de "mba'epé", cousa chata; ou de "mba'evé", nada.

BAERUPÁ — arroio, afl. do Basílio. "Mba'é" tem diversos significados: cousa, objeto, bens, parte do corpo, animal, fantasma, espírito mau. "Rupá", guarani, é cama, ninho: ninho do fantasma?

BAGÉ — município da região S do Estado; cidade, sede do município; arroio na mesma região. Artur Neiva, em "Estudos da Língua Nacional", pg. 287, coleção "Brasiliana", afirma que Bagé, no Rio Grande do Sul, e Magé, no Estado do Rio, são corruptelas de "pagé", médico e feiticeiro entre os antigos tupis e guaranis. No entanto a "Enciclopédia dos Municípios" informa que Bagé provém do nome do índio Ibagé, que fazia parte das tropas de Sepé Tiarajú.

BAGUAL — Cerro do, na região de Encruzilhada; BAGUAIS — serra dos, à margem do rio das Antas; arroio dos, na mesma região. Há quem afirme que se trata de vocábulo indígena; os vocabulários consultados nada dizem a respeito. Talvez de "cahual", corruptela araucana do espanhol "caballo".

BAITACA — arroio, afl. do rio da Várzea; povoado na região de Cruz Alta. De "mbaitá", ave, variedade de papagaio.

BANANAL — povoado na região de Montenegro. De "banana", do galibi, idioma caribe.

BARÉ — arroio, afl. do José Velho, na região de Taquara. De "baré", etnônimo, tribo do grupo aruaco que, com os Manau, habitou a região onde hoje está situada a capital do Estado do Amazonas.

BARIBÚ — arroio, afl. do Itatirí. Talvez de "biaryby", "mbiaryby", assado feito em cova no chão. É provável, entretanto, que a terminação "ibú" provenha de "ybura", "yvú", água que brota para cima manancial, fonte. Ter-se-ia "yba", fruta, e "ybura", a fonte das frutas. Talvez seja corruptela de Biaribu (V).

BATE-VIRA — nome dado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II trimestre de 1941, ao arroio Batuvira (V).

BATINGA — arroio, afl. do Bom Jardim, na região de Montenegro; arroio, formador do Passo Fundo; povoado, na região de Montenegro; povoado, na região de Santo Ângelo. Batinga é

o nome de duas árvores (Eugenia duríssima, E. uruguayensis); de "yba", "yva", pé (de planta), haste, caule, tronco, e "tinga", branco: tronco branco.

BATOVI — cerros em São Gabriel, em Livramento, e às margens do Ibicuí. Diz Theodoro Sampaio: "pode ser alteração de **ubatub-y**, rio do canavial; pode proceder de **yba-toby**, a cana verde ou árvore verde; também pode derivar-se de **mbae-toby**, cousa verde ou azul, e ainda pode vir de **mbae-tobé**, que quer dizer cousa pontuda ou simplesmente, o aguçado, o agudo, o elevado, o saliente, o culminante". Provàvelmente se trata de "mbaé", "mba'é", cousa, e "tovi", montão: montão de cousas; tratando-se de cerros, o nome parece mais adequado que os propostos por Theodoro Sampaio.

BATU — arroio, afl. do Ivaí; povoado na via férrea Santa Maria-Marcelino Ramos. Segundo Aurélio Pôrto, é o nome de um dos caciques dos índios minuanos; a significação do nome é desconhecida.

BATUERA — arroio, afl. do Arambaré. De "batuera", sabugo de milho sem os grãos; de "abati", milho, e "puera", o que foi e já não é, segundo A. J. de Macedo Soares.

BATUVIRA — arroio em Lajeado. De "mbatuvira", anta cinzenta. O nome, às vêzes, aparece corrompido para "Bate-vira". (V.).

BEIJÚ — arroio, afl. do Itacuí-mirim, na região de Encruzilhada. De "beju", "mbeyú", pão, bolo, espécie de torta.

BERIVA — arroio, afl. do Carreiro; arroio, afl. do rio Pardo. De "mbyryba", "pyryb", pouco, diminuto, pequeno. V. Biriba.

BIARAJU — arroio, afl. do Ijuí. É possível que se trate de adulteração de "Tiaraju". Mais provàvelmente, de "embiara", a prêsa, a caça apanhada, o prisioneiro, e "juba", "yú", amarelo, louro.

BIARETÃ — arroio na região de Sarandi. De "mbyá", gente, agrupamento indígena guarani, e "retama", "retã", terra, pátria, região de: lugar do agrupamento indígena.

BIARIBÚ — arroio, afl. do Fão, na região de Soledade. De "mbyá", gente, agrupamento indígena guarani, e "ybura", "yvú", água que brota para cima, manancial, fonte: a fonte do toldo, a fonte do acampamento.

BIBOCA — localidade na via férrea entre Bagé e Pelotas. De "yby", "yvy", terra, e "boc", fender-se, rachar, fenda: terra fendida, rachada. Ou de "yby", "yvy", e "oca", "oga", casa, morada: casa de terra.

BIGUÁ — Pôrto Biguá, localidade sôbre o rio Uruguai na região de Tuparendi; Biguás, arroio, afl. do Uruguai na região de Pôrto Lucena. De "mbiguá", ave aquática (Phalacrocorax olivaceus, Humb.); segundo alguns autores, biguá é composto de "mby", pé, e "aguá", redondo: pé redondo, palmípede.

BIRAJACÃ — arroio, afl. do Santa Maria, onde desemboca após ter mudado de nome para Jaguari. É corruptela de Pirajacã, de "pirá", peixe, e "yacã", arroio: arroio dos peixes.

BIRIBA — cerro em Guaporé; arroio em Santa Maria. A êsses acidentes é, às vêzes, dado o nome de Beriva (V). De "mbyryba", "pyryb", pouco, diminuto, pequeno.

BOBUIÁ — sanga, afl. do arroio do Espêto, na região de Vacaria. De "bebuia", "vevyi", boiar, ser leve, flutuar. O vocábulo tupi forneceu ao português do Brasil o substantivo **bubuia,** linha sem chumbada para a pesca à superfície da água ou a meia água; cousa leve; forneceu, ainda, o verbo **bubuiar,** flutuar sôbre a correnteza, boiar.

BOCAIUVA — localidade na região de Guaporé. De "mboc", fenda, rachadura, e "juba", "yu": fenda amarela? Theodoro Sampaio julga que bocaiuva provém de "macaúba" "macaíba", árvore da macaba.

BOCÓ — arroio, afl. do rio dos Sinos. De "mocó", roedor da família dos Caviídeos, segundo J. Borges Gortes. A. J. de Macedo Soares diz significar alforje, e provir de "mbocog", segurar, prender, guardar.

BOÇOROCA — vila na via férrea Santiago-São Luiz. De "yby", "yvy", terra, e soroca", "soró", romper-se, rasgar-se, estalar, rebentar: terra fendida, rasgada; fenda da terra produzida pelas enxurradas; escavação profunda em terra arenosa.

BOIÁ — sanga, afl. do arroio do Frade, na região de Vacaria. Talvez de "mboyá", vassalo.

BOICI — arroio, afl. do Camaquã. De "mboicy", nome dado ao louva-deus; literalmente, "mbo-

ia", mboi", cobra, e "cy", mãe: a mãe da cobra.

BOIMIRITÁ — arroio, afl. do Guaçuí. De "mboia", "mboi", cobra, "miri", pequeno, e sufixo "itá", "etá", que indica grande quantidade: grande quantidade de cobras pequenas.

BOITIBA — arroio, afl. do Primeiro de Março, na região Missioneira. De "mboia", "mboi", cobra, e "tyba", sufixo abundancial: lugar em que há muita cobra.

BOJURU — rio do, afl. do Vacacaí; vila no Albardão; lagoa junto a essa vila; arroio, afl. do rio Conceição, na região de Cruz Alta; povoado à margem do arroio de mesmo nome. De "yembó", arroio, e "juru", "yuru", bôca: a bôca do arroio. Ou de "ybura", "yvu", água que brota para cima, manancial, fonte, e "juru", "yuru": "yvu-yuru", a bôca da fonte. Variante: Bujuru.

BORÉ — sanga do, afl. do rio da Telha, na região de Vacaria. De "boré", trombeta. Segundo A. J. de Macedo Soares, provém de "mbiré", pretérito de "mbig", que significa soprar.

BORIEMBÓ — arroio, afl. do Jacuí. De "mboia", "mbói", cobra e "yembó", arroio: o arroio das cobras?

BORORÉ — arroio ,afl. do Butuí; povoado, à margem do arroio de mesmo nome. De "mbotororé", arrulhar, ninar? Ou de "ybyrá", "vyvyra", árvore, e "rem", "rema", malcheiroso: árvore de mau cheiro? Parece mais plausível que bororé provenha de "mururé", palavra caribe que designa a planta aquática mais conhecida

como aguapé. A existência de extensos banhados na região justificaria êsse nome.

BOTUCARAÍ — coxilha e vila nas proximidades de Candelária; arroio, afl. do Jacuí. De "ybyty", "yvyty", cerro, montanha, colina, e "caraíba", "caraí", sagrado, santo, bento: cerro bendito, cerro sagrado. Theodoro Sampaio dá "talvez, **Butuquara-y**, cor. **ybytu-coara-y**, rio do buraco do vento, rio da garganta ou da bocaína".

BUJURU — variante de Bojuru (V).

BURATI — arroio, afl. do rio das Antas; arroio, afl. do Caçador: povoado junto ao segundo citado. Corruptela de "buriti"? Theodoro Sampaio dá como corruptela de "ybyra-atí", pau aguçado, a ponta.

BURICÁ — arroio, afl. do Canhembora; rio, afl. do Uruguai. "Mburicá" é a corruptela indígena de burro; é empregada atualmente para designar a mula, o burro, o asno. J. Borges Fortes propõe "burri-caá", mata dos burros, ou "buricaá", mata dos buris (palmeiras), mas parece que o topônimo em questão é, apenas, a corruptela já citada.

BURICACI — arroio, afl. do Jaguari Grande, na região de São Francisco de Assis. De "buricá" (V.), e "cy", mãe, origem.

CAÁ IARI — rio, afl. do Uruguai na região de Palmeira. Do guarani "ca'ary", suco ou sumo da erva mate; chimarrão. J. Palma da Silva, em artigo publicado no "Correio do Povo", dá a conhecer a bela lenda da erva mate:

A planta da erva-mate guarda na seiva os elementos vitais que outrora animaram o corpo de Yarí, uma formosa, terna e delicada virgem guarani. Por isso, quem toma chimarrão, absorve, com o sabor da erva, a própria alma encantada de Yarí.

Segundo a lenda, foi muitíssimos sóis antes de o homem branco aparecer nas Américas, que teve origem o miraculoso vegetal que hoje enriquece alguns municípios e delicia o paladar de tanta gente.

O alvorecer daquele dia fôra o mais belo da nova e tépida estação das flôres e dos frutos. Quando o sol espargiu pela mata seus primeiros reverberos, a orquestra da passarada, que saudava a aurora, foi abafada pelo brado imenso da tribo de guerreiros que se punha em marcha. Ao mando do nôvo cacique, partia ela, em busca de novas paragens, impulsionada pelo instinto errante da raça. Todos os membros da tribo, homens e mulheres, sentiam-se eufóricos, na expectativa de renovadas aventuras.

Na taba abandonada, só um rancho continuou habitado: o do antigo cacique. Quebrado pela velhice, não mais pudera êle seguir a tribo que chefiara a vida inteira. Sòmente a filha mais jovem, a formosa Yarí, rejeitando a côrte de muitos guerreiros, resolvera ficar. Boa filha, quis ficar ao lado do ancião, para ampará-lo na amarga decrepitude dos últimos anos de vida.

Sentado junto do rancho, o velho seguia, com a vista cansada, a tribo distanciar-se, mais, e mais, na lonjura das coxilhas. Veio-lhe à lembrança as inúmeras marchas que chefiara, à frente de seu povo. Recordou como todos admiravam então a sua habilidade no manejo do arco, a bravura com que enfrentava os combates, e a nobreza com que sempre tratara os prisioneiros e hóspedes.

De repente o velho guerreiro reclinou a cabeça nas mãos, e as lágrimas quentes da saudade, lágrimas fundamente sentidas, inundaram-lhe a face sulcada como as ravinas do chão nativo. Quando, enfim, ergueu o rosto, com o peito mais desoprimido, viu diante de si um jovem de aspecto estra-

nho. Não era de nenhuma das terras que êle conhecia. Tinha a pele alva e os olhos da côr dos céus longínquos. E que lindo era o manto que êle vestia!

Tratando de cumprir os deveres da hospitalidade, chamou Yarí e fêz o viajante entrar no rancho, oferecendo-lhe a rêde para o repouso. Em seguida a môça serviu ao recém-chegado o melhor mel e os frutos mais saborosos que ela acabara de colhêr.

O sol subiu, declinou no arco da tarde, e já estava a três braças do horizonte, quando o hóspede anunciou a partida. Instado a que pernoitasse, mesmo porque seria uma temeridade iniciar viagem à bôca da noite, o visitante revelou sua condição de enviado de Tupã, o Deus do Bem, e proferiu estas palavras:

— Sou portador de uma graça para ti e para todos os da tua raça, velho chefe guarani. Principalmente para aquêles que, como tu, chegam à idade da solidão e da saudade. Vou transformar tua linda e jovem filha numa árvore — árvore que se multiplicará, cobrindo de matas a tua terra. Quem beber das fôlhas do nôvo vegetal, sentirá o coração rejuvenescer e palpitar com as mesmas virtudes que animam a alma pura e delicada de Yarí.

E os dois guaranis, pai e filha, viram surgir, de um misterioso esplendor de luz, a primeira planta de erva-mate.

Já se afastava o enviado de Tupã, quando voltou-se e disse:

— Yarí, doravante serás a deusa dos ervais, a Caá-Yarí. E teu belo corpo, e êsse sorriso que é mais doce do que o mel das mirins, nunca mais serão vistos pelos mortais, exceto por teu velho pai e por algum ervateiro digno do teu amor.

CAÁMINI — arroio, afl. do rio das Antas, na região de Bento Gonçalves. De "caá", erva, mato, fôlha, e "mini", guarani, um pouco, pequeno: mato pequeno.

CAÁTÍ — arroio, afl. do rio Tainhas, na região de São Francisco de Paula. Do guarani "ca'ati", uma erva, literalmente erva branca, ou fôlha branca, de "caá", erva, mato, fôlha, e "tinga", "ti", branco (croton spp. albifoliae)).

CABAPOAMA — arroio, afl. do Gravataí, na região de Santo Antônio. Do tupi "cabapuã", variedade de vespa.

CABOCLO — arroio, afl. do Irapurú, na região de Taquara. De "caá", erva, mato, fôlha, e "boc", fender-se, rachar; fenda: fenda no mato, clareira no mato: nome dado aos sertanejos, provàvelmente devido aos mesmos, via de regra, abrirem uma clareira no mato, para ali levantarem sua casa.

CABRIÚVA — cerro em Taquari. De "cabureyba", "cavurey", cabriúva, árvore da família das Leguminosas (Myrocarpus frondosus, Fr. All.) A palavra é composta de "caburé", variedade de coruja, e "yba", árvore: árvore dos caburés.

CABUÇU — arroio, afl. do Piraí, na região de Bagé. De "caba", vespa, e "uçu", grande: vespa grande. É o nome indígena de uma variedade de vespa.

CABURÉ — arroio, afl. do Passo Fundo; arroio, afl. do Caracol. "Caburé", "cavuré", é o nome indígena de uma variedade de coruja.

CAÇAPAVA — rio, afl. do Ibicuí; cidade na região central do Estado; serra na mesma região. De "caá", erva, mato, fôlha, e "assapaba", lugar de passar, passagem; clareira no mato.

CACEQUI — rio e cidade na região centro-oeste do Estado. Do aruaco "cacique", chefe, e do tupi meridional "y", água, rio: o rio do chefe.

CACHOIM — arroio, formador do Arroio Grande; rincão em General Vargas. De "caá", erva, mato, fôlha, e "chuí", nome indígena do pintassilgo e de diversos outros pássaros: o mato dos pintassilgos.

CACIQUE DOBLE — vila ao N de Sananduva. Topônimo híbrido do aruaco "cacique", chefe, e do espanhol, "doble".

CAÍ — um dos grandes rios que desaguam no Guaíba; cidade, ex-São Sebastião do Caí; povoado à margem do rio Caí. De "caá", erva, mato, fôlha, e "y", água, rio: o rio do mato.

CAIABU — de "caá", erva, mato, fôlha, e "ybura", "ybu", "yvu", fonte, manancial: o ôlho de água da mata.

CAIBATÉ — arroio, afl. do Ibirapuitã; arroio, afl. do Vacacaí; arroio, afl. do Quaraí: vila na região compreendida entre Santo Ângelo e São Luiz Gonzaga. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul grafa "Caiboaté". O nome, tristemente célebre porque lembra a chacina de mais de milhar e meio de indígenas, vem de "caá", erva, mato, fôlha, e "ybaté", "yvaté", alto: capão alto, mato alto. Do "Diário resumido da demarcação da América Meridional", publicado em 1787 por José de Saldanha, engenheiro geógrafo, matemático e astrônomo: "Caibaté", pronunciado pelos índios tapes guturalmente, como se fôsse escrito entre nós — "Caiai-guaté". quer dizer Bosque Alto. É um dos (nomes) mais bem apropriados... se divisa de longe êste capão de mato..." (Apud M. Bernardi, "O primeiro caudilho rio-grandense, pg. 134-135).

CAIÇARA — localidade próxima a Frederico Westphalen. De "caá-yssá", cêrca de ramos, fortificação, estacada que, nas tabas dos indígenas, circudava a povoação; cercado de madeira, à margem de rio ou igarapé navegável, para embarque de gado; recesso onde se embosca o caçador.

CAIGUARA — arroio, afl. do Catupi, na região de Triunfo. De "caguara", bebedor de cauim.

CAIGUATÁ — lajeado, afl. do arroio Jaguarizinho. De "ca'í", pequeno macaso (Cebus fatuellus, C. libidinosus, C. valerosus, Kallithrix sciurea), e "guatá", lugar para passeio, trilha de animais: a trilha dos macacos.

CAINGANGUES — arroio, afl. do rio Uruguai, na região de Sarandi. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, por evidente engano, grafa "caigangues". Entnônimo; indígenas atualmente localizados entre o Estado de São Paulo e a região norte do Estado do Rio Grande do Sul, também chamados "coroados" devido à maneira pela qual usam o cabelo.

CAIRÉ — arroio, afl. do Ipiranga na região de São Sebastião do Caí. De "caá", erva, mato, fôlha, e "ré", sufixo guarani equivalente ao "puera" tupi: o que foi, o passado: o mato que foi, o lugar onde existiu mato. Ou, que é mais provável, a lua cheia, uma das divindades inferiores da mitologia tupi (V. "Rudá").

CAIUVÁ — lagoa ao S de Rio Grande, entre a lagoa Mirim e o litoral. J. Borges Fortes interpreta como lagoa ou mata das canoas. A segunda acepção — "caá-ygara", "caá-ygá" — parece mais plausível. Talvez se trate de "caá", erva, mato, fôlha, e "ybá", "yvá", fruta, sendo êste último vocábulo complemento de referência: mato que tem fruta (Casos mais comuns de justaposição, incorporação e composição, in "Curso de tupi antigo", Pe. Lemos Barbosa.

Souza Docca julga tratar-se de "caá-y-úpaba", "caá-y-upá", lagoa da mata.

CAÍVA — sanga, afl. do Jacuìzinho. De "caá", erva, mato, fôlha e "aíba", "aíva", ruím, estragado, impraticável: o mato impraticável.

CAJU — arroio, afl. do rio dos Sinos. De "acaju", "acayu", árvore frutífera, caju. Há quem decomponha o vocábulo em "acã-yu", fruta amarela.

CAJURU — arroio, afl. do Ijuìzinho; vila na região de Farroupilha. De "caá", erva, mato, fôlha, e "juru", "yuru", bôca: a bôca do mato.

CAMAPEVA — arroio, afl. do arroio Cerro Chato, na região de Erval. De "cama", peito, seio, e "peba", "peva", chato, plano: o seio chato.

CAMAPUÃ — De "cama, peito, seio, e "apuã", redondo: o seio redondo.

CAMAQUÃ — rio, tributário da lagoa dos Patos; cidade nas proxididades do rio de mesmo nome. O rio é, às vêzes, confundido com o Icamaquã, afluente do Uruguai na região de São Borja. CAMAQUÃ-CHICO — arroio, afl. do Camaquã na região de Bagé; arroio, afl. do Camaquã na região de Lavras; CAMAQUÃ DE LAVRAS — CAMAQUÃ DO HILÁRIO — CAMAQUÃ DO JAQUES — arroios, afl. do Camaquã na região de Lavras; CAMAQUÁ DO TABULEIRO — CAMAQUÃZINHO — arroios na região de D. Pedrito. Diz Theodoro Sampaio que o Camaquã era chamado antigamente Icabaquá. O nome atual se presta a numerosas interpretações: poderia ser corruptela de Camapuã (V), o que seria justificado pela pre-

sença, na região, de elevação ou coxilha em forma de seio. Poderia provir de "cambaacã", de "camba", negro (referente a pessoa), e "acanga", "acã", cabeça: cabeça de negro, nome de uma planta medicinal (Guazuma ulmifolia). Ou de "cambaacuá", lugar habitado por negros. O Dicionário Etimológico Prosódico de Silveira Bueno dá "cama", seio, "quá", buraco, e interpreta como "ôlho d'água". "Cuá", por outro lado, significa cintura, baixada, enentre duas elevações; "cama-cuá" seria o espaço entre os seios, ou o vale do rio. Ao nome antigo, Icabaquá, dá Theodoro Sampaio a significação de "rio do buraco (ou do ferrão) da abelha".

CAMARUPÁ — arroio, afl. do rio Rolante, que deságua no dos Sinos. De "cambará", "camará", plantas da família das Solanáceas e das Verbenáceas, e "upaba", "ypá", lagoa: a lagoa dos cambarás.

CAMBAÉ — localidade próxima a Itaqui. Talvez seja corruptela de "cambaí" (V), ou provenha de "caá", erva. mato, fôlha, e "mbaé", coisa: coisas do mato?

CAMBAQUÁ — De "camba", negro (referente a pessoa), e "cuara", "cuá", cova, buraco, caverna: esconderijo de negros.

CAMBAÍ — arroio, afl. do das Pedras, na região de Canguçu; arroio, afl. da sanga do Salso, na região de Itaqui; arroio, afl. do Garupá, na região de Quaraí; arroio, afl. do Piraju, na região de São Luiz Gonzaga. Cambaìzinho, arroio...

CAMBAÌZINHO — arroio, afl. do Vacacaí. De "camba", negro (referente a pessoa), e "y"; água, rio: o rio dos negros.

CAMBAQUÂ — De "camba", negro (referente a pessoa), e "cuara", "cuá", cova, buraco, caverna, ou esconderijo, de negros.

CAMBARÁ — arroio do, afl. do rio Pelotas, arroio, afl. do Irapuá; arroio, afl. do Ijuìzinho; arroio, afl. do Jaguari; localidade à margem da Sanga da Areia, na região de Rosário; localidade na região de São Francisco de Paula; CAMBARÁ SEGUNDO — arroio, afl. do Irapuá; CAMBARÀZINHO — arroio, afl. do Potiribú. "Cambará" é o nome indígena de várias plantas medicinais.

CAMBICA — sanga, afl. do Vacacaí. De "cambyca", espremer, torcer, prensar: o arroio torcido, espremido entre as margens.

CAMBORETÃ — arroio, afl. do Jaguari. Provàvelmente corruptela de "cambuìretã" (V). É possível que se trate de corruptela de TAMOIRETÃ, terra dos antepessados.

CAMBUÍ — arroio, afl. do rio dos Índios; arroio, afl. do Jaguari. De "cambuy", murta.

CAMBUIRETÃ — arroio, afl. do Camaquã. De "cambuy", murta, e "retã", país, terra, região: a região das murtas.

CAMOATIM — arroio, afl. do Quaraí. De "camoati", "camuatí", variedade de vespa. Saturnino Muniagurria, em "El guarani", diz: "Su nombre viene de **ca**, caba; **mo-á**, parecer, y **tí**, espina: avispa como espina".

CAMOBI — localidade próxima a Santa Maria. De "cama", peito, seio, e "oby", azul, verde: seio ou morro verde.

CAMOVERÁ — arroio, afl. do Irapuá. De "cama", peito, seio, "oby", azul, verde, e "beraba", "verá", brilhante: o morro verde brilhante.

CAMURÍ — arroio, afl. do rio Maquiné. De "camury", robalo.

CANGATÃ — arroio, afl. do Arambaré, na região de Erval. De "acanga", "acã", cabeça, e "atã", forte, rijo, duro: a cabeça dura. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul grafa "Acangatá"; é possível, então, que se trate de corruptela de "acangatara", o cocar.

CANGOERÍ — sanga, formadora do arroio Quilombo, na região de Osório. De "cangüera", "cangué", ossada, osso, carôço, e "y", água, rio: o rio da ossada.

CANGUÇU — serra na região de São Lourenço do Sul; cidade a NO de Pelotas. De "acanga", "acã", cabeça, e "uçu", grande: cabeça grande, nome dado a uma variedade de onça.

CANGUPÁ — arroio, afl. do Vacacaí. É corruptela de "acangupá" (V).

CANHEMBORA — arroio, afl. do Jacuí, na região de Júlio de astilhos. De "canhembora", fugitivo. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul grafa "Canhemborá".

CANHIMA (ex-Sumidouro) — arroio, afl. do Conceição, o qual deságua no Ijuí. De "canhema",

fugitivo, perdido; perder-se, desaparecer, sumir: arroio que se some, talvez devido ao mesmo ter subterrânea parte de seu curso.

CANOA — arroio, tributário da lagoa Mirim; ponta da, na lagoa Mirim, próxima à foz do arroio de mesmo nome; pôrto, na mesma região; pôrto na lagoa Ipipe, na região de Osório; morro na região de Taquara; CANOAS — arroio, afl. do Passo Fundo; ponta das no rio Guaíba; cidade; povoado na região de Montenegro. Do aruaco "canauá", tipo de embarcação; o vocábulo passou para o vocabulário internacional, dando em alemão e em inglês respectivamente "kanoe" e "canoe", em francês "canot", em italiano "canotto", etc.

CAPANÉ — arroio, afl. do Jacuí; vila ao S de Cachoeira; CAPANÈZINHO — arroio, afl. do Capané. De "caá", erva, mato, fôlha, e "panema", "pané", inútil, imprestável, estéril: mato inútil, i. é mato sem caça.

CAPÃO — essa palavra aparece como parte de numerosos topônimos rio-grandenses: Capão da Canoa, Capão Alto, Muitos Capões, etc. De "caé", erva, mato, fôlha, e "paû", intervalo, meio, espaço diferente do meio que o circunda: intervalo de mato, ilha de mato no meio do campo.

CAPEATI — arroio, afl. do Butuí Mirim, na região de São Borja. Do guarani "capi'ihati", plantas (Cenchrus echinatus, C. tribuloides).

CAPIGUI — rio, formador do Guaporé. De "capií", erva, capim, "guy", de baixo, e "y", água, rio:

rio de baixo do capim, rio que corre escondido pelo capim.

CAPIM — arroio, afl. do Santa Rosa, na região de Santa Rosa; arroio afl. do Feitoria, na região de São Leopoldo; CAPINZAL — localidade próxima a Passo Fundo. De "capií", "capi'í", capim, erva, palha.

CAPIVARA — arroio, também chamado Coipú, na região de Guaíba; arroio, a SE de Pôrto Alegre, afl. do Guaíba; arroio, afl. do Arenal, na região de Santa Maria; arroio, afl. do rio Santa Rosa; arroio, afl. do rio Taquari; arroio da Capivara, afl. do rio Santa Maria; Capivaras, arroio, afl. do Santa Maria, na região de D. Pedrito; sanga das, afl. do Ibicuí; saco das, na lagoa Mirim, região de Santa Vitória do Palmar; arroio, afl. do rio Piratini; arroio, afl. do Jacuí; lugarejo no litoral, em frente à ilha dos Ovos, região de São José do Norte; arroio das, afl. do rio Sarandi; arroio que desemboca no Saco de Tapes. De "capiiguara", "capi'ivá", capivara. "Capii-guara" é, literalmente, o comedor de capim.

CAPIVARI — arroio, afl. do Ibirapuitã; lagoa, prolongamento da do Casamento; rio, tributário da lagoa Capivari; arroio, afl. do Jacuí; arroio, afl. do Capivari dos Matos, arroio, afl. do Capivari afl. do Jacuí. (Quaraí); povoado a NO de Alegrete; vila na região de Rio Pardo. De "capivara" (V), e "y", água, rio: o rio das capivaras.

CAPIVARITA — localidade na estrada Pântano Grande — Encruzilhada do Sul. Corruptela de "Capivari" (V).

CAPOEIRA — arroio, afl. do Pedras, na região de Encruzilhada; antigo nome do arroio Ogaraiti; arroio das Capoeiras, afl. do Grande, na gião de São Francisco de Paula; arroio, afl. do Ijuí; Capoeirinha, povoado à margem de um tributário do rio Carreiro. De "caá", erva, mato, fôlha, e sufixo tupi "puera", que indica o passado, o que foi. "Caá-puera", mato que foi, mato rocado.

CAPOERÊ — localidade próxima a Erechim. Do caingangue "caapu", pulga, e "herê", campo: o campo das pulgas.

CAPOROROCA — arroio, tributário da lagoa Mirim; sanga, afl. do Camaquã; arroio, afl. do Tupanci; arroio, afl. do Piratinizinho; rincão em São Gabriel. Nome de uma árvore muito comum no Rio Grande do Sul, família das Mirsináceas. De "caá", erva, fato, fôlha, e "pororoca", estrondear, estrondo, macaréu: a árvore que arrebenta, que estrondeia.

CARÁ — arroio, afl. do Passo Fundo; arroio, afl. do rio dos Touros, na região de Bom Jesus; arroio, afl. do Caí; arroio, afl. do Cipó, na regiã de São Francisco de Paula; arroio ,afl. do rio Santa Cruz, na região de São Francisco de Paula; arroio, afl. do Espêto, na região de Vacaria. De "acará", "cará", nome de diversos peixas da família dos Ciclídeos. Também, de uma planta tuberosa.

CARÃ — arroio, afl. do Camaquã. É palavra indígena onomatopaica do grito da ave dêsse nome.

CARAÁ — arroio, afl. do rio dos Sinos; arroio, tributário da lagoa Mirim; localidade próxima a Osório, anteriormente denominada Rio dos Sinos; Caraá Mirim, arroio, formador do Caraá afluente do rio dos Sinos. De "caraá", concavidade.

CARACARÁ — ou Guará — arroio, afl. do Araçá, o qual deságua no Guaíba, próximo à Barra do Ribeiro. De "caracará", variedade de gavião.

CARAGUATÁ — arroio, afl. do Tuparendi. "Caraguatá" é o nome indígena do gravatá, bromeliácea comum em nossos campos.

CARAGUATÍ — arroio, afl. do Ibicuí; arroio em Santo Ângelo. De "caraguatá", gravatá, e "y", água, rio: o rio dos gravatás.

CARAÍ — arroio, afl. do Vigário, na região de Viamão. De "caraíba", "caraí", que tem diversos significados: sagrado, santo, bento; branco, cristão; europeu, estrangeiro; batizar, batismo. Tratando-se de um afluente do "Vigário", a maioria dos significados lhe pode ser aplicada...

CARAÍ PASSO — arroio, afl. do Inhacundá. Expressão híbrida de português (passo), e guarani, "caraí": o passo bendito, o passo sagrado.

CARAIPÉ — arroio, afl. do Forqueta. De "caraí", na acepção de branco, cristão, dono, senhor, e "pé", o caminho: o caminho do branco, do senhor?

CARAJÁ — arroio, afl. do Camaquã; arroio, em São Francisco de Paula; arroio, afl. do Seival, na região de Caçapava; arroio em Passo Fundo; localidade na estrada Caçapava-Lavras do Sul. Carajá Mirim, arroio, afl. do Carajá de Caçapava; Carajàzinho, povoado na região de Santo Ângelo. De "carajá", "carayá", variedade de macaco (Alouata nigra); nome dado, por desprêzo, pelos índios, aos que não são de sua tribo.

CARAPANÃ — arroio, afl. do Morundú, na região de Caçapava. Do caribe "carapanã", grande mosquito da família dos Culicídeos. Na Amazônia o vocábulo tem, pouco mais ou menos, a mesma significação genérica que, entre nós, "mosquito".

CARAPI — sanga, afl. do rio Guaporé. De "carapí", adj., coisa cortada, pequena.

CARAPICÚ — sanga, afl. do rio Caí. De "carapucu", variedade de cogumelo; nome de uma planta da família das Malvéceas. Talvez composto de "cará", planta tuberosa, e "pucu", comprido, alto.

CARAUNA — sanga, afl. do Vacacaí, na região de São Sepé. De "acará", "cará", nome de vários peixes da família dos Ciclídeos, e de uma planta tuberosa, e "una", preto, escuro, negro: o acará preto. O vocábulo pode, ainda, ser corruptela de "guyrá-una", graúna, e como tal figura no "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa". Arroio do Caraúno, na rerigão de Bom Jesus: corruptela de "caraúna".

CARÀZINHO — arroio, afl. do Barra Grande, na região de Lagoa Vermelha; arroio, também chamado Araçàzinho, na região de Soledade; cidade na região Serrana. De "cará", planta de raiz comestível, da família das Dioscoriáceas. Ou de "cará", casca, crosta.

CARÍ — arroio, afl. do Carumá, na região de Caxias do Sul. De "guacari", ou "acari", peixe também chamado cascudo.

CARIJINHO — arroio, afl. do Jacuìzinho, na região de Sobradinho. Do caingangue "carijo", "jiráu ou grade de varas sôbre forquilhas em cima do qual se estende a erva, acendendo-se por baixo o fogo para sapecá-la" (Macedo Soares, "Dicionário Brasileiro"). É o dispositivo também chamado barbaquá.

CARIJÓS — arroio, afl. do rio da Várzea. Carijó é etnônimo; nome pelo qual eram conhecidos os guaranis que habitavam a região compreendida entre a lagoa dos Patos e Cananéia.

CARIOCA — arroio, afl. do rio dos Sinos. De "caraí", possìvelmente aqui com o sentido de "homem branco", e "oca", casa: a casa do homem branco. Plínio Ayrosa, em nota sôbre o diálogo de Jean de Lery, escreve "Tem-se dado diversas interpretações ao nome **Carioca.** Uma das que mais naturalmente ocorrem é a de "kari-ôg", casa do branco ou do guerreiro, **gentis albae vel gentis in bello egregiae domus.** Considerando, porém, o que Lêry diz que era nome de um rio donde proveio o da taba, seria possível interpretar-se: "Kaá-ryóg", corrente saída do mato, mas para isso

seria preciso forçar a significação de "óg", que é transitiva, tornando êste verbo neutro".

CAROVI — arroio, afl. do Inhacapetum; arroio, afl. do Icamaquã; localidade próxima a Santiago do Boqueirão. De "caroba", "carova", árvore medicinal (jacaranda brasiliensis), e "y", água, rio: rio das carobas. Caroba, por sua vez, é formada por "caá", erva, mato, fôlha, e "roba", amargo: planta amarga, de gôsto ruím. É possível, ainda, que carovi provenha de "caá-r-oby", literalmente fôlha verde ou azul, pois "oby", significa tanto verde como azul.

CARUABA — arroio, afl. do Carijinho. "Caruaba", tupi, é o lugar, o tempo, ou o modo de comer; mais tarde teve, também, a significação de mesa.

CARUAPE — arroio, afl. do rio da Prata, na região de Lagoa Vermelha. Do guarani" caruhape" durante a refeição.

CARUARA — localidade próxima a Farroupilha. De "caru", comer, comilão, guloso, e "uara", "sara", que, o que: o que come, o comilão; nome dado a uma variedade de formiga das árvores.

CARUCA — arroio, afl. do Tinguité, na região de Taquari. "Caruca", tupi, significa tarde (subst.), o entardecer. "Iané caruca", boa tarde (literalmente, nossa tarde) é saudação usada pelos caboclos da Amazônia, segundo Faris A. S. Michaele, "Manual de Conversação da Língua Tupi".

CARUMBÉ — arroio, afl. do rio Touro Passo; localidade na via férrea entre Alegrete e Uruguaia-

na. "Carumbé" é tartaruga entre os povos de língua guarani; na Amazônia, "carumbé" se aplica apenas ao jaboti macho, sendo dado à fêmea o nome de "jabota".

CARURU — arroio em Caxias do Sul. De "caáruru", planta medieval da família das Amarantáceas. Talvez de "caá", erva, mato, fôlha, e "ruru", inchado, empapado. Entretanto, a erva em aprêço, comum nos campos recém lavrados, não parece justificar essa etimologia.

CATANDUVA — arroio, afl. do Ibicuí. Tanto Theodoro Sampaio como J. Borges Fortes e Souza Docca dão "caatã-dyba", local do mato ralo. De fato, é possível que se trate de corruptela de "ñanandy", pastiçal, macegal.

CATI — arroio, afl. do Quaraí; localidade próxima a Quaraí. De "caá", erva, mato, fôlha, e "tinga", "ti", branco; mato branco, nome dado ao mato nôvo, que ostenta côr mais clara que a do mato antigo. Ou de "ca'ati", uma erva, literalmente erva branca (Croton spp. albifoliae). V. Caáti.

CATIGUÁ — arroio, afl. do Jacutinga, na região de Santa Rosa. "Catiguá" é uma árvore que fornece matéria corante.

CATIMBAU — arroio, afl. do Aires, na região de Canguçu; cêrro em Alegrete. De "caá", erva, mato, fôlha, "tinga", "ti", branco, e "pau", trecho de terreno diferente do terreno circundante: capão de mato branco, de mato nôvo. Theodoro Sampaio dá "caá-tymbá", o pau muito alvo. Gonçalves Dias, a "catimbáo repoty"

da a significação de "sarro de cachimbo", interpretando assim "catimbáo" como cachimbo.

CATITI — arroio, afl. do Biaraju. "Catiti" é o nome tupi da lua nova, elevada a divindade inferior. Couto de Magalhães, em "O selvagem", diz "... Catiti, ou lua nova, cuja missão é despertar saudades no amante ausente". E mais adiante: "A invocação à lua nova é a seguinte:

Catiti, Catiti
Imára notiá
Notiá imára
Epejú (fulano)
Emu manuára
Ce recé (fulana)
Cuçukui xa ikó
Ixé anhú i piá póra.

"Não entendo o terceiro e o quarto verso; o 1.º e os últimos dizem o seguinte: Lua nova, ó lua nova! assoprai em fulano lembranças de mim; eis-me aqui, estou em vossa presença; fazei com que eu tão sòmente ocupe seu coração".

CATUÇAVA — Do nheengatu "catuçaua", bondade.

CATUCÁ — arroio, afl. do Duro, na região de Camaquã. De "cutuca", "cutu", ferir, picar, furar, arpoar. Ou do guarani "cutuchá", o que fere, o que espeta.

CATUCUXÁ — arroio na região de Caxias. Talvez hibridismo de tupi, "catu", bom, bem, muito, e quechua "cochá", lagoa, alagadiço. Ou minuano "kuchá", frio: muito alagadiço, ou muito frio.

CATUIPE — arroio, afl. do Ijuí; Vila na região de Santo Ângelo. Talvez de "caá", erva, mato, fôlha, "tuí", tu'i", uma ave, variedade de periquito, e "-pe", sufixo que significa "em", "no": no mato que tem periquitos.

CATUPÉ — arroio, afl. do Piapora, na região de São Sepé. De "caá", erva, mato, fôlha, e "tupé", guarani, baixo: mato baixo.

CATUPI — rio, afl. do Taquari; povoado nas nascentes do rio de mesmo nome. A interpretação parece ser a mesma de "catupé"; há entretanto, a possibilidade de se tomar "tupi" como "moreno", escuro: o mato escuro. Catupi Mirim, arroio, afl. do Catupi.

CATURETÊ — rio, afl. do da Várzea; povoado na região de Sarandi; Caturetê Mirim, arroio, afl. do Caturetê. Talvez de "catu-r-etê", de "catu", bom, bonito, "etê", verdadeiro, legítimo: verdadeiramente bom, muito bom. Ou do guarani "catueté", adv., sem falta, seguramente; o mesmo, o próprio.

CAÚNA — arroio, formador do das Oliveiras, na região de Canguçu; arroio, afl. do Capim, na região de Santa Rosa; arroio, afl. do rio Burricá. De "caá", erva, mato, fôlha, e "una", "hu", preto, escuro: mato escuro.

CAVAJURETÃ — arroio, afl. do arroio da Divisa. "Cavajuretã" é híbrido do espanhol "caballo", e do guarani "retã", terra, pátria, região: região dos cavalos.

CAVERÁ — arroio, afl. do Ibirapuitã; serra, junto ao arroio de mesmo nome; Caveràzinho, arroio, afl. do Caverá. De "caá", erva, mato, fôlha, e "beraba", "verá", brilhante: erva brilhante, nome de uma planta medicinal também chamada sete-sangrias.

CAXAMBU — rio, afl. do Ijuí. É possível que provenha de "caá", erva, mato, fôlha, "tinga", "ti", branco, e "ambú", ronco, bufido: o rumor do mato branco, do mato nôvo?

CHÁCARA — sanga da, na região de Santa Maria; chácara é palavra que aparece como parte de diversos topônimos: Chácara das Pedras, bairro em Pôrto Alegre; Chácara Barreto, etc. É palavra quechua, tendo conservado a significação primitiva.

CHACHIM — V. "Xaxim".

CHAMBÁ — arroio, afl. do Guaíba, na região de Itapuã. Talvez de "che-amba'y", literalmente minha figueira", de "che", eu, me, meu, e "amba'y", planta medicinal, figueira-do-inferno. Velhas figueiras na região parecem justificar essa interpretação.

CHANGUÍ — sanga, afl. do arroio João Teixeira, na região de Tapes. "Changuí", no Rio Grande do Sul, é "usado na expressão **não dar changuí**: não dar quartel ao inimigo; não dar vantagem no jôgo" (Peq. Dic. Bras. da Língua Port.). A palavra foi adotada pelo guarani moderno ("Vantaja falsa que se da en juego o carrera" — Jover Peralta, Dic. Guarani-Español), porém é proveniente do quechua.

CHARRUA — vila ao N de Tapejara. Etnônimo: índios que habitavam parte do território do Rio Grande do Sul.

CHASQUEIRO — arroio, tributário da lagoa Mirim; Chasqueirinho, arroio, afl. do Chasqueiro. "Chasqueiro — diz-se do trote largo e incômodo dos cavalos" (Peq. Dic. Bras. da Língua Port.). Possìvelmente derivado do quechua "chasque", mensagueiro; chasque é vocábulo corrente no Rio Grande do Sul.

CHERANDÊ arroio, afl. do Morundú, na região de Caçapava. Também chamado Segredo. Talvez corruptela de "che reindi", minha irmã. É possível, também, que se trate de "kirandy", nome de uma árvore medicinal.

CHIMBOCU — arroio, afl. do Piratini. De "ti", ponta, nariz, focinho, e "pucu", comprido: nariz comprido, narigão.

CHINA — arroio, liga a lagoa dos Patos à Pequena, na região de Pelotas. Do quechua "china", fêmea, mulher.

CHINIMÁ — cêrco nas nascentes da sanga Itamainó, na região de São Pedro. Corruptela de "syindá", "suindá", guarani, variedade de coruja? Ou derivado do quechua "china", mulher, fêmea?

CHINIQUÁ — núcleo colonial em Santa Maria. Expressão híbrida do quechua, "china", fêmea, e guarani, cuá": o vale da china.

CHIPIÚ — arroio, afl.| do Toropi Mirim. "chipiú" é o nome indígena do tico-tico.

CHOCÁ — J. Borges Fortes dá como corruptela do quechua "cochá". lagoa, alagadiço, pantanal. Variante: "chucá".

CHUÍ — arroio no extremo S do Brasil, fronteira com o Uruguai; localidade à margem do arroio de mesmo nome. "Chu'í" significa pequeno, com referência a animais. É, também, com pequena modificação ("chuí"), o nome de uma ave (Sicalis pelzelmi). "Chuí-y", o rio dos chuís. Souza Docca da "chuê-y", de "chuê", tartaruga, e "y", água, rio: o rio das tartarugas.

CHUNI — arroio, afl. do Piratini; Chunizìnho, também arroio, afl. do Piratini. Talvez corruptela de "chuí".

CHURÍ — arroio. afl. do Jacuí. "Churi" é um dos nomes indígenas da ema.

CIANGÁ — arroio, afl. do Grande, na região de Erval. Do guarani "syangá", madrasta, madrinha.

CIPÓ — arroio, afl. do Cotia, na região de Santa Rosa; arroio, afl. do rio Tainhas, na região de São Francisco de Paula; arroio do, afl. do Gravataí. De "yssypó", cipó, liana. Theodoro Sampaio dá "içá-pó", galho-mão, galho que segura.

COMANDAÍ — rio, afl. do Uruguai, na região de Santo Ângelo; localidade próxima à nascente do rio de mesmo nome; Comandaìzinho, arroio, afl. do rio Comandaí. De "cumandá", fava, e "y", água, rio: o rio das favas.

CONGONHA — arroio, afl. do rio dos Touros. "Congonha" é o nome caingangue da erva mate.

CORUMIM — riacho, afl. do rio Ibirubi, na região de Caràzinho. De "curumi", "cunumí", menino. No linguajar brasileiro, principalmente na Amazôna, onde é vocábulo de uso corrente, é

mais empregada a grafia "curumim", mais de acôrdo, aliás, com a pronúncia indígena. V. "Curumim".

CORUPÁ — arroio, afl. do Jacuí; Corupá Mirim, arroio, afl. do Corupá. "Curupá" era um narcótico vegetal, empregado pelos índios para entrar em transe, ou para entorpecer peixes, a fim de mais fàcilmente capturá-los.

COTIA — V. "Cutia".

COTEGIPE — Vila, à margem do Rio Grande. Provàvelmente de "coty-g-y-pe, literalmente "no lado do rio".

COTIPORÃ — arroio, afl. do rio das Antas; vila (Ex-Monte Vêneto) na região de Alfredo Chaves. De "coty", lado, canto, aposento, e "poranga", "porã", bonito: lado bonito, região bonita, moradia bonita.

COTUBA — arroio, afl. do Forqueta. Talvez não seja palavra tupi; uma etimologia possível seria "có", roça, e "tyba", sufixo abundancial, quantidade, multidão: muitas roças, lugar onde há grande número de roças.

CRAGOATÁ — arroio, afl. do Bugre, na região de Passo Fundo; arroio, afl. do Tapejara, também na região de Passo Fundo. Provàvelmente corruptela de "caraguatá", gravatá, bromeliácea comum em nossos campos (Bromelia serra).

CRIÚVA — vila nas proximidades de Flores da Cunha. De "kirikiri", ave de rapina, chimango Falco rufigulares, Daud), e "yba", "yva", árvore: a árvore dos chimangos.

CUCHÃ — arroio, afl. do Ibicuí. Do quechua "cochá", a lagoa, o alagadiço, o pantanal, Aurélio Pôrto, em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico, dá "kuchá" como significando "frio" na língua dos minuanos.

CUIAS — arroio, afl. do Jacaré, na região de Encantado. "Cuia" é palavra tupi, e tinha o significado que ainda hoje lhe é dado: um "porongo" (quechua) adaptado para servir como caneca, vasilha, ou para o preparo do chimarrão.

CUNDAÍ — arroio, afl. do Tanimbú, na região de Caxias. De "cundaba", retorcido, enroscado, e "y", água, rio: "cundá-y", rio retorcido, rio que faz muitas voltas.

CUNHÃ — arroio, afl. do Vigário, na ergião de Viamão. De "cunhã", "cuñá", mulher, índia, fêmea.

CUNHATAÍ — arroio, afl. do Santa Maria; cêrro à margem do rio Santa Maria. De "cunhãtai", "cuñataí", menina, môça, donzela, senhorita. Um amigo, que exerceu a medicina em região de língua guarani, afirma que o nome só é dado, pelos índios, a mulher realmente môça, e que além de bonita, seja virgem.

CURÍ — arroio, afl. do rio Maquiné, na região de Osório. "Curí", significa "hoje"; é provável,

porém, que seu significado, no caso em aprêço, seja "palmeira".

CURIÁ — arroio, afl. do rio Vacacaí. Possìvelmente de "curí", nome de palmeiras, e "a", fruto, grão: o fruto da palmeira.

CURIAU — arroio, afl. do Jacuí Mirim, na região de Caràzinho. Talvez de "curucáu", guarani, uma ave (Molybdophanes caerulescens, Theristicus caudatus). Na língua tupi "curuca" significa "resmungar". A ave em aprêço seria "resmungona". A expressão da gíria "velha coroca" possìvelmente terá origem no mesmo verbo tupi.

CURICUÉ — arroio, afl. do Biaretã. De "curí", nome de palmeiras, e "cué", sufixo guarani que indica o passado; corresponde ao "puera" do tupi. "Curi-cué", palmeira que foi, palmeira que morreu.

CURUÁ — arroio, afl. do Camaquã. De "curuá", trepadeira da família das Cucurbitáceas.

CURUÇU — rio, afl. do das Antas; arroio, afl. do rio Itu; arroio, afl. do Jaguarìzinho; arroio, afl. do Butiá, na região de Soledade; povoado na linha férrea Santa Maria-São Borja; povoado à margem do arroio Curuçu, na região de Soledade. "Curuçu", "curuzu", "curuçá", são corruptelas indígenas da palavra cruz.

CURURU — arroio, formador do Itacurubi, na região de São Borja. "Cururu" é o nome indígena do sapo.

CURUMIM — povoado na faixa litorânea, entre Capão da Canoa e Tôrres. De "curumi", "cunumí", menino. Variante: Corumim.

CUTIA — arroio, afl. do Patos, na região de Santa Rosa; morro em Pôrto Alegre. De "acuti", cotia, roedor da família dos Caviídeos. "Acuti", segundo Theodoro Sampaio, decompõe-se em "a-coti", indivíduo que se posta ou se assenta; alusão ao hábito do animal, de se assentar para comer. Para os índios, êsse animal simboliza a imprevidência preguiçosa.

E

A letra "E", como inicial, é pouco freqüente no tupi e no guarani. Os vocábulos aqui relacionados ou são corruptelas de tupi (embaé por mbaé, por exemplo), ou pertencem a outras línguas indígenas.

EMBAÉ — (ou Itu) arroio, afl. do Santa Maria. De "mbaé", cousa, objetos, bens.

EMBIARA — sanga, afl. do arroio Tupanci, na região de São Sepé. De "mbiara", a prêsa, a caça (já apanhada), o prisioneiro.

EMBOABA — (ex-Nova Milão), vila na região de Farroupilha. Etimologia muito discutida. Saint-Hilaire, Cassal e Pizarro dão-na como provin-

da de "mboab", pássaro de pernas emplumadas; o apodo "emboaba" seria assim uma alusão às calças usadas pelos estrangeiros. Batista Caetano dá "i-amboa-baé", laçadores de gente. A. J. de Macedo Soares pende para "aba-ambôaê-abá", homem de cabelos diferentes. Theodoro Sampaio diz que, como verbal de "mbo-ab", exprime a ação de fazer que fira, a agressão. Afonso A. de Freitas, no "Vocabulário Nheengatu", julga não ser palavra proveniente de língua indígena americana, mas do cabinda "emboá", que significa cão. O vocábulo foi incluído no nheengatu, com a significação de "estrangeiro".

ENAPUPÉ — arroio, afl. do rio dos Sinos. Talvez de "nhana", "ña", correr, e "pupé", dentro de, em meio de, entre.

EREBANGO — vila ao S de Erechim. Do caingangue "herê", campo, e "bang", grande: o campo grande.

ERECHIM — rio, afl. do Passo Fundo; cidade, na região de Marcelino Ramos. Do caingangue "herê", campo, e "chim", pequeno: o campo pequeno.

ERUNDÍ — arroio, afluente do Amandaú, na região de Santa Rosa. De "irundyc, "irundy", quatro, quatro vêzes.

F

As línguas indígenas não empregavam o som correspondente a esta lêtra.

G

GARAMANA — (Guaramana) arroio, afl. do Camaquã. De "guará", garça, e "amana", nuvem: nuvem de garças?

GARAPÓ — arroio, afl. do Lobato, na região de Santa Maria. Talvez de "guarapo", resíduo ou sumo de mel ou de fumo. No Rio Grande do Sul é usada a palavra "guarapa" com o significado de "caldo de cana".

GARUPÁ — arroio, afl. do rio Quaraí. De "ygara", "ygá", barco, canoa, e "upaba", "ypá", lago, lagoa: a lagoa das canoas. Ou de "ygara", "ygá", e "upaba", "tupá", "rupá", leito, cama: "ygá-rupá, o leito, ou local, das canoas.

GAURAMA — cidade na região N do Estado, próxima a Erechim, rio, afl. do Passo Fundo. De "ygau", planta parasita, comumente denomi-

nada "barba-de-velho", e "retama", "retã", "rama", terra, pátria, região: a região da barba-de-velho. A "Enciclopéia dos Municipípios" diz que talvez signifique "barro", mas tal interpretação não parece plausível.

GERIVÁ — arroio, afl. do Itapeva, na região de Candelária; cêrro, à margem do arroio Caneleiras, na região de Pelotas; arroio, afl. do Grande da Guarda, na região de Taquara. "Gerivá" é o nome indígena de uma variedade de palmeira. Há quem afirme que a palavra se decompõe em "yari-ybá", fruto que cai à toa.

GIRIVÁ — arroio, afl. do Potiribú, na região de Ijuí. Variante de "gerivá".

GIRUÁ — rio, afl. do Comandaí; cidade na região missioneira. Corruptela de "gerivá". Giruàzinho, arroio, afl. do Giruá.

GOIABA — arroio, afl. do Jacuí; GOIABAL — arroio, afl. do rio Vieira, na região de Vacaria; Goiabeira, arroio, afl. do rio das Antas; sanga, afl. do rio Vieira; Goiabeira, arroio, afl. do rio Cerquinha; arroio das, afl. do rio Pelotas; arroio das, afl. do Upamoroti. Do aruaco "guayaba". O vocábulo é de emprêgo corrente em todo o Brasil, sendo curioso notar que a pronúncia "guaiaba", geralmente considerada incorreta, é a que menos se afastou da original.

GOIO-EN — povoado junto ao rio Uruguai, na região da foz do rio Passo Fundo. Do caingangue "goió", água, rio, e "en", fundo: rio fundo, água profunda.

GOIOFÁ — arroio, afl. do Passo Fundo, na região de Sarandi. É palavra caingangue; "goió" significa água, rio — é o correspondente caingangue do "y" do tupi meridional —; "fá", provàvelmente um adjetivo, tem significação ignorada.

GRAVATÁ — arroio, afl. do Turvo, na região de Palmeira; povoado em São José do Norte. De "caraguatá", bromeliácea (bromelia serra).

GRAVATAÍ — rio, tributário do Guaíba; cidade e município, a L de Pôrto Alegre. De "caraguatá", gravatá, e "y", água, rio: o rio dos gravatás.

GRAXAIM — lagoa, ligada à dos Patos, na região de Camaquã. De "aguaracha'i", variedade de raposa, (Canis brasiliensis). Variantes: guarachaim, guaraxaim.

GRUMATÃ — arroio, afl. do rio das Antas. De "curimatá", "curimbatá", peixe da família dos Caracídeos.

GUABIJÚ — arroio do, afl. do rio Pelotas; vila próxima a Nova Prata. De "yvaviyú", "guaviyú", árvore frutífera (Eugenia pungens). Talvez de "guaba", verbal de "u", modo, tempo, instrumento, etc., de comer, e "juba", "yú", amarelo: o comestível amarelo.

GUABIROBA — arroio, afl. do arroio do Jacaré, na região de Encantado; arroio, afl. do São Domingos, na região de Guaporé; arroio, afl. do rio Ligeiro, na região de Lagoa Vermelha; arroio, afl. do rio Pratos, na região de Santa Rosa. De "guaba" (V. Guabijú), e "roba", "ro", amargo: o comestível amargo.

GUABIROVA — córrego, afl. do rio Erechim. Variante de "guabiroba".

GUAÇATUNGA — arroio, afl. do rio Jaguarí. É o nome de uma planta medicinal. Theodoro Sampaio diz derivar de "guá-eçá-tunga", o que atravessa névoas nos olhos, o que turva a vista.

GUACAXI — arroio, afl. do rio Guaporé. Talvez corruptela de "guacarí", um peixe, cascudo.

GUACHO — arroio do, afl. do rio das Antas, na região de Vacaria. Do quechua "huajacha", ou "huagcha", pobre, órfão. Diz-se do animal — e também da criança — que foi ou está sendo criado sem o leite materno.

GUAÇU — arroio, afl. do Ibicuí; arroio, afl. do Caí. "Guaçu" poderá ser interpretado como "grande"; entretanto, muito provàvelmente, aqui se trata de vocábulo que, no tupi meridional e no guarani, indicava o veado. Corresponde ao "suaçu" do tupi de São Vicente.

GUAÇU-BOI — arroio, afl. do Ibirocaí; localidade na via férrea Alegrete-Uruguaiana. De "guaçu", forma guarani e tupi do sul de "suaçu", veado, e "mboia", "mboi", cobra: cobra de veado, cobra da família dos Boídeos (Epicrates cenchria, L).

GUAÇUÍ — arroio, afl. do Ijuìzinho. De "guaçu", veado, e "y", água, rio: o rio dos veados.

GUAÇUPI — rio, afl. do Toropi; arroio, também afl. do Toropi; cêrro à margem do rio de mesmo nme; povoado na mesma região; Guaçupìzinho, arroio, afl. do rio Guaçupi. Segundo J. Borges Fortes, de "guaçu", veado, "pé", o

caminho, e "y", água, rio: o rio do caminho do veado.

GUAÍ — arroio, afl. do Ibiratobá. Das diversas etimologias possíveis, a mais plausível parece ser "rio dos papagaios", de "gua'á", variedade de papagaio (Anorhynchus glaucus, Vieill), e "y", água, rio.

GUAIÁ — arroio, afl. do Manuará. De "guajá", variedade de caranguejo.

GUAÍBA — rio que banha Pôrto Alegre; cidade à margem direita do mesmo. De "guá-y-be", na enseada, na baía, segundo Theodoro Sampaio. Souza Docca diz tratar-se de "baía de tôdas as águas". Paulo Xavier, em artigo, dá o topônimo como derivado de ygaí, nome dado ao Jacuí em antigos mapas; essa parece ser a interpretação mais acertada.

GUAICÁ — arroio, afl. do Aguapé, na região de Tupanciretã. Talvez de "guayacá", árvore, pausanto (Bulnesia sarmienti).

GUAIMÍ — arroio, afl. do Inhachuê, na região de Soledade. De "guaibi", forma tupi, "guãimí", "íuaivi", formas guaranis: velha, anciã.

GUAIÚ — arroio, afl. do Piratini. Talvez de "guahú", ladrido.

GUAIUPIÁ — arroio, afl. do rio Turvo, na região de Palmeira. De "Guajupiá", nome de um espírito dos pajés bons; "guayupiá" é, também, empregado como sentido de "feiticeiro".

GUAPÍ — sanga, afl. do rio Maquiné. De "guapy", tranqüilo, plácido, sossegado.

GUAPIRA — arroio, afl. do arroio Galinha, na região de Santo Antônio. Corruptela de "guapi" (V).

GUAPITANGUÍ — arroio, afl. do Quaraí; sanga, afl. do arroio Lajeado, na região de Santiago. Segundo Souza Docca, é palavra composta: "guápitang-y, rio das pitangas.

GUAPORÉ — rio, formado pelos rio Capiguí e Marau, e afl. do Taquari; cidade da região centro-nordeste do Estado, na Estrada Bento Gonçalves-Passo Fundo. J. Borges Fortes dá "ybáporei", "yvapore'y", árvore frutífera (Eugenia specialis). O mesmo nome, "yvapore'y", é dado, também, à pitangueira comum. Souza Docca sugere "cuá-pora-eyma", de "cuá", cova, caverna, buraco, vale, "pora", o que está contido em, habitante, e "eyma", sufixo de negação: vale que não tem habitantes. A primeira interpretação parece mais plausível.

GUARÁ — sanga, afl. do arroio Faxinal, na região de Canguçu; cêrro na região de Guaíba; arroio, afl. do arroio Barracão, na região de Piratini; localidade na via férrea, junto à cidade de Rosário do Sul; arroio, também chamado Caracará, na região de Tapes; arroio, afl. do arroio da Anta, na região de Vacaria "Guará" é o nome indígena da garça; em alguns casos é possível que se trate de corruptela de "aguará", cachorro-do-mato.

GUARACAPÁ — arroio, afl. do Piratini. De "guaracapá", escudo.

GUARACHAINÍ — arroio, afl. do Candiota. De "guaracha'i-y", rio dos graxains.

GUARAMANA — arroio, afl. do Camaquã. De "guará", garça, e "amana", chuva, nuvem: nuvem de garças?

GUARANI — cidade na região missioneira, nas proximidades de Santo Ângelo. Nome da principal raça indígena do Paraguai, de parte da Argentina e parte do Brasil. No vocabulário guarani a única palavra semelhante a "guarani" é "guarini", que significa guerreiro. Provàvelmente guarani é a pronúncia incorreta, por parte dos conquistadores espanhóis, de "guarini"; os primeiros encontros entre uns e outros não foram exatamente amistosos, o que justificaria o nome dado pelos invasores aos que se opunham à invasão de seus domínios. Por outro lado, Batista Ceatano, com sua incontestável autoridade, dá a palavra como procedente do aimara "vecarani", isto é, "os que usam tanga".

GUARAPERÊ — arroio, afl. do Grande, na região de Erval. De "guará", garça, e "pereba", "peré", chaga, ferida, cicatriz, sinal, vestígio: o rastro das garças.

GUARAPUITÃ — arroio, afl. do Uruguai na região de Uruguaiana. De "guará", garça, e "puitã", "pitã", vermelho: garça vermelha.

GUARARAPES — vila (ex-Nova Roma) na região de Caxias do Sul; povoado próximo à vila de Arambaré, na margem O da lagoa dos Patos. De "guarará", tambpr; fazer ruído semelhante ao que produz a chuva que cai; ruído como de enxame em vôo. O sufixo "-pe", conforme foi dito com relação ao vocábulo "Ara-

ripe", significa "em, na ". Guararape: nos tambores, na localidade dos tambores.

GUARATINGAÍ — arroio, afl. do Jacuí. De "guará", garça, "tinga", "ti", branco, e "y", água, rio: o rio das garças brancas.

GUARAXAIM — arroio em Camaquã; arroio em São Luiz Gonzaga. "Guaraxaim" é apenas outra grafia de "graxaim", "guarachaim" (V.).

GUARI — arroio, afl. do rio dos Sinos. Segundo J. Borges Fortes, "guari" significa rio dos macacos, mas "guarí", no tupi antigo, significa retorcido, tortuoso, espiralado, e essa é, provàvelmente, a significação do topônimo: rio tortuoso, rio que dá muitas voltas.

GUARUJÁ — bairro em Pôrto Alegre, às margens do Guaíba. Theodoro Sampaio dá como proveniente de "guaru-yá", viveiro dos guaru — ou aru —, nome de um batráquio.

GUATAPARÁ — rio, afl. do Vieira, na região de Vacaria. O topônimo é, quase certamente, um derivado do verbo "guatá", caminhar, passear, andar. Provàvelmente "guatahá-pará", de "guatahá", lugar para passeio, trilha de animais, e "pará", colorido, matizado: o caminho multicor, o caminho matizado.

GUATEMI — arroio em Canguçu. Corruptela de "iguatemí", de "ygara", "ygá", canoa, "ti", ponta, nariz, proa, e "mí" ("michi", "miri"), pequeno: proa pequena, ponta (de canoa) pequena.

GUAVIJÚ — arroio, afl. do rio Ibirocaí. Variante de "guabijú" (V).

GUAVIROVA — arroio, afl. do rio Itu; arroio, afl. do rio Tainhas. Variante de "guabiroba" (V).

GUIRAPAGÉ — arroio, afl. do Caturetê. Do guarani "güyrapayé", um pássaro, literalmente pássaro feiticeiro, de "güyrá", ave, pássaro, e "payé", feiticeiro, (Piaya cayana guarania).

GUIRAPEPÓ — arroio, afl. do rio Rolante. De "güyrá", ave, pássaro, e "pepó", asa, barbatana: asa de pássaro.

GUIRAPUCA — arroio, afl. do rio das Antas. "Guirapuca" é a armadilha para pássaros.

GUIRAPURU — arroio, afl. do da Várzea. De "güyrapuru", uirapuru, "passarinho de canto magnífico, que, segundo a lenda, traz sorte a quem o possui, empalhado ou sêco" (Peq. Dic. Bras. da Língua Port.).

GUIRARÚ — arroio, afl. do Butiá, na região de Soledade. Talvez de "güyrau", um pássaro (Molothrus bonariensis, M. badius).

GUIRATIPICA — arroio, afl. do rio Jaguarão. Provàvelmente corruptela de "güyratirica", pássaro também chamado cardeal.

GUIRUNDÍ — arroio, afl. do Grande, na região de Erval. "Güyraundy", "güyrundy" é o nome indígena de um pássaro da família dos Tanagrídeos, também chamado azulão.

H

HUMAITÁ — É uma das raras toponímias de inicial H, pois essa letra, como inicial, é pouco freqüente no tupi e no guarani. J. Borges Fortes dá o vocábulo como proveniente de "mbaitá", maritaca, ave, pequeno papaguaio. Jover Peralta diz que "tal vez derive el vocablo de ymá, antiguedad, e itá, piedra, roca: piedras antigas". Parece preferível a primeira interpretação.

HUMATÃ — rio, afl. do Prata, na região de Lagoa Vermelha. Talvez de "hyvatã", farto, saciado, repleto.

HUPATÍ — arroio, afl. do Torrinhas, na região de Pinheiro Machado. De "upatyba", lugar em que é costume deitar.

I

IACAIOBY — de "yacã", braço de rio, e "oby", verde, azul: ribeiro de água verde, ou azul.

IAIMBÓ — arroio, afl. do Taquari Mirim. Talvez simples corruptela de "yembó", arroio.

IAPOCA — arroio, afl. do Butiàzinho, na região de Soledade. De "y-nhã", literalmente água que corre, e "poca", estourar, rebentar, estalar; estalo: "y-nhã-po-ca", água que corre, que faz barulho.

IATUARA — arroio, afl. do Piratini. Theodoro Sampaio dá como procedente de "yatyara", o fazedor de cuias.

IBACARU — A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul grafa "Ibacuru".

Talvez de "ybá", "yvá", fruta, e "caru", comilão, guloso: o comedor de frutas.

IBACATU — arroio, afl. do Camaquã. De "ybaca", "yvaga", céu, e "(t)una, "hu", preto, escuro, negro: céu escuro.

IBAGÊ — povoado na orla marítima, ao N de Tramandaí. (V) "Bagé".

IBAIM — arroio, afl. do Tacangava, na região de Guaporé. De "ybá", "yvá", fruta, e "y", água, rio: o rio das frutas.

IBAQUÊ — arroio, tributário da lagoa dos Quadros, na região de Osório. De "ybá", "yvá", fruta, e "cué", sufixo guarani que indica o passado — correspondente ao tupi "puera" — fruta que foi, talvez fruta sêca.

IBAQUERA — arroio, afl. do rio Caí; povoado junto ao arroio do mesmo nome. De "ybá", "yvá", fruta, e "puera", sufixo que indica o passado: fruta que foi.

IBARAMA — De "ybá", "yvá", fruta, e "rama", pátria, terra, região: região das frutas.

IBARÉ — arroio em Lavras; vila na via férrea São Gabriel-Bagé. De "yba", pé de planta, e sufixo guarani "ré", corespondente ao sufixo tupi "puera", o que foi, o passado. Ibaré: pé de planta, ou tronco, cortado. Ibirapuera tem etimologia semelhante: "ybyrá", árvore, "puera", o que foi: árvore cortada. Theodoro Sampaio interpreta como "fruto mal-cheiroso (ybá-rema).

IBAROCAÍ — arroio, afl. do Lobo, na região de Sarandi. "Yvaró" é uma planta medicinal (Sapindus divauricatus, S. saponaria Prunus); "ocaia", cercado, choça, curral de esteios, potreiro, e "y", água, rio: o rio do potreiro de "yvaró".

IBATOBI — De "yba", pé de planta, ou de "ybá", fruta, e "(t)oby", "tovy", azul, verde: pé de planta, ou fruta, verde.

IBAÚ — arroio, afl. do Atiaçu, na região de Sarandi. De "yba", pé de planta, ou de "ybá", fruta, e "y", água, rio: o rio das árvores, ou o rio das frutas.

IBIÃ — arroio, afl. do rio da Ilha, na região de Taquara. Do tupi "ybyama", o barranco.

IBIAÇÁ — vila na região NE do Estado. De "yby", "yvy", terra, e "assaba", "hasá", passagem, passo: a passagem na terra.

IBIACEI — arroio, afl. do Passo Fundo, na região de Sarandi. Possìvelmenet composto de "yby", "yvy", terra, e "acei", guarani, às costas. Entretanto, o sentido não parece claro.

IBICUÁ — arroio, afl. do Ijuí. De "yby", "yvy", terra, e "cuara", "cuá", cova, buraco, grota: terra que tem buraco. Ibicuá é a forma guarani de Ibicuara, tupi.

IBICUARA — arroio, afl. do Itacuí Mirim, na região de Encruzilhada. V. Ibicuá.

IBICUÍ — rio, afl. do Uruguai; povoado na via férrea Uruguaiana-Itaqui; Ibicuí da Armada, afl. do Santa Maria; Ibicuí da Cruz, afl. do Ibicuí da Armada; Ibicuí da Faxina, formador do Ibicuí da Cruz; Ibicuí Mirim, formador do

Ibicuí; Ibicuìzinho, afl. do Ibicuí da Faxina; afl. do Ibicuí. De "ybycuí", "yvycu'í", areia (de "yby", yvy", terra, e "cuí", "cu'í", farelo, pó), e "y", água, rio: o rio da areia.

IBIJACÃ — arroio, afl. do Jaguarão Chico. De "yby", "yvy", terra, e "yacã", braço de rio, arroio: braço de rio da terra, ou terra que tem braço de rio, terra de arroios.

IBIPUITÃ — arroio, afl. do Itu, na região de Santiago. De "yby", "yvy", terra, e "puitã", "pitã", vermelho: terra vermelha.

IBIQUÁ — V. Ibicuá.

IBIRAIARAS — vila próxima a Lagoa Vermelha. De "ybyrá", árvore, madeira, pau, e "jara", "yara", dono, senhor: o senhor da floresta. No romance de Alencar — Ubirajara — o y inicial foi convertido em u ("... acentuava-se lentamente a evolução de **y** para **u** ou **i**, que devia provir já do tupi pré-colonial". Lemos Barbosa, Curso de Tupi Antigo, pg. 387), transformação essa muito comum na época, e a significação dada foi a de "senhor da lança", que, dada a variedade de interpretações que podem ser atribuídas a "ybyrá", é perfeitamente aceitável. Em seu artigo "guaranismos", in "Revista Histórica", Museu Histórico Nacional, Tomo XXV, 1956, o Dr. Rafael Schiaffino escreve: "Ibirayara — Alguacil fiscal del pueblo de las Misiones, pero no llevaba la vara

mayor, sino la vara chica". E ainda, citando o Pe. Gay: "Mas al sur (del Iguayu) habitaban los Ibirayaras, llamados así por unos gavrotes que usan en la guerra com gran destreza".

IBIRAIEPERÓ — antigo nome do rio Ivaí. J. Borges Fortes sugere "ybyra-y-piru" ou "ybyra-y-perau", dando o primeiro como "madeira verde", e o segundo como "sumidoro de árvores". Parece preferível "yvyraperé", de "ybyrá", "yvyra", árvore, madeira, e "pereba", "peré", chaga, ferida, cicatriz, mancha, sinal, vestígio; árvore com cicatrizes, nome dado à apuleia. Theodoro Sampaio dá "ybyrá-ypiró", pau sêco, árvore sêca.

IBIRAPÁ — arroio, afl. do Catupi, na região de Taquari. De "ybyrapara", "yvyrapá", arco (para atirar setas, de "ybyrá", árvore, madeira, e "apara", torto). No guarani moderno é, também, arco pequeno para aventar algodão.

IBIRAPUCA — arroio, afl. do rio Passo Fundo. De "yvyrapucú", literalmente "árvore comprida", salso chorão (Salix babylonica, S. viminalis).

IBIRAPUITÃ — rio, afl. do Ibicuí; arroio, afl. do Uruguai na região de Uruguaiana; vila na região Soledade-Passo Fundo; Ibirapuitã Chico, rio, afl. do Ibirapuitã. De "ybyrá", "yvyra", árvore, madeira, pau, e "puitã", "pitã", vermelho: árvores vermelhas. O nome Ibirapuitã foi aplicado a diversas árvores, inclusive ao pau-brasil.

IBIRATOBÁ — arroio, afl. do Grande, na região do Erval. Literalmente, rosto de árvore, ou árvore que tem rosto. Provàvelmente se trata do nome de uma variedade de árvore; os vocabulários consultados nada dizem a respeito.

IBIROCAÍ — arroio, afl. do Ibicuí; arroio, afl. do Jaguari; povoado na via férrea Alegrete-Uruguaiana; Ibirocaìzinho, arroio, afl. do Ibirocaí que o é do Ibicuí. De "ybyrá", "yvyra", árvore, madeira, pau, e "ocaia", cercado, choça, curral de esteios, potreiro. Souza Docca sugere "ybyrá", "oca", casa, e "y", água, rio: o rio das casas de madeira. Theodoro Sampaio interpreta como "ybyrocái-y", rio dos currais, de acôrdo, portanto, com a primeira interpretação citada. Em outro artigo, entretanto, o mesmo autor dá "ibirá-ocáy", pau queimado, e ainda "ibirá-ocái-y", rio do pau queimado.

IBIRUBÁ — rio, afl. do Jacuí; cidade nas proximidades de Cruz Alta. De "ybyrá", "yvyra", árvore, madeira, pau, e "ubá", canoa: canoa canoa (feita) de árvore? Ou mais provàvelmente, de "ybyrá", "yvyra", e "ybá", "yvá", fruta: árvore que tem fruta: Ibirubá é nome dado à pitangueira do mato.

IBIRUBÍ — nome que a Revista do Instituto Histórico e Geográfico, provàvelmente por lapso de revisão, dá ao rio Ibirubá.

IBITIBITIRA — V. Ibitira.

IBITIRA — rio, afl. do Pelotas, na região de Vacaria. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico frafa "Ibitibira". "Ybytyra" é o monte, a montanha; "ybytybytyra" é um caso de

reduplicação: "As sílabas tônicas e pré-tônicas de uma palavra, repetidas, dão a idéia de plural (se a palavra é substantivo ou pronome)" (Pe. Lemos Barbosa, Curso de Tupi Antigo, pg. 319). "Ybytybytyra" é, assim, a serrania, a cadeia de montanhas.

IBORÁ — rio em Júlio de Castilhos. Talvez corruptela de "y-porã", de "y", água, rio, e "poranga", "porã", bonito: o rio bonito. Theodoro Sampaio diz ser "rio temporário".

IBÚ — arroio, afl. do Tipiaia, na região de Tupanciretã. De "ybura", "yvu", água que brota para cima, manancial, fonte.

IBUACO — V. Ibuacú.

IBUACÚ — banhado que deságua no Jaguarão através do Candiota. De "ybura", "yvú", água que brota para cima, fonte, manancial, e "acuba", "tacú", quente: o manancial de água quente.

IBURAPUCÁ — arroio, afl. do Passo Fundo. De "ybura", "yvú", água que brota para cima, fonte, manancial, e "pucá", riso: o riso da fonte? Ou de "ybura", "yvú" e "pu'acá", forte, poderoso: fonte poderosa, volumosa?

IÇABA — arroio, afl. do Chico Marinho, na região de Lajeado. De "yçá", variedade de formiga, e sufixo que indica local: o local das formigas.

IÇAPÉ — sanga, afl. do arroio São Nicolau, na região de São Borja. De "yçá", variedade de formiga, e "pé", o caminho: caminho, ou carreiro de formigas.

ICAMAQUÃ — rio, afl. do Uruguai, na região missioneira. Theodoro Sampaio dá "y-cabaquã",

rio ligeiro, curso d'água impetuoso. V., também, "Camaquã".

ICÓ — sanga, afl. do rio da Várzea. É o nome de uma árvore do N do Brasil; também, do fruto dessa árvore.

IGÁ — arroio, afl. do Vacacaí, na região de São Gabriel. De "ygara", "ygá", canoa, embarcação.

IGAÇABA — arroio, afl. do Acangupá, na região de Caçapava. De "ygassaba", talha de fazer cauim. Alfredo da Mata, in "Vocabulário Amazonense", dá "Igaçaba — urna de barro para depositar o morto. Também aplicada a qualquer depósito de barro para água, ou conservar fermentadas certas bebidas..."

IGAÍ — nome primitivo do rio Jacuí. De "ygara", "ygá", canoa, embarcação, e "y", água, rio: o rio das canoas. Paulo Xavier traduz como "rio amargo". V. Guaíba.

IGARAPÉ — arroio, afl. do Inhanduí, na região de Quaraí. "Ygarapé" significa rio, regato; literalmente, "o caminho da canoa", de "ygara", canoa, embarcação, e "pé", o caminho.

IGARETÃ — arroio, afl. do Toropi, na região de Tupanciretã. "Igaretã", é "a região das canoas", de "ygara", "ygá", canoa, embarcação, e "retã", terra, pátria, região.

IGORIAÇÁ — V. "Iguariaça".

IGUARAPÃ — arroio, afl. do rio Carreiro.

IGUARIAÇÁ — arroio, afl. do Icamaquã; serra na região de Itaqui. O topônimo aparece em algumas cartas grafado :Igoriaçá". Para "Iguariaçá" dá Souza Docca duas interpretações: "y-guari-yssá", rio dos troncos tortos, ou rio que tem troncos tortos, e "ygara-y-açu", rio grande da canoa. Theodoro Sampaio, que grafa "Igoyriaçá", decompõe o topônimo — tal como Souza Docca — em "y-guari-açá", mas dá interpretação diferente: o que é torto e atravessado, ou o que é retorcido e sêco. Igoriaçá pode ser decomposto em "yguyrõ", cio, e "assaba", lugar: lugar do cio, lugar onde se manifesta o cio.

IGUATEMI — localidade a O da lagoa dos Patos, ao N de anguçu. V. "Guatemi".

IGUIRA — arroio, na região de São Borja. V. "Iquira".

IGURÉ — arroio, afl. do Facão, na região de Getúlio Vargas. Do guarani "icuaré", ôco, buraco (deixado por estaca, prego, etc.)?

IJIQUIQUÁ — arroio, afl. do arroio Ibirocaí. De "yssyca", "yssy", resina, "yquy", debulhar, colhêr, e "cuara", "cuá", caverna, gruta, buraco: "yssy-yquy-cuá", caverna onde se colhe resina?

IJUCAPIRAMA — localidade próxima a Jaguari. É o título de um poema de Gonçalves Dias; expressão composto de "i", êle, "jucá", matar, e "pyrama", sufixo que indica o futuro passivo: êle, que vai ser morto, o que vai morrer.

IJUÍ — rio, afl. do Uruguai na região missioneira; cidade na mesma região; Ijuìzinho, rio, afl. do Ijuí; Ijuí Mirim, arroio, afl. do Ijuìzinho. De "y", água, rio, e "juí", "yu'í", rã: rio que tem rãs, rio das rãs.

IMBAÁ — arroio, afl. do Uruguai, na região de Uruguaiana; povoado na mesma região. J. Borges Fortes julga que se trata de corruptela de "imbé". Theodoro Sampaio dá "embá-á", tirado do ôco, entretanto, parece mais plausível "imba-á", de "imbá", árvore frutífera (Philodendron) e "a", fruto, grão, semente: a fruta de imbá.

IMBÉ — arroio, afl. do Camaquã; sanga, afl. do Ibitibira, na região de Vacaria; estação balneária, junto a Tramandaí. De "guaimbé", "aimbé" ou "imbé", árvore frutífera (Philodendron). Ou, o que está mais de acôrdo com a topografia do local, de "yembé", praia.

IMBIAÇÁ — arroio, afl. do Santa Maria. Talvez de "yvyatã", taipa. Pode, também, ser corruptela de "ibiaçá (V.).

IMBOI — banhado em São Gabriel. De "mboia", cobra, e "y", água, rio: o banhado das cobras.

IMBRAJATUAVA — nome antigo do Cambaí, afl. do Vacaraí. J. Borges Fortes diz provir de ""ybyrá-ya", árvore frutífera, e "tyaia", vertente. Mais provável: de "ybyrataia", "yvyrataia", árvore medicinal (Pilocarpus pennatifolius).

INAGÉ — arroio, afl. do Tiapira, na região de Júlio de Castilhos. "Inajé" é o nome tupi de uma variedade de gavião.

INCANGATIM — arroio, afl. do Uruguai através do rio Bernardo José, na região entre Vacaria e Marcelino Ramos. Provàvelmente de "y", água, rio, "acanga", cabeça, e "ti", nariz, focinho, bico. "Cangati", segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa, é o bagre de água doce ("acanga-ti", ferrão na cabeça). Incangatim ("y-canga-ti"): rio que tem bagres, o rio dos bagres.

INGAÍ — rio, afl. do Jacuí, na região de Cruz Alta; Santa Clara do Ingaí, localidade na mesma região. De "ingá", ingàzeiro, árvore frutífera (Acacia formosa, A. grandiflora), e "y", água, rio: o rio dos ingàzeiros.

INHACA — lajeado, afl. do Benedito, na região de Santa Cruz. Inhaca: mau cheiro, bodum, catinga; talvez não seja vocábulo indígena.

INHACAPETUM — rio, afl. do Piratini, na região missioneira; Inhacapetuzinho, arroio, afl. do Inhacapetum. De "yacã", braço de rio, arroio, riacho, e "puitã", "pitã", vermelho: o arroio vermelho.

INHACHUÉ — arroio, afl. do Jaculzinho. Em grande número de topônimos aparece a expressão "y-nhã", literalmente "água que corre", de "y", água, e "nhã", correr. "Chué" é o nome de uma tartaruga (Hidromedusa tectifera). Inhachué é água que corre, que tem tartaruga, ou, mais livremente, córrego das tartarugas.

INHACOCRÊ — arroio, afl. do rio Carreiro. "Y-nhã" como vocábulo anterior (Inhachué): água que corre, córrego. "Cocré", ou melhor, "cocueré", é composto de "cocué", guarani, chácara, terra para plantio, sementeira, e "ré", partícula que indica o passado, o que foi. "Cocueré", chácara velha, abandonada; Inhacocré, a chácara velha do córrego.

INHACORÁ — rio, afl. do Burricá, na região missioneira; Rincão do Inhacorá ou São José do Inhacorá, povoado na região missioneira. Ainda aqui "y-nhã" é água que corre (V. Inhachué); "corá" é a corruptela indígena do espanhol "corral": o curral do córrego.

INHACUM — arroio, afl. do rio da Várzea. Talvez corruptela de "nhacumã", ou "jacumã", estaca (para canoa); "espécie de pá que, nas canoas, serve de leme; govêrno de uma canoa com um remo de mão numa das extremidades do barco. Bras. de Pernambuco. Espécie de andaime construído com três paus conjugados a dois têrços de altura, usado na construção dos currais-de-peixe" (Encicl. Bras. Mérito). É possível, também, que provenha de "y-nhã", água que corre, córrego, e "acuba", tacu", quente: córrego de água quente.

INHACUNDÁ — arroio, afl. do Ibicuí. De "y-nhã", água que corre, e "cundaba", "cundá", retorcido, enroscado: o córrego sinuoso. Ou de "ñacundá", nome de uma ave (Podacar n. nacunda). Ou ainda, de "jacundá", peixe da família dos Ciclídeos.

INHACURÉ — arroio, afl. do Cacequi. Mais uma vez "y-nhã", com a significação de "água que corre" (V. Inhachué e seguintes). e "curé", nome de uma planta medicinal (Psorarea glandulosa): o córrego que tem essa planta. "Curé" significa, também, porco; nesse caso, a interpretação seria "córrego dos porcos".

INHACURUTUM — arroio, afl. do Ijuí; arroio, afl. do Ibicuí. Do guarani "ñacurutu", variedade de coruja.

INHAINÃ — arroio, afl. do Pururé, na região de Sarandi. Do guarani "ñayñá", quebradiço, frágil.

INHAMANDA — arroio, afl. do Ibicuí Mirim. Talvez de "jatimana", tupi, rodar, girar, fazer curvas ou ziquezagues.

INHAME — arroio que deságua na lagoa dos Patos. Às vêzes considerada palavra indígena; entretanto, não o é, pois já figura na "Carta" de Pero Vaz de Caminha, onde aparece pelo menos por três vêzes, e sem maiores explicações, como se El-rei D. Manoel a empregasse correntemente... Em seu "Dicionário Etimológico Prosódico", Silveira Bueno diz que o vocábulo provém de "niambi", nome de planta numa língua do Congo.

INHANCABÚ — arroio, afl. do rio da Várzea. Talvez de "y-nhã", água que corre, córrego, e "cavú", variedade de abelha: córrego que tem abelhas.

INHANCEVÁ — serra em São Francisco de Assis. J. Borges Fortes diz tratar-se de "nascente de muitas águas". Parece mais plausível "y-nhã-sivá", de "y-nhã", água que corre (V. Inhachué e seguintes), e "sivá", frente, testa: a fronte da água que corre.

INHADAVA — rio, afl. do Uruguai na região de Marcelino Ramos. De "y-nhã", água que corre, e "taba", "tava", aldeia, povoado: a aldeia da água corrente, a aldeia da beira do rio, ou rio em cuja margem há aldeia.

INHANDEJU — grafado também Inhandiju — arroio, afl. do Jaguari; arroio, afl. do Piratini. De "y-nhã", água que corre, e "tujuca", "tuyú", atoleiro, tejuco, lodo: a água que corre no lodo. Ou, segundo Souza Docca, de "y-nhã" e "teju", "teyú", lagarto: córrego que tem lagarto, o córrego dos lagartos. Theodoro Sampaio dá "y-nhandi-yu", o azeite ou óleo amarelo, interpretação pouco plausível.

INHANDUÍ — arroio, afl. do Ibirapuitã; localidade à margem do arroio de mesmo nome. De "nhandu", ema, avestruz, e "y", água, rio: o rio das avestruzes. "Ñandu" é, também, aranha; Inhanduí poderá ser o rio das aranhas.

INHAPIM — arroio, formador do Urupùzinho, na região missioneira. "Ñapi", guarani, significa cortar, pelar, podar, roer. Apesar da semelhança dêsse verbo com o topônimo, é mais provável que êste provenha do tupi "yapira", cabeceira ou nascente do rio.

INHAPITÉ — arroio afl. do rio Sarandi. "Ñapyti" significa atar, ligar, amarrar.

INHAPORÃ — arroio, afl. do rio Piraçucê. De "y-nhã", água que corre, o córrego, e "poranga", "porã", bonito: o córrego bonito.

INHARUÍ — arroio, afl. do rio Taquari Mirim. De "nharõ", "ñarõ", estar ou ficar bravo, investir; bravo, furioso; e "y", água, rio: rio bravo, rio furioso.

INHATIUM — banhado que se liga ao rio Cacequi; a Revista do Instituto Histórico e Geográfico o dá como formador do Cacequi. De "nhatium", "ñatiu", mosquito, pernilongo.

INHANVERÁ — arroio em Palmeira das Missões. De "y-nhã", água que corre, e "beraba", "verá", brilhante: água corrente brilhante, córrego brilhante. Em algumas cartas êsse arroio figura com o nome de "Nhoverá".

INHUNDÚ — arroio, afl. do Caraá, na região de Santo Antônio. Provàvelmente um composto de "nhu", "ñu", o campo, e, talvez, "ndú", ruído: o ruído do campo?

INHUPACÁ — arroio, afl. do rio Passo Fundo. Talvez de "nhu", "ñu", campo, e "pahá", fim, término, fronteira, limite: o fim do campo, a divisa.

INHUPUÃ — arroio, afl. do arroio Sepultura, na região de Sarandi. De "nhu", "ñu", campo, e, talvez, "apoã", ponta (de terra de galho de árvore), ou "apuã", redondo, esférico, e também monte, montão: a ponta de campo? o campo redondo? Em qualquer dos casos, entretanto, deveria ter-se conservado o "a" inicial do segundo elemento.

INHUQUIRA — arroio, afl. do Sapata, na região de Canguçu. De "nhu", "ñu", campo, e "quyra", nôvo, verde, imaturo: o campo nôvo, o campo recém formado.

INIMBÓ — arroio, afl. do Taquari Mirim. "Inimbó" é o fio, a linha, a corda; possìvelmente o arroio Inimbó não passa de um simples fio d'água.

INÚBIA — arroio, afl. do Pai Passo, o qual deságua no Ibirapuitã. Inúbia é "denominação atribuída pelos poetas à trombeta de guerra

dos índios tupi-guarani, chamada por êles membi, mibu ou mubu" (Encicl. Bras. Mérito). Cumpre notar que ao instrumento que os poetas batisaram de inúbia os índios não davam o nome de membi, mibu, mubu, e sim de "jombyá", "jumiá", "iumiá"; membi era instrumento inteiramente diverso, uma espécie de flauta. Assim, inúbia é adulteração de "jombyá".

IPANÉ — povoado na região de Uruguaiana. De "y", água, rio, e "panema", "pané", inútil, imprestável: rio inútil, rio sem peixe. Ipané é a forma guarani, Ipanema, a forma tupi

IPANEMA — bairro em Pôrto Alegre, às margens do Guaíba. O mesmo que Ipané (V.).

IPÉ — arroio, afl. do Santo Cristo, em Santa Rosa; arroio, afl. do Piratini, na região de São Luiz Gonzaga; arroio, afl. do rio das Antas, na região de Vacaria; sanga, afl. do arroio da Laranjeira, na região de Santa Maria; cêrro na região de Santo Antônio; morro na região de Montenegro; povoado na região de Cruz Alta; vila na região de Vacaria. Do tupi "ypé", "y-pé", árvore cascuda, ipé ou ipê, nome comum a diversas árvores da família das Leguminosas; ou, talvez, do guarani "ypé", pato. Ainda é possível a interpretação "y-pé", o caminho de água.

IPECA — arroio, afl. do Saraquá; na região de Lajeado. Do tupi "ypeca", variedade de pato.

IPEGUÁ — arroio, afl. do Gravataí. Corruptela do guarani "ypecuá", lugar ou sítio em que há

abundância de patos; literalmente, a cova dos patos, de "ypé", pato, e "cuá", cova, grota, buraco. Ou de "ypyguá", a enseada.

IPEUNA — arroio, afl. do Modesto, na região de Soledade. Do tupi "ypé", nome de diversas árvores, e "una", preto, escuro: o ipê escuro. Ou do guarani "ypé", pato, e "una": o pato preto.

IPIPE — lagoa na região de Osório. Lemos Barbosa traduz "ipype" por "junto de, perto de, ao pé"; Couto de Magalhães interpreta "ypype" como "no fundo". É possível, também, que se trate de "ypy", princípio, origem, comêço, e "-pe", sufixo com o significado de "em, no": no comêço, na origem.

IPIRANGA — arroio, afl. do Guaçu, na região de Taquara; arroio em São Sebastião do Caí; povoado na região de Bento Gonçalves; vila na região de Garibaldi; povoado na região de Santa Rosa. De "y", água, rio, e "piranga", vermelho: o rio veremelho.

IPOPÓ — arroio, afl. do Acangupá, na região Cacheira-Caçapava. De "y", água, rio, e "popora", "popó", saltar, saltitar, brincar, corcovear: água que salta, que pula.

IPORÃ — arroio, afl. do São Domingos, na região de Guaporé-Passo Fundo. De "y", água, rio, e "poranga", "porã", belo, bonito: o rio bonito.

IPORU — arroio que deságua na lagoa dos Patos, ao N de São Lourenço. De "yporu", o dilúvio.

IPUCHI — arroio, afl. do Amanoá, na região de São Borja. A Revista do Instituto Histórico e

Geográfico grafa Ipunchi, com um "ene" intercalado, e o dá como afl. do Manuá. J. Borges Fortes e Souza Docca grafam Ipuichim, que interpretam como "filete de água brilhante".

IPURA — sanga, afl. do arroio Sobradinho, na região de Encruzilhada. Talvez corruptela de "ypuva", sonoro, ressonante.

IQUIRA — sanga, afl. do Iguariaçá, na região de São Borja. De "y", água, rio, e "quyra", nôvo, imaturo: rio em formação.

IRÁ — sanga, afl. do arroio Velhaco, na região de Tapes. De "eíra", mel; ou mais provàvelmente, de "eirá", gato montês.

IRAÍ — rio, afl. do Uruguai; cidade junto ao mesmo. De "eíra", mel, e "y", água, rio: o rio do mel. A estação balneária ali localizada é conhecida também por "Águas do mel".

IRAIÁ — sanga, afl. do Erval, na região de Erval. Iraiá, ou irajá, é a região do mel; lugar onde há abundância de mel.

IRAITÍ — arroio, afl. do Piratini através do Chuni. "Eiraity" é a cêra de abelha.

IRAPUÁ — arroio, afl. do Jacuí; localidade a L de Caçapava do Sul; Irapuàzinho, arroio, afl. do Irapuá, na região de Caçapava; arroio, afl. do Irapuá, na região de Cachoeira. De "eíra", mel, e "apuã", redondo: mel redondo, alusão à bola de dimensões bastante grandes — meio metro de diâmetro, ou mesmo mais — que serve de colmeia à abelha irapuá (Melipona rufricus).

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

IRAPURÚ — arroio, afl. do Angabeí, na região de Taquara. "Irapuru" é corruptela de "uirapuru", ou melhor, "guyrapuru", nome de diversas aves — mais especialmente do (Hylophilus ochraceiceps rubrifrons, Sclater e Salvin), considerado como pássaro da sorte, e em tôrno do qual existem várias lendas.

IRATI — arroio, afl. do Chuni. De "eíra", mel, e "tinga", "tî", branco, claro, cinzento: "eíratî", o mel claro.

IRERÊ — arroio, afl. do Forquetinha. Do tupi "irárê", pato de bando, pato que anda em bandos. Ou, talvez simples onomatopéia do grito do animal.

IRIGUATI — arroio, afl. do Urubucaru, na região de Santo Ângelo. É o nome indígena de uma variedade de abelha.

IRUÇU — arroio, afl. do Francisco Alves, o qual deságua no rio Pardo. Iruçu é o nome de uma abelha meliponídea (Melipona sentellaris); o nome indígena é "eiruçu".

IRUÍ — arroio, afl. do Jacuí, na região de Encruzilhada; povoado na região de Cachoeira do Sul. É possível que provenha de "irû", companheiro, camarada, amante, e "y", água, rio: o rio dos companheiros. Ou, o que parece mais plausível, de "y", água, rio, e "roy", frio: água fria, rio de água fria. (Aqui, como em qualquer outro vocábulo tupi ou guarani, o "erre", mesmo inicial, deve ser pronunciado brandamente, como se antes dela existisse vogal).

ITÁ — arroio, afl. do Basílio, na região de Erval. "Itá" significava orginalmente pedra, rocha; mais tarde o vocábulo passou a designar também o metal.

ITÃ — arroio, afl. do Grande da Guarda, na região Gravataí-Taquara. "Itã" significa concha.

ITAARA — vila ao N de Santa Maria. De "itá", pedra, e "ara" por "ybyra", "yvyra", árvore, madeira, pau: árvore de pedra, madeira petrificada? Cumpre notar que, nas proximidades de Santa Maria, não são raros os espécimes de madeira petrificada.

ITABI — arroio em São Borja. De "itá", pedra, e "byra", erguer-se: a pedra erguida, a pedra levantada.

ITABU — arroio, afl. do rio Piaí, na região de Caxias. Provàvelmente corruptela de "itapu", o sino; ou de "itahû", a pedra preta; ou, ainda, de "ytacu", água quente. Só o conhecimento da topografia da região permitirá esclarecer o assunto.

ITACAÍ — arroio, afl. do Ibicuí da Armada. De "itá", pedra, e "caí", queimado, escaldado, ou "ca'í", variedade de macaco (Cebus fatuellus, C. libidinosus, C. vallerosus, Kallithrix sciurea), ou ainda, "ca'í", raquítico, arruinado: a pedra queimada, macaco de pedra, ou pedra arruinada, estragada?

ITACARÉ — povoado na região de Bom Jesus. De "itá", pedra, e "caré", coxo, rengo, arqueado, curvo, torcido, dobrado: a pedra torcida, a pedra dobrada.

ITACARUARÉ — ilha no rio Uruguai, ao N da foz do rio Ijuí. De "itá", pedra, "cuara", "cuá", buraco, cova, furna, e "rema", "rem", com mau cheiro, com cheiro de umidade, hediondo: a furna (buraco na pedra) hedionda, com mau cheiro? Souza Docca sugere "itacuru-aré", pedra caída, ou "ita-quararé", pico da pedra escavada. Por outro lado, "itacaru" significa imã: o topônimo é um dos muitos cuja interpretação correta dependerá do conhecimento da região.

ITACIRA — arroio, afl. do Ibacuru, na região de Guaíba. Do tupi "itassyra", o enxadão de metal.

ITACOLUMI — serra e morro em Gravataí; serro em Montenegro; cerro em Rio Pardo; cerro em São Gabriel. De "itá", pedra, e "cunumî", curumî", menino: o menino de pedra.

ITACOVI — arroio afl. do Piratini. Talvez de "itá", pedra, e "hovy", verde, azul: pedras esverdeadas, possìvelmente devido ao limo. Ou de "itá" e "hoví", estar amontoado: pedras amontoadas, montão de pedras.

ITACORÁ — arroio em São Borja. De "itá", pedra, e "corá", corruptela indígena da palavra espanhola "corral": o curral de pedra.

ITACUÍ-MIRIM — arroio na região de Encruzilhada. De "itá", pedra, "cuí", farelo, pó, e "mirim", pequeno.

ITACURUBI — arroio afl. do Icamaquã; povoado junto ao mesmo; povoado na estrada de ferro Santiago-São Borja. De "itacurubi", "ita-

curuví", pedregulho, cascalho. A palavra é composta de "itá", pedra, e "curubi", "curuví", migalha, resto, pó.

ITAETÁ — arroio, afl. do Piratini. De "itá", pedra, e sufixo abundancial "etá", "hetá": muitas pedras.

ITAÍ — localidade próxima a Ijuí. De "itá", pedra, e "y", água, sumo, caldo, e, como já se viu, no tupi meridional também rio: água da pedra, água que sai da pedra, ou rio das pedras.

ITAIÁ — arroio, afl. do Coipú, na região de Guaíba. Talvez de "y", água, rio, e "tayá", nome de duas plantas medicinais: "y-tayá", o rio que tem tayá.

ITAIMBÁ — arroio, afl. do Cedro. De "itá", pedra, "í", sufixo diminutivo, e "mba", sufixo que significa "inteiramente, completamente": inteiramente de pedrinhas?

ITAIMBÉ — sanga, deságua no arroio Puitã; ITAINBÈZINHO — vila na estrada Vacaria-Bom Jesus; arroio, afl. do rio das Antas; arroio, afl. do rio Governador; despenhadeiro próximo às nascentes do rio Mampituba, na divisa com o Estado de Santa Catarina. De "itá", pedra, e "haimbé", fio, corte: pedra afiada, cortante.

ITAIPAVA — De "itaí", pedrinha ("itá", pedra, "í", sufixo diminutivo), e "pahá", fim, término, fronteira: o fim das pedrinhas; nome dado pelos indígenas às pequenas cachoeiras.

ITAJAÇU — arroio, afl. do Touro Passo; povoado na linha férrea entre Alegrete e Uruguaiana.

De "y", água, rio, e "tayaçu", porco: o rio que tem porcos, o rio dos porcos.

ITAJOÁ — afl. do Uruguai. Segundo J. Borges Fortes, de "itajuá", "barreiro salitroso que os animais comem".

ITAJUNI — arroio, afl. do Inhandava, ao N de Sananduva. De "itá", pedra, e "hû", negro: pedra negra, basalto?

ITAMORENDENGUE — Segundo J. Borges Fortes, de "Itá-morã-d-enga", pedras sôltas esparsas.

ITANHATIM — sanga que deságua no arroio Garupá, afl. do Quaraí. Talvez de "itanhaê", prato, bacia, e "tî", nariz, focinho, bico, proa: o bico, ou a ponta do reservatório. Ou de "itã" concha, e "hatî", que significa "é ponteagudo, tem ponta": a concha que tem ponta, que é ponteaguda.

ITAPEVA — arroio, afl. do Botucaraí; localidade, lagoa e morro nas proximidades de Tôrres. De "itá", pedra, e "peva", "pé", plano, chato: pedra plana, pedra achatada.

ITAPEVI — arroio, afl. do Ibicuí; rio afl. do Ivaí; localidade à margem do mesmo rio; localidade na via férrea Cacequi-Uruguaiana; cerro em Rosário do Sul; arroio afl. do Piraju. De "itapeva", pedra chata, e "y", água, rio: rio das pedras chatas.

ITAPINIMA — arroio, afl. do Forquetinha. De "itá", pedra, e "pinima", pintado, malhado: pedras pintadas, malhadas.

ITAPITANGUI — arroio afl. do Quaraí. De "itá", pedra, "pitanga", "pitã", avermelhado, pardo, e "y", água, rio: rio das pedras avermelhadas.

ITAPITOCAÍ — arroio afl. do Uruguai na região de Uruguaiana; localidade na mesma região. J. Borges Fortes e Souza Docca dão "curral de pedra", de "itá", pedra, e "tocái", forma guarani arcaica de curral. Parece tratar-se de "curral dos mourões de pedra", de "itá", pedra, "py", pé, base, origem, e "tocái", curral.

ITAPORA — De "itapora", sinal de pedrada. J. Borges Fortes traduz por "o que tem pedra"; no entanto a palavra, só com a acepção de "sinal de pedrada, figura no "pequeno Vocabulário Tupi-Português", de Lemos Barbosa.

ITAPORORÓ — arroio afl. do Ibicuí. De "itá", pedra, e "pororoca", "pororó", estrondear: pedra estrondante, pedra que faz barulho.

ITAPUÃ — ponta na entrada da Lagoa dos Patos; vila na mesma região. O topônimo se presta a numerosas interpretações. Certo autor diz tratar-se de "pedra levantada, penha do assalto do rebate"; a primeira das interpretações é plausível (de "itá", pedra, e "pu'ã", levantar-se, alçar-se, pôr-se de pé, crescer, sobresair, etc.). Parece preferível, entretanto, "pedra redonda", ou "pedras redondas", de "itá", pedra — ou pedras — e "apuã", redondo, esférico; o aspeto da ponta onde abundam enormes pedras arredondadas, parece justificar a interpretação. Convém notar que a "Revista do Instituto Histórico e Geográfico" dá o nome de Itapuã à localidade, e o de Itapoã à ponta.

ITAPUCA — vila, também denominada Ilópolis. De "itá", pedra, e "puca", fender-se, rachar: a pedra rachada, a pedra arrebentada.

ITAPUÍ — antigo nome do rio dos Sinos. J. Borges Fortes dá "itá-po'í", pedra delgada, em folhetos, chistos, de "itá", pedra, e "po'í", delgado, estreito, esmirrado, fino, etc. Souza Docca interpreta como "rio de som do sino de" "itá", pedra, metal, "pu", barulho, ruido, e "y", água, rio. Entretanto, em guarani "itapu" é sino, e "y", água, rio: Itapuí seria, simplesmente a versão guarani do nome atual, isto é, rio do sino, ou dos sinos. É interessante notar que, na Amazônia, existe o vocábulo "itapuí", não proveniente do tupi, e sim do caribe, e com a significação de tôldo, palhoça, choça.

ITAPUNGÁ — arroio que deságua na lagoa Itapeva; arroio afl. do Forqueta. De "itá", pedra, e "pungá", entumescido, cheio, indigestado: cheio de pedras.

ITAQUATIÁ — serro em Livramento; arroio e banhado afl. do Ibicuí da Armada. De "itá", pedra, e "cuatiara", "cuatiá", pintar, escrever: pedra gravada, pintada, escrita.

ITAQUETÁ — arroio afl. do rio Pardinho. Possìvelmente de "itaquy", a mó, a pedra de afiar, e sufixo "etá", "hetá", indicativo de plural ou de abundância.

ITAQUI — cidade da região O do Rio Grande do Sul, junto ao rio Uruguai. De "itaquy", a mó, a pedra de afiar.

ITAQUI-MIRIM — arroio afl. do Itaticuí. De "itaquy", e "mirim", "miri", pequeno, diminuto.

ITARANA — arroio afl. do Caraá. De "itá", pedra, e sufixo tupi "rana", parecido com, mal feito, tosco: parecido com pedras.

ITAROQUEM — povoado na região de São Luiz Gonzaga. J. Borges Fortes dá "ytoro-quem", água que jorra ruidosamente; mais plausível é "itá", pedra, "oquen", porta, abertura: "itá-r-oquen", a porta da pedra.

ITATI — serro em S. Luiz Gonzaga; vila na região de Aratiba, De "itaty", pedreira; de "itá", pedra, e "tyba", "ty", sufixo abundancial. Também se emprega "Itatiba". Souza Docca interpreta "ti" como "branco": pedra branca.

ITATICUÍ — arroio em Encruzilhada. De "itaty" (v. Itatí), e "cuí", pó, fragmentos; poeira de pedreira, ou melhor, poeira de pedra branca. (v. "itati).

ITATIRI — arroio, afl. do Catucuxá. De "itaty", pedreira, e "y", água, rio: "itáty-r-y", o rio da pedreira.

ITAUM — passo no rio Ibicuí; povoado à margem direita do mesmo rio. De "itá", pedra, e "una", "hu", preto, escuro, negro: pedras escuras.

ITAUBA — vila sôbre o rio Jacuí, na região de Sobradinho. Talvez de "itá", pedra, e "yba", palavra que tem diversos significados, entre os quais "haste, arrimo": o arrimo de pedra?

ITICI — sanga que deságua no Suçuarana. De "y", água, rio, e "tyssyi", fileira, fila, linha: o fio de água.

ITU — rio, afl. do Ibicuí; arroio, afl. do Santa Maria; êste último é, também, chamado Embaé. De "ytu", salto de água, cachoeira.

ITUANA — arroio afl. do Ituinã. Talvez corrupleta de "yturana", de "ytú", salto de água, cachoeira, e "rana", sufixo com o significado de "parecido com, mal feito, tosco": parecido com cachoeira, semelhante a cachoeira.

ITUIM — rio, afl. do Humaitá; Ituizinho — arroio, formador do rio Itu. De "ytu", salto de água, cachoeira, e "î", "í", sufixo diminutivo: a cachoeirinha, o pequeno salto de água. Ou de "ytu", e "y", água, rio: o rio dos saltos de água.

ITUINÃ — arroio, afl. do Piratini. De "ytu", salto de água, cachoeira, e :nhã", correr?

ITUZAINGÓ — De "ytu", salto de água, cachoeira, e "saingó", pendurado, suspenso, pendente: salto descontínuo, salto a pique.

IVAGACI — vila na região missioneira, próxima a Criciumal. De "ybaca", "yvaga", céu, e "cy", mãe: a mãe do céu, a Virgem Maria.

IVAÍ — arroio afl. do Piratini; rio, afl. do Jacuí; localidade na via férrea entre Tupanciretã e Cruz Alta. De "ybá", "yvá", fruta, e "y", água, rio: o rio das frutas.

IVARÓ — arroio, afl. do Jacuí; arroio, afl. do Santa Maria. De "yvaró", planta medicinal (Sapindus divauricatus, S. saponaria Prunus).

IVERÁ — arroio afl. do Amanoá. De "y", água, rio, e "beraba", "verá", brilhante: água brilhante.

IVORÁ — arroio em Júlio de Castilhos; localidade junto ao mesmo. Souza Docca e J. Borges dão como corruptela de "y", água, rio, e "poranga", "porã", bonito: "y-porã", rio bonito.

IVOTI — vila na região de Estância Velha. De "ybotyra", "yvoty", a flor.

J

JABOTICABA — arroio, afl. do rio das Antas; arroio, afl. do rio da Várzea; JABOTICABAL — arroio, afl. do Atiassu. De "jaboticaba", "yabotiguaba", de "jaboti", cágado, e "guaba", alimento: o alimento de cágados.

JACAQUÁ — arroio, afl. do Ibicuí; localidade na via férrea entre Cacequi e Alegrete. De "yacã", braço de rio, arroio, riacho, e "cuara", "cuá", cova, gruta, buraco: a gruta de arroio. Aurélio Pôrto, em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico, dá "giacacuá", a batalha, na língua dos minuanos.

JACARACI — arroio em Alegrete. De "yacã", braço de rio, arroio, riacho, e "rasy", "tasy", doente,

difícil: arroio difícil, pouco praticável? J. Borges Fortes traduz por "vertente, ou manancial, curto".

JACARAÍ — arroio, afl. do Ibirapuitã. Talvez de "yacarati'y", planta frutífera silvestre (Yacaratia dodecaphylla, A. D. C.). Ou simples corruptela de "jacaraí" (V).

JACARÉ — arroio, formador do Brejo; arroio, afl. do Taquari; arroio, afl. do arroio dos Carros; arroio, afl. do Uruguai, na região de Santa Rosa; banhado que deságua no rio Santa Maria; Sanga, afl. do Toropi; arroio, afl. do Ibicuí; arroio, afl. do Catupi; lagoa na região de Rio Grande; lagoa na região de Tôrres; ilha no rio Uruguai, junto à foz do Santa Rosa; rincão na região de Santa Maria; JACARÉS — lagoa dos, lagoa próxima à Mirim; JACARÈZINHO — arroio, afl. do Jacaré que deságua no Taquari; povoado à margem do mesmo Jacaré. De "jacaré", "yacaré", jacaré, sáurio.

JAÇARUABA — arroio, afl. do Uruguai, na região de Pôrto Lucena; povoado na mesma região. De "yassurú", barral, tremendal, e sufixo "aba", indicativo de local: região do tremedal?

JACAIUOBI — De "yacã", braço de rio, arroio, riacho, e "oby", "tovy", verde, azul: riacho verde, ou azul.

JACIRENDI — arroio, afl. do Potiribu. Do guarani "yacyrendy", luz da lua.

JACU — arroio, afl. do Tainhas. De "jacu", "yacu", galináceo silvestre. Batista Caetano decompõe a palavra em "y-a-cu", literalmente, êle grãos comer, isto é, "o que come grãos".

JACUCACA — arroio afl. do Campinas. Do tupi "jacucaca", ave da família dos Cracídeos.

JACUÍ — um dos maiores rios do Estado, formador do Guaíba; povoado entre o rio Jacuí e seu afluente Vacacaí; cidade, atualmente denominada Sobradinho. De "jacu", "yacu", jacu, galináceo, e "y", água, rio: o rio dos jacus. Segundo J. Borges Fortes seu nome primitivo foi Ygaí, que êsse autor decompõe em "ygáu", planta parasita conhecida como "barba-de-velho", e "y", água, rio: rio da barba-de-velho. É possível, também, que se trate de "ygara", "ygá", canoa, e "y", água, rio: rio das canoas. "Yacu'í" é, também, um galináceo silvestre (Ortalis canicollis), também chamado "jacamim". JACUÍ-MIRIM — arroio afl. do Jacuìzinho; rio, afl. do Jacuí. De "jacuí", e "mirim, "mirî", pequeno: o pequeno Jacuí. JACUÌZINHO — arroio, afl. do Ibicuí; rio, afl. do Jacuí; vila nas proximidades do rio Jacuìzinho. A respeito do nome antigo, Ygaí, vide, in vocábulo "Guaíba", a interpretação dada por Paulo Xavier.

JACUTINGA — arroio, afl. do rio do Peixe; arroio, afl. do Ivorá; rio, afl. do Uruguai; arroio, afl. do rio Santa Rosa; arroio, afl. do Uruguai na região de Santa Rosa; arroio, afl. do Caturetê; arroio, afl. do Caboclo; localidade na região de

Erechim. De "jacutinga", ave da família dos Cracídeos. A palavra pode ser decomposta em "jacu", jacu, galináceo, e "tinga", branco: jacu branco.

JAGUAR — arroio, afl. do Forromeco. De "jaguara", "yaguá", originalmente "onça", depois também "cachorro", passando a onça a ser denominada "jaguaretê", "yaguaretê", isto é, jaguar verdadeiro, legítimo. É mais uma palavra tupi que passou para o vocabulário internacional.

JAGUARÃO — rio, afl. da lagoa Mirim, fronteira entre o Brasil e o Uruguai; arroio afl. do rio Piratini; cidade, às margens do rio Jaguarão. De "jaguara", "yaguá", e "nharõ", bravo: onça, ou cachorro, bravio. É possível, também, que se trate de palavra híbrida, de "jaguara", e sufixo português "ão". JAGUARÃO CHICO — arroio, afl. do Jaguarão na região de Bagé; arroio, afl. do Jaguarão na região de Erval. Expressão híbrida de "jaguarão" e espanhol "chico", pequeno.

JAGUAREMIÚ — arroio, afl. do Guaporé. De "yaguaré", "jaguaré", pequeno cão, muito bravio, de pele listrada, também chamado zorrilho" (Enciclop. Bras. Mérito), e "mbi'ú", comida, ou "mbi'ú", apócope de "tembi'ú", uma planta: comida dos jaguanés, ou erva dos jaguanés?

JAGUARI — arroio, afl. do Santa Maria, onde deságua após haver mudado de nome para Birajacã; rio, afl. do Ibicuí; serra na região de Lavras - São Gabriel; cidade à margem do rio

Jaguari; JAGUARIZINHO — rio, afl. do Jaguari; povoado à margem do mesmo. De "jaguara", "yaguá", onça, cachorro, e "y", água, rio: rio das onças.

JAGUARITA — povoado entre Erechim e Aratiba. Talvez corruptela de "jaguari".

JAGUARUNA — arroio, afl. do rio Conceição. De "jaguara", "yaguara", "yaguá", onça, cachorro, e "una", "hû", preto, escuro, negro: onça preta, animal fabuloso.

JAGUATIRICA — arroio, afl. do Tipiaia; arroio, afl. do Piratini. De "jaguara", "yaguá", onça, cachorro, e "tyryca", "tyryry", ir de rastro, afastar-se, desviar-se: onça que anda de rastro, felino (Felis pardalis chibigouazou, Griffith).

JANDIRA — arroio, afl. do rio Rolante. Talvez de "nhandy", óleo, e "eíra", mel: o óleo que tem mel.

JAÓ — arroio, afl. do Tupé; arroio, afl. do Fão. De "jaó", nome de uma ave da família dos Tinamídeos; emite um som que deu origem, por onomatopéia, a seu nome. Talvez não seja vocábulo de origem indígena.

JAPÁ — arroio, afl. do Basílio. De "yapá", "apá", caîbra.

JAPEJU — arroio, afl. do Inhanduí; coxilha na região de Quaraí; sanga, afl. do arroio Garupá; serro, junto à sanga do mesmo nome; coxilha na região de Uruguaiana; ilha no rio Uruguai, perto da foz do Ibicuí. De "y", água, rio:

"apé", superfície, e "juba", "yu", amarelo: arroio ou rio de superfície amarela (A. Jover Peralta)? Ou de "y(ga)apó", alagadiço, e "juba", "yu", amarelo: o pantanal amarelo?

JAPENÚ — ilha no rio Uruguai, na região de Uruguaiana. De "ygapenunga", "yapenú", onda, onda pequena.

JAPEPÓ — arroio, afl. do Ivaí, arroio afl. do rio Itapevi. De "yapepó", panela de barro, espécie de cântaro grande.

JAPI — povoado na região de Bento Gonçalves. De "japî", ave da família dos Icterídeos.

JAPIACAÍ — arroio, afl. do rio Uruguai, na região de Palmeira das Missões. De "japî" (V), "acã" cabeça, galho, ramo, e "y", água, rio: rio do galho dos japis?

JAPIOCÁI — arroio, afl. do Buricá. De "japî", ave da família dos Icterídeos, e "ocaia", o curral: o curral dos japis.

JAQUACINIM — arroio, afl. do Itapinima. De "yacã", braço de rio, e "sininga", "chiní", retinir, produzir ruído estridente: riacho ruidoso.

JAQUIRANA — arroio, afl. do Jacuìzinho; vila ao S de Bom Jesus. De "jaquyrana", cigarra.

JARAO — serro na região de Quaraí. Talvez de "y'iara", a senhora das águas, de "y", água, "iara", "yara", dono, dona, proprietário, senhor: mulher fantástica, sereia de rios ou lagos na mitologia indígena; e "y", água ,rio: rio das y'iaras.

JARARACA — arroio, afl. do Ibirapuitã. De "jararaca", "yarará", jararaca, serpente. J. Borges

Fortes decompõe o vocábulo em "ya-ra-raca", o que agarra envenenando.

JARI — arroio, afl. do Toropi Mirim; povoado na região de Júlio de Castilhos. De "iara", "yara", dono, senhor, e "y", água, rio: o rio do senhor.

JATIUCA — sanga, afl. do arroio Pequiri. "Jatiuca" é um carrapato redondo; de "yati-uca", o que finca a tromba, segundo Silveira Bueno, Dic. Et. Prosódico.

JATOACÁ — arroio, afl. do Piratini. De "yeteicaá", planta medicinal, macela (Achyrodine alata, A. saturoides, DC).

JEQUI — nome antigo do rio Pardo; arroio, afl. do Forqueta; arroio, afl. do Itapungá. De "jequeí", covo para apanhar peixe.

JEQUIQUÁ — arroio, afl. do Ibirocaí. De "jequeí", covo de apanhar peixe, e "cuara", "cuá", cova, buraco: buraco, ou perau, apropriado para o covo.

JERERÊ — arroio, afl. do Acangupá. Talvez de "yererê", ao redor de; ou de "jereba", "yeré", virar, voltar-se, girar, dar voltas: arroio sinuoso?

JOÁ — povoado na região de São Francisco de Paula. De "juá", "yuá", joá, solanácea silvestre, armada de espinhos. O nome é composto de "ju", "yu", espinho, e "á", fruta, grão, semente: fruta de espinho.

JOAÍ — arroio afl. do Piratini. "De "juá", "yuá" (V. joá), e "y", água, rio: rio dos joás.

JUBARANA — arroio, afl. do Erval. De "juba", "yu", amarelo, e "rana", sufixo tupi que sig-

nifica "parecido com, mal feito, tosco": amarelado.

JUCARIPÍ — arroio em Santo Ângelo. J. Borges Fortes traduz como "rio ou caminho do saleiro ("juquyra", sal). Talvez se trate de "juqueri", "yuquerí", sensitiva, dormideira, mimosa (Mimosa serie asparatae) e "y", água, rio: rio das sensitivas.

JUNDIÁ — povoado em São José do Norte. De "jundiá", variedade de bagre.

JUQUERI — ilha no rio Uruguai; afl. do Uruguai na região de São Borja. De "juqueri", "yuquerí", uma planta, sensitiva, dormideira, mimosa.

JUQUIÁ — arroio, afl. do Camaquã. De "juquyra", "yuky", sal. O sufixo "a" pode ter diversas significações; no caso parece tratar-se de sufixo de nomes em função não predicativa nem vocativa, sem tradução.

JURÚ — arroio, afl. do Quilombo; arroio, afl. do Mangueira. De 'juru", "yurú", boca, trago, bocado, bico, abertura.

JURUÁ — arroio, afl. do Botucaraí. De "yuru'á", variedade de porongo.

JURUCA — arroio, afl. do Francisquinho, na região de São Jerônimo. De "yurucá", sofrear?

JURUCUTU — arroio, afl. do Taquari. Talvez de "y-yuru-cutú", literalmente, êle a bôca fincar, picar. O nome é aplicável a algo adstringente: ou a água do arroio ou, mais provàvelmente, alguma planta que nele ocorra.

JURUÍ — arroio, afl. do José Velho. De "juru", bôca, abertura, trago, bocado, e "y", água, rio: rio da abertura.

JURUMBEBA — arroio, afl. do Jacuí. De "juru", yurú", bôca, abertura, trago, bocado, e "peba", "pé", chato, plano. Jurubeba é uma erva medicinal, comum em nosso campos.

JURUPILÉ — arroio, afl. do Caraça. De "juru", yurú", bôca, abertura, trago, bocado, e "pirê", pele, escama, casca, bainha?

JURUPORÃ — sanga, afl. do arroio dos Índios, região de Iraí. De "juru", "yurú", bôca, abertura, trago, bocado, e "poranga", porão", bonito: bôca, ou foz, bonita.

JURURU — arroio, afl. do Ibicuara. De "juru", "yurú", bôca, abertura, trago, bocado, e "rû", negro: bôca, ou foz, negra, escura. Ou de "ju", "yu", espinho, e "ruru", inchado, empapado.

L

LAMBARI — arroio, afl. do Monjolinho; arroio, afl. do Ivaí. A letra "L" inexiste no tupi e no guarani, bem como na maioria das línguas indígenas sul-americanas. Lambari parece ser a corruptela "civilizada" de "araberi", que significa peixinho.

LIXIGUANA — arroio, afl. do Camaquã; arroio, afl. do Faxinal. É palavra quechua; é o nome indígena de uma variedade de abelha.

M

MACACO — arroio, afl. do Caí; arroio, afl. do Santa Clara, na região de Montenegro; morro, na mesma região, e junto ao arroio do mesmo nome; arroio, afl. do Abajú; arroio, desembocando próximo à boca da lagoa dos Patos, em Rio Grande; serro na região de Rosário do Sul; arroio, afl. do Machado, na região de Santa Rosa; arroio, afl. do rio da Várzea. De "macaca", nome genérico das diversas famílias dos quadrumanos do Brasil (Afonso A. de Freitas, Vocabulário Nheengatú). Conta êsse autor: "... no tempo em que os animais falavam, inexperto macaquinho, descobrindo certa vez uma combuca de

supucaia, introduziu-lhe a mãosinha, pretendendo retirá-la cheia dos frutos que lá se achavam.

Como seria de prever a uma inteligência mais aguda que a do bisonho animalsinho, a mão ficou prêsa na combuca e o macaquinho, assustado, nervoso, que os macacos também tem nervos, disparou aos pulos pela floresta arrastando a sapucaia e gritando desesperadamente: "Ai! Ai! Ai! Cuimbisca hú pscá se pú! Ai! Ai! Ai! Cuimbisca hu pscá se pu! Ai! Ai! Ai! Combuca pegou minha mão.

A macacada, alvorotada, rodeia o macaquinho, Benjamim da tribo, estabelece conselho e acaba por chamar o macaco velho, o pai de todos.

Vem o macaco velho, examina o caso, toma de uma pedra e em repetidos golpes arrebenta a combuca libertando a mão do mico travesso.

Êste, vendo-se livre, recomposto do susto, e já de nervos aplacados, volta-se para o macacão e pergunta: **"Macaca tamuia taá inti ana cuimbisca hú pscá i pú?** (Vovô, combuca já pegou sua mão?).

"Macaca tuiué inti hu mundéo i pú cuimbisca o pé (Macaco velho não mete mão em combuca), responde o macacão.

Entretanto, A. Neiva, em "Estudos da Língua Nacional", pág. 178-179, afirma que o vocábulo "macaco" é africano.

MACANÁ — arroio, afl. do Erval, na região de Erval. Do vocábulo aruaco "macana" (paroxítono), espécie de maça feita de madeira dura e pesada, usada pelos indígenas como arma.

MACUCO — arroio na região de Lajeado. De "macucáua", macuco, ave. J. Borges Fortes diz tratar-se de "ma-cucu", cousa muito boa de comer.

MAENDUAPA — arroio, afl. do Turuçu, o qual deságua no São Lourenço. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico, ano XXI, II trimestre, denomina-o "Maenduava". De "maenduara", lembrança, recordação.

MANDASSAIA — arroio, afl. do Ijuí; Rincão da Mandassaia, povoado entre o arroio Capivara e o Capão Grande, região de Santa Maria. Nome indígena de uma abelha da família dos Meliponídeos (Melipona anthiioides, Lep.) J. Borges Fortes interpreta como "mana-çaia", ninho estendido. Parece, entretanto, tratar-se de "mana", feixe, ninho, e "ça'í", pequeno, miúdo: ninho pequeno.

MAMPITUBA — rio, divisa entre os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina; desemboca no Atlântico, na região de Tôrres. Provàvelmente corruptela de "mandi'í-tyba", de "mandií", "mandi'í", variedade de bagre, mandim, (Pimelodus clarias, Bloch), e tyba", "ty", sufixo abundancial, multidão: grande quantidade de mandins. Ou do tupi "mombutuê", alentar; ou ainda, do guarani "mombytu'ú", fazer descansar, aliviar. Th. Sam-

paio sugere "mboi-upá-tyba", lagoa das cobras em abundância.

MANDU — arroio afl. do Caxambu. MANDUZINHO — arroio, afl. do Caxambu. De "mandií", "mandi'í", variedade de bagre.

MANDUAVA — arroio, afl. do rio Pardo. De "mandi'í", variedade de bagre, e "aba", "ava", indicativo de local: o local dos mandins. Ou "o lugar da recordação" (V. Manuá).

MANTIQUIRA — localidade na região de Caràzinho. De "amandyquyra", a goteira da chuva.

MANUÁ — outro nome de arroio Amanoá, afl. do Uruguai na região de S. Borja. De :maenduara", tupi, lembrança, recordação; ou de "mandu'á", guarani, lembrar-se, recordar. Aurélio Pôrto, em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico, III.° trimestre de 1938, dá "manuá" como o nome primitivo dos índios minuanos.

MANUARÁ — arroio, afl. do rio da Várzea; povoado junto ao arroio do mesmo nome. Possível corruptela de "mandií", "mandi'í", variedade de bagre, mandin, e "araá", agitado, lampeiro: o bagre irrequieto?

MAQUINÉ — rio, afl. da lagoa dos Quadros, na região de Capão da Canoa; localidade na mesma região. Nome de uma gramínea, também chamada capim-maxindo; embora palavra provàvelmente indígena, não é tupi.

MARABÁ — arroio, afl. do Amançupara, região de Júlio de Castilhos. Talvez de "ma-

rapá", morcego, do macuxi, dialeto caribe. "Maraba" passou ao vocabulário brasileiro com a significação de "mestiço de branco com índia. Há a respeito um poema de Gonçalves Dias, "Marabá".

MARACANÃ — localidade junto ao arroio Miraguia, na região de Gravataí. De "maracanã", ave psitacídea (Ara maracana, Vieill).

MARATÁ — arroio, afl. do Caí; vila na região de São Sebastião do Caí. Corruptela de "maracá", chocalho feito de porongo com sementes ou pedrinhas no interior? Th. Sampaio dá "talvez, "marã-tã", ruído forte, revolução intensa.

MARAU — arroio, afl. do Guaporé; vila junto ao arroio de mesmo nome; MARAUZINHO — arroio, afl. do Marau; Segundo a "Enciclopédia dos Municípios", Marau era o nome de um cacique que praticou atos de banditismo na região, até ser morto por tropa em 1857. Do caingangue, significação ignorada.

MARICÁ — arroio, afl. do Camaquã; arroio em Caçapava. J. Borges Fortes diz se tratar de "mari (cássia) pungente".

MARUPIARA — arroio, afl. do Jacuí; antigo nome da Vila Paraíso, a NO de Cachoeira do Sul, Segundo o "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa", na Amazônia "marupiara" é "pessoa feliz na caça ou na pesca; pessoa feliz nos negócios e nos amores. (Antônimo: panema)". Laudelino Freire diz ser "feliz; coroado de bom êxito".

MATAPI — sanga, afl. do Uruguai na região de Uruguaiana. Do caribe "matapí", "grande cesto cônico, de talas de palmeira jacitara, cuja abertura do fundo, voltada para dentro em forma de funil, oferece entrada ao peixe, que fica impedido de sair pelas arestas das talas. Mergulham o matapí com um pêso e as iscas" (Amando Mendes, Pescarias Amazônicas). Corresponde mais ou menos ao "pari" dos tupis; êste último vocábulo entrou para o vocabulário brasileiro, sendo empregado comumente pelos pescadores de rio.

MATUPÁ — arroio, afl. do Seival. Do caribe "matupá", barranco, periantã, capim em grandes touças, desenraizado das margens que, flutuante, desliza com a corrente..." (Chermont", Glossário Paraense").

MAUÁ — localidade à margem do arroio Grande, na região de Jaguarão; vila à margem do arroio Barra Funda, na região de Guaporé; povoado à margem do rio Uruguai, na região missioneira. Do galibi, dialeto caribe, "mauá", sapo.

MEUÃ — arroio, afl. do Jaguarão-Chico. "Meuã" é palavra que figura em dicionários como têrmo amazônico significando "careta". Provàvelmente do guarani "meguá", disforme, torcido, defeituoso, desproporcionado, corrompido.

MICUIM — arroio, afl. do Patos, na região missioneira. De "mocoo", roer, e "î", pequeno, diminuto. Quem anda pelos campos na época em que a "Maria-Mole" ostenta suas flores amarelas, sabe o quanto é apropriado êsse nome ao minusculo inseto; o nosso micuim, ou "bijo colorado" dos uruguaios.

MIMBAÚ — arroio, afl. do Saraiva, na região de Cangussu. De "mimbaba", "mymbá", ave ou animal doméstico, gado, e "y", água, rio: o rio do gado, o arroio onde bebe o gado.

MINUANO — arroio, afl. do Jaguarão-Chico; serro do, na região de Rosário do Sul. Etnônimo; índios outrora localizados às margens da lagoa dos Patos.

MIQUIRA — arroio, afl. do Pequirí, na região de Cachoeira do Sul. Talvez corruptela de "mycura", raposa, gambá. Embora "mycura" seja vocábulo corrente no nheengatu da Amazônia, A. Levy Cardoso afirma que ela não provêm do tupi, e sim do caribe "mocorê".

MIRACANHANA — arroio ,afl. do Manuará. De "mirá", gente, vulgo, e "canhána", ajuntar: o agrupamento de pessoas.

MIRACATU — arroio, afl. do Ibicuí. De "mirá", gente, vulgo, e "catu", bom, são: gente boa. Miracatu-Mirim — arroio, afl. do Miracatu. De "miracatu" e "mirim", pequeno.

MIRAGUAIA — arroio, afl. do Gravataí; povoado à margem do arroio; vila na região de Santo Antônio da Patrulha. De "mirocaia", variedade de peixe.

MIRAPEVA — arroio, afl. do Jaquirana. De "pirá", peixe, e "peba", "pé", chato, plano: peixe chato, semelhante ao linguado.

MIRAPICICA — sanga, afl. do arroio Soturno, na região de Júlio de Castilhos. De "pirá", peixe, e "yasyca", "yssy", resina, goma: cola de peixe?

MIRAPUITÃ — arroio, afl. do Baitaca. De "pirapitã", de "pirá", peixe, e "pitanga", "pitã", avermelhado: peixe avermelhado.

MIRIM — grande lagoa na faixa litorânea, no extremo Sul do país; localidade na região de Santa Vitória do Palmar. De "mirim", "mirî", pequeno, adjetivo que foi incorporada ao linguajar brasileiro. A lagoa foi inicialmente, denominada Saquarembó, vocábulo que J. Borges Fortes interpreta como "lugar onde bebem os socós". O adjetivo "mirim", aplicado a uma lagoa de grande extensão, é justificado porque à lagoa dos Patos, maior, era dado antigamente o nome de lagoa Grande. É interessante notar que no taurepã, dialeto caribe, "mirí" significa caranguejo.

MOCUÍ — arroio, afl. do Tuparoca. De "mocuí", esfarelar.

MOMBUCA — nome de dois arroios, ambos afl. do Potiribú. Mombuquinha — arroio, afl. do Mombuca na região de Cruz Alta; arroio, afl. do rio Rolante. De "mombuca", furar, rebentar, rachar. Ou de "mumbuca", variedade de abelha.

MONDUABA — arroio, afl. do rio Pardo. De "monduia", fazer com que transborde, e sufixo "aba", "saba", o em que, o com que: arroio que transborda?

MONDURÚ — arroio, afl. do Reserva. Do tupi "mondyryca", fazer deslizar ou correr; correr. Ou do guarani "mondiry", rachar, rasgar, romper.

MONHANGABA — arroio, afl. do Piratini. De "monhangaba", lugar, tempo ou modo de fazer algo.

MOPONGA — arroio, afl. do Uruguai na região missioneira. Modo de pescar, batendo a água com os braços, para que o peixe remonte o rio até o lugar da rêde. Embora não conste dos vocabulários consultados, é, quase certamente, palavra tupi.

MOQUEM —arroio, afl. do Tacangava. Do tupi "mocaê" tostar, secar; grêlha de varas para assar ou secar a carne ou o peixe. Diz A. Neiva em "Estudos da Língua Nacional": "Nas Cartas do Brasil, de Manoel da Nóbrega, vêm registrados vários brasileirismos. Em epístola da Bahia, datada de 1549, a palavra "moqueados" já aparece e provàvelmente é o primeiro brasileirismo.

MOROTIM — arroio, afl. do Caxambu. De "morotinga", "moroti", branco, a côr branca.

MORUNDU — arroio, afl. do Irapuá. Provàvelmente do guarani "morangú" ou "morandú", fábula, conto, história, relato — como a do "bicho-tutu", da cantiga de ninar. É possível, também, que não seja vocábulo indígena, e sim africano, significando montículo.

MORUNGAVA — morro em Gravataí; vila na mesma região. Topônimo de difícil inter-

pretação; talvez provenha de "muruangaba", ou "angaba", com a significação de "bom".

MOTIRÃO — arroio, formador do Espêto, na região de Vacaria. Motirão, mutirão, muxirão, putirão, putirom, putirum, e ainda outras formas, figuram em nossos dicionários com a significação de "auxílio gratuito que se prestam os lavradores, reunindo-se todos os da redondeza e realizando o trabalho em proveito de um só, que é o gratificado, mas que nesse dia faz os gastos de uma festa ou função" (Pequeno Dicionário Brasileiro da da Língua Portuguêsa). De "pytybõ", "pytyvõ", ajudar, secundar, favorecer, cooperar, proteger.

MUCUNÃ — salto no rio Uruguai, na região de Palmeira. De "mucunã", nome de diversas leguminosas.

MUMBOCA — arroio, afl. do Japicaí. Talvez variante de "mombuca" (V).

MUNDÁ — arroio, afl. do Ladrões. De "mondá", furtar, roubar; ladrão.

MUNDÉU — arroio, afl. do Tuparendi. Do tupi "mundé", alçapão, armadilha.

MUQUEM — arroio, afl. do Botucaraí; serro na região de Taquara. Variante de "moquem" (V).

MUSSUM — povoado entre Guaporé e Taquari; vila na região de Guaporé. De "mussu", mussum, enguia.

MUTUCA — morro na região de Taquari. De "mutuca", "mbutu", moscardo.

N

NAMBIJU — arroio, afl. do rio Rolante. De "nambi", "orelha, e "juba", "yu", amarelo: orelha amarela. Laudelino Freire consigna "nambiju" como adjetivo, e informa: "diz-se do boi que tem pêlo baio e orelhas fulvas ou amarelas".

NANATIBA — arroio, afl. do rio dos Sinos. De "nanã", ananás, e "tyba", "ty", sufixo abundancial; multidão: grande quantidade de ananases.

NAPEVA — arroio, afl. do Piverá, região de Soledade. Embora "napeva" não figure em vocabulários, é, quase certamente, vocábulo guarani, e passou para o linguajar bra-

sileiro do sul, com a significação de "Curto de pernas. Diz-se em geral de galináceos ou de cães". (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa).

NHANDUVAÍ — sanga do, afl. do arroio Quaraí Mirim. De "nanduvay", nome de uma árvore (Acacia cavenia).

NHUPORÃ — povoado na região de São Borja. De "nhû", "ñu", campo, prado, e "poranga", "porã", bonito: campo bonito.

NITERÓI — bairro em Pôrto Alegre. De "niterói", água escondida, mar morto, segundo Gastão Cruls em "Aparências do Rio de Janeiro". Montoya dá interpretação semelhante: "nhê" ou "anhê", abrigar, proteger; "terô", cousa torta, encurvada, fazendo seio; "y", água, rio, isto é, seio da água abrigada, ou baía segura. Plínio Ayrosa sugere "y-terõ", água torta, rio torcido. Hans Stadeon |"Meu cativeiro entre os selvagens do Brasil) refere-se várias vêzes a "Yteron, ou Rio de Janeiro".

NONOAI — arroio, afl. do Passo Fundo; cidade a NO de Erechim. Provàvelmente caingangue. Segundo a "Enciclopédia dos Municípios", nome de um cacique que construiu seu rancho na barra do Iraí, ou Arroio do Mel.

O

OCARÁ — arroio, formador do Povinho, na região de Soledade. Provàvelmente de "ocara", terreiro, praça, campanha, campo; o que está fora da casa ("oca")

OGARAITI — arroio, afl. do Amandaú, anteriormente chamado Capoeira. De "ogaraity", nome guarani do João-de-barro (Furnarius rufus paraguariensis). "Ogaraity" é, literalmente, ninho de casa, ou ninho em forma de casa.

OGARATINÍ — rio, afl. do Guarita; também chamado Ogaratim. De "ocara", terreiro, praça, campanha, campo; o que está fora da casa, e "tiningatã", "tiní", sêco, duro, endurecido: o campo ressequido. Por outro lado, Jean de Léry, no "colóquio de entrada ou chegada ao Brasil, entre a gente do país chamada tupinambá e tupiniquim, em linguagem brasílica e francêsa", de sua "Viagem à terra do Brasil", cita, entre as aldeias indígenas às margens da baía de Guanabara, a de "Okarantín". Plínio Ayrosa, em "Notas" para o colóquio, na edição da Biblioteca do Exército, afirma "Okarantí (Ocorenti) pode ser interpretado de modos diversos, mas o sentido que ocorre mais naturalmente é "ygárantin", proa de navio ou mesmo "okár-antí" ponta da praça, do terreiro".

OPACAÁ — arroio, afl. do rio da Várzea. De "ypaca'á", galinhola.

P

PACA — arroio da, afl. do Guaporé; arroio, afl. do Comandaí; povoado, à margem do último citado; PACAS — rio das, tributário da lagoa do Forno, região de Tôrres; povoado na região de Caràzinho. De "paca", "páy", mamífero roedor (Cuniculus paca); o nome talvez seja proveniente de "pag", "páy", despertar: animal vivo, desperto.

PACU — arroio em Uruguaiana; ilha no rio Uruguai, região de Uruguaiana. De "pacu", peixe (Piractus brachypomus, Cuv.).

PAGÉ — arroio, afl. do Taquari. De "pagé", "payé", pajé, nome do sacerdote que era, ao mesmo tempo, mago e médico — entre os antigos guaranis e tupis.

PAI-PASSO — arroio, afl. do Ibirapuitã; coxilha na região de Quaraí. De "paí", "pa'í", pai, sacerdote, pastor, cura, padre, e "passo", palavra portuguêsa: o passo do padre. "Pa'í" provàvelmente é corruptela de "mba'í" que, em guarani arcaico, significava o espanhol, o estrangeiro.

PAIQUERÊ — arroio, afl. do rio Pelotas. Talvez de "pa'í-cué-r-y", de "pa'í", pai, sacerdote, pastor, cura, padre; "cué", sufixo que indica o passado (em guarani; corresponde ao "puera" do tupi); "y", água, rio: rio do sacerdote que não o é mais, rio do ex-sacerdote.

PAIRÉ — sanga do, afl. do Toropi. Interpretação semelhante à do topônimo anterior, Paiquerê. "Ré" é outro sufixo que, em guarani, indica o passado, o que foi: a sanga do ex-sacerdote.

PAMPA — arroio, afl. do rio dos Sinos. É palavra quechua: campo, região plana.

PANAMBI — cidade na região missioneira. De "panambi", borboleta.

PANAPANÁ — arroio, afl. do arroio dos Cachões, na região de Soledade. De "panãpanã", variedade de peixe. São possíveis, entretanto, outras interpretações, pois o vocábulo passou para o português do Brasil com diversos significados: uma variedade peixe, bando de borboletas, nome de diversas plantas.

PARÁ — arroio, afl. do Uruguai na região de Tenente Portela. De "pará", o mar, em guarani e tupi arcaicos.

PARAGUAI — ponta do, na lagoa Mirim, região de Santa Vitória do Palmar; PARAGUAIA — povoado à margem do arroio Lavapé, na região de Santa Maria. De "paraguá", variedade de papagaio; em guarani arcaico, coroa, grinalda, nome de uma planta, de uma ave. "Paraguáy", rio dos papagaios. Os paraguaios estabelecem distinção entre Paraguái, com i, nome que dão ao seu país, e Paraguay, com y, nome da capital, Asunción.

PARAGUAÇU — vila à margem do arroio Velhaco, junto à foz dêste, na lagoa dos Patos. Do nome da índia tupinambá que desposou Diogo Álvares Correia, o Caramuru. "Diz-se que Paraguaçu contribui de modo decisivo para a submissão dos tupinambás aos portuguêses; todavia, sobrevindo a guerra entre os colonos e os índios, devido às arbitrariedades de Pereira Coutinho, e caindo Diogo Álvares prisioneiro de seus compatriotas, Paraguaçu comandou as fôrças que depuseram e mataram o donatário" (Enciclopédia Brasileira Mérito). Paraguaçu pode ser decomposto em "pará", o mar, e "guaçu", grande.

PARAÍ — vila próxima a Casca. De "para'í", matizado formado por manchas claras e escuras; ou de "para'y", nome de uma árvore.

PARANHANA — rio, afl. do rio dos Sinos. Embora semelhante a "Parauaiana", nome de um rio do Amazonas, do caribe "paraua", mar, e "iana", tribo, família, é um pouco provável que seja essa a significação de "Paranhana". Não é impossível, entretanto, que o nome tenha sido dado ao rio por algum estudioso, conhecedor do curso de água amazônico.

PARAPÓ — arroio que deságua na lagoa Mirim. Talvez de "pará", o mar, e "pora", o que está contido em, conteúdo, habitante de, conseqüência, resultado, efeito, sinal.

PARARI — arroio, afl. do rio Pardo. Provàvelmente de "paryrí", pássaro, "alma-de-gato". Parari passou para o vocabulário brasileiro designando uma variedade de pomba (pomba-de-bando), e uma erva tintórea do Amazonas.

PARECI — povoado próximo a São Sebastião do Caí; Pareci Novo, vila à margem do rio Caí; Pareci Velho, povoado, também à margem do rio Caí. Pareci é corruptela do aruaco "ariti", nome que a si mesmos dão os índios pareci.

PARI — arroio, afl. do rio Uruguai na região de Palmeira; corredeira do rio Uruguai, próxima à foz do arroio Pará. De "pari", barragem de madeira, cêrca ou armadilha para apanhar peixe.

PAROBÉ — povoado à margem do arroio Inhacocré; localidade próxima a São José do Norte; vila na região de Taquara. De "upaba", "ypá",

lagoa, "roba", "ro", amargo, e "é", gôsto, sabor: "ypá-rob-é", lagoa de sabor amargo.

PAROVÉ — lagoa na região de Alegrete. Variante de "parobé" (V).

PATOS — grande lagoa na faixa litorânea. J. Borges Fortes afirma que o nome provém de nação indígena, não do animal; R. von Ihering, em artigo publicado no "Anuário do Rio Grande do Sul, para 1910, é de opinião contrária, e apresenta argumentos que parecem justificá-la plenamente.

PAVERAMA — vila na região de Estrêla e Lajeado. Talvez de "pabê", "pavê", de todos, e "retama", "retã", "rama", terra, pátria: a terra de todos.

PECA — arroio, afl. do Putinga. De "ypeca", variedade de pato.

PECABA — arroio, afl. do Piraçucê. De "ypeca", "ypé", variedade de pato, e sufixo "aba": o local dos patos.

PEJUÇARA — arroio, afl. do Ituim. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II trimestre de 1941, escreve "peiucará", mas é provável que se trate de êrro de revisão. De "peju", "peyu", soprar, e "sara", que, o que: o que sopra, o soprador. Gonçalves Dias traduz "pejuçara" por "sôpro".

PEPERI-GUAÇU — ilha no rio Uruguai. Parece tratar-se de um caso de reduplicação: "As sílabas tônicas e pré-tônicas de uma palavra, repetidas, dão a idéia de plural — se a palavra é substantivo ou pronome..." (Pe. Lemos Barbosa, Curso de Tupi Antigo, pg. 319). Pe-

peri seria a reduplicação de "pirí", junco, donde "pipirí", juncal. Peperiguaçu, o juncal grande.

PEQUERI — arroio, afl. do Jacuí; cerro, junto ao arroio; arroio, afl. do Jaguari. De "piky", peixe pequeno, peixinho, e "y", água, rio: "piky-r-y", o rio dos peixinhos.

PERAU — arroio, afl. do Uruguai na região de Palmeira; Perau Grande, arroio, afl. do Maneador. J. Borges Fortes dá "pé-rau", caminho falso, sumidouro.

PERERECA — arrio, afl. do rio dos Sinos. De "pemoitas e sobe às árvores, andando aos saltos. O verbo tupi passou ao português do Brasil como substantivo: variedade de rã que vive nas moitas e sobe às árvores, andando aos saltos. Passou, também, como verbo: pererecar, dar saltos ou pulos.

PERI — arroio, afl. do Pampa. De "pirí", junco.

PERIPERI — sanga, afl. do arroio Lagoão, na região de Cachoeira. O juncal (V Peperi-guaçu).

PETECA — arroio, afl. do rio dos Sinos. De "peteca", bater com a palma da mão; "peté", golpear, dar golpes com a mão. Verbo tupi,, transformado em substantivo, passou para o nosso linguajar, denominando o brinquedo que se joga "batendo com a palma da mão".

PETIM — arroio, afl. do Guaíba; cerro na região de Guaíba. De "petyma", "pety", fumo, tabaco.

PETINGUÁ — arroio, afl. do Jacuí. De "petyma", "pety", fumo, tabaco, e "cuara", "cuá", buraco, cova: a cova do fumo?

PIAÍ — rio, afl. do Caí; Santa Lúcia do Piaí, povoado próximo a Caxias do Sul. Corruptela de "apiahy"; o "a" inicial foi, aos poucos, desaparecendo. De "apyaba", varão, homem, macho, índio, gentio, e "y", água, rio: o rio dos homens, ou o rio dos índios.

PIAPORA — arroio, afl. do Vacacaí. Talvez de "pyá", entranhas, coração, qualquer órgão interno, e "pora", conteúdo, habitante: o habitante do coração?

PIARUÍ — arroio, afl. do rio São Sepé. De "pyá", entranhas, e "roy", frio: o arroio frio.

PIAUÍ — arroio, afl. do Icamaquã; arroio, afl. do Cambuiretã. De "piau", variedade de peixe, e "y", água, rio: o rio dos piaus.

PINDAÍ — arroio, afl. do Uruguai, na região missioneira; arroio, afl. do Capivara; povoado na região de Uruguaiana. De "pindá", anzol, e também ouriço, e "y", água, rio: o rio dos anzóis, ou o rio dos ouriços. PINDAÍ MIRIM — arroio, afl. do rio Touro Passo.

PINDAÍBA — arroio, afl. do Irapuá. De "pindayba", "pindayva", a vara de pescar, o caniço (de "pindá", anzol, e "yba", haste, caule, bastão, vara: a vara de anzol). Seria interessante averiguar como êsse vocábulo passou para a gíria com a significação de "falta de dinheiro".

PINDORAMA — vila, na região de Cruz Alta (ex-Neu Wurtenberg). De "pindoba", "pindó", palma, palmeira, e "retama", "retã", "rama", terra, região de: terra das palmeiras, região das palmeiras. Dizem os dicionários que Pin-

dorama é "designação dada ao Brasil pelas gentes ando-peruanas e pampianas".

PIQUIRÍ — variante de Pequiri (V).

PIRÁ — sanga, afl. do Ogaratim. De "pirá", peixe.

PIRACAÍ — rio, afl. do Uruguai; também chamado Pardo. De "piraaca", piraaca, peixe do Brasil, cangulo ou peixe-porco, e "y", água, rio: o rio das piraacas.

PIRAÇUCÊ — (Pirassuce). Rio, afl. do Apuaê. Talvez de "pirá", peixe, "açu", grande, e "ê", que tem gôsto: o peixe grande gostoso.

PIRACUPIÁ — rio, afl. do Taquari através do Humaitá e do rio da Prata. De "pirá", peixe, "una", "hû", escuro, preto, e "pyá", entranhas, coração: as entranhas do peixe escuro?

PIRAÍ — arroio, afl. do rio Negro; povoado à margem do arroio de mesmo nome. PIRÃIZINHO — arroio, afl. do Piraí. De "pirá", peixe, e "y", água, rio: rio do peixe.

PIRAJÁ — arroio, afl. do Caí. Theodoro Sampaio dá como "o pega-peixe, o viveiro ou pesqueiro".

PIRAJACÃ — arroio, afl. do Santa Maria. Algumas vêzes grafado como Birajacã. De "pirá", peixe, e "yacã", arroio: arroio dos peixes.

PIRAJÚ — arroio, afl. do Ibicuí; arroio, afl. do Piratini. De "pirajuba", "pirayú", peixe, dourado. De "pirá", peixe, e "juba", "yú", amarelo.

PIRAMIRITÁ — arroio, afl. do rio da Várzea, na região de Sarandi. De "pirá", peixe, "mirî", pequeno, e "itá", sufixo que indica o plural: muitos peixinhos.

PIRANGA — arroio em Ijuí. De "piranga", vermelho.

PIRAPÓ — serra entre o arroio Cambaí e o Ijuí; salto no rio Ijuí; povoado na região missioneira. De "pirá", peixe, e "pora", estar cheio, abundar, ou saltar, pular: abundância de peixe, ou lugar em que o peixe salta. Essa última acepção seria especialmente adequada ao salto no rio Ijuí.

PIRAPORA — arroio, afl. do Vacacaí. V. Pirapó.

PIRATABA — vila na região de Tôrres. De "pirá", peixe, e "taba", "tava", aldeia povoado: a aldeia do peixe.

PIRATINÍ — rio, afl. do Uruguai; PIRATINÍ-MIRIM — arroio, afl. do Piratiní. Também chamado Almas, na região missioneira; rio, afl. do São Gonçalo; PIRATINÍ MENOR — arroio, afl. do Piratiní; cidade, sede da República Riograndense de 1835; nome do palácio do Govêrno do Estado. De "pirá", peixe, e "tininga", tiní", sêco, endurecido: o peixe sêco. Piratiní é a forma guarani de Piratininga, a qual, segundo o Pe. José de Anchieta, provinha do fato de o rio transbordar e deixar o peixe em sêco. PIRATINIZINHO — arroio, afl. do Piratiní.

PIRICA — sanga, afl. do arroio Itacurubi. De "pyryryma", "pyryryi", rodopiar, girar.

PIRINGÁ — arroio, afl. do São Salvador, na região de Montenegro. Do tupi "piringa", estremecer, arrepiar-se, arrepio? Ou, ainda do tupi, "piriguaia", variedade de bugio? Ou do guarani, "piriguá", planta medicinal, (Anchieta salutaris)?

PIRIRÍ — banhado em São Borja. "Pirirí", em guarani, é ruído como de fogo que estala, mas provàvelmente o nome do banhado vem de "piripiri", junco.

PIRITIBA — arroio, afl. do rio Cacequi. De "pirí", junco, e "tyba", sufixo abundancial: muito junco, o juncal.

PIRUÁ — arroio, afl. do rio Passo Fundo. De "piruá", bolha; empolado.

PITANGA — localidade na região missioneira; arroio das Pitangas, arroio, afl. do Passa Sete. PITANGUEIRA — arroio, afl. do Grande, na região de Arroio Grande; arroio, afl. do Candiotinha, na região de Pinheiro Machado; sanga da, afl. da sanga do Bento, na região de Santa Maria; localidade entre Palmeiras e Osório. De "pitanga", "pitã", avermelhado, pardo, vermelho. O nome foi dado a uma fruta silvestre que, quando madura, tem as côres citadas; é também empregado para designar côr de pelagem do bovinos.

PITANGUÁ — arroio, afl. do rio da Várzea. De "pitanguá", bentevi.

PITIUM — sanga, afl. do Jaguarão-chico. De "pytiû", "pyti'ú", cheiro a cousa suja ou a peixe, cheiro forte de pessoa ou animal.

PIUM — arroio, afl. do Ituzinho. De "piû", borrachudo, mosquito.

PIVERÁ — arroio, afl. do Fão. De "py", com diversas significações — pé, planta, base origem, largura, profundidade —, e "beraba", "verá", brilhante. Talvez origem brilhante, nascente brilhante.

POACÁ — arroio, afl. do Jaguarão através do Candiota. De "poacá", poder, ou de "pu'acá", forte, poderoso, capaz, prepotente.

POAÇU — arroio, afl. do Ijuí. De "poaçu", mão esquerda; o arroio é afluente da margem esquerda do Ijuí.

POATÃ — rio, afl. do Uruguai na região de Marcelino Ramos. De "poatá", reto, direito: rio que não é sinuoso.

POITÉ — sanga, afl. do Taperoá, na região de Encruzilhada.

POMONGA — arroio, afl. do Turuçu. "Pomonga": viscoso.

PORÃ — rio, afl. do Ati-açu. De "poranga", "porã", belo, formoso, bonito.

PORACÁ — arroio, afl. do Irapuá. De "poracara", "poracá", pescar ou caçar; ou "poracahá", armadilha de caça.

PORACÊ — arroio, afl. do Taquarí. De "poracê", dansar, bailar.

PORANDUBA — arroio, afl. do Turuçu. (A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II trimestre de 1941, grafa Poronduba, mas trata-se evidentemente de um equívoco). De "poranduba", "poranduva", informação, novidades, relação, história, conto, anedota.

POROROÓ — arroio, afl. do Tigre, na região de Cruz Alta; arroio, afl. do Ligeiro na região de Getúlio Vargas. De "pororoca", pororó", estrondo, macaréu, estalido: arroio ruidoso, arroio barulhento.

POTARA — arroio, afl. do Rio Pardo. De "potara", "potá", desejar, querer.

POTI — sanga, afl. do arroio das Capivaras, na região de Tapes. De "poti", camarão.

POTIRETÁ — arroio, afl. do Caturetê. A grafia deve ser Potiretã, de "poti", camarão, ou "poty", flôr, e "retama", "retã", "rama", terra, pátria, região de: região dos camarões, ou região das flôres.

POTIRIBÚ — rio, afl. do Ijuí. De "poti", camarão, ou de "potyra", "poty", flor, e "ybura", "yvu", água que brota para cima, fonte, manancial: a fonte dos camarões, ou a fonte das flores.

PUITÃ — rio, afl. do Jacuí; arroio, afl. do Itu, PUITÃZINHO — arroio, afl. do Puitã; arroio, afl. do Uruguai, na região de Uruguaiana. De "pitã", vermelho.

PUITÃ JAPEJÚ — De "pitã", vermelho, e "japejú", arroio ou rio de superfície amarela (de "y", água, rio, "apé", superfície, e "juba", "yú", amarelo: "y-apé-yú"), ou o pantanal amarelo, de "y(g) apó", alagadiço, e "juba", "yú". Rio, ou arroio, vermelho-amarelado?

PURARÉ —arroio, afl. do Caturetê. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II trimestre de 1941, grafa Pururé, o que talvez seja a grafia correta. Puraré pode provir do guarani "purahéi", canto, canção. Pururé foi o nome que os índios tupis deram à enxó, trazida pelos colonizadores.

PUTINGA — arroio, afl. do Jacaré, na região de Encantado; vila nas proximidades de Guaporé. Talvez de "pu", barulho, estrondo, ruído, e "tinga", enjoativo, fastidioso: ruído fastidioso das águas do arroio?

PUXÍ — arroio, afl. do Puxiretã. De "poxy", torpe, feio, venenoso, mau, furioso. Pouco provável, pois há em geral a preocupação de realçar a beleza, a pureza do ar, a transparência da água, ou outra qualquer característica vantajosa do acidente geográfico designado — Nhû Porã, Campo Belo, Vista Alegre, etc. Talvez trate de corruptela de Ipuichim que, como já se viu, J. Borges Fortes e Souza Docca interpretam como "fileto de água brilhante". Há, ainda, a possibilidade de se tratar de abreviatura de puxi-caraím, ave da família dos Fringilideos, também chamada guarani-cininga.

PUXIRETÃ — arroio, afl. do Ibirubá, na região de Cruz Alta. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II trimestre de 1941, grafa Puxiretê. De "puxí", com significação incerta (V. Puxí), e "retama", "retã", "rama", terra de, pátria, região de: a região dos filetes de água brilhantes? Ou a região das aves chamadas puxi-caraim?

Q

QUARAÍ — rio, na região de Sant'Ana do Livramento; rio, afl. do Uruguai na região de Uruguaiana; arroio, também chamado Quatipí; arroio, afl. do Entrada; arroio, afl. do Santa Rosa; cidade, à margem do rio do mesmo nome, afl. do Uruguai. Theodoro Sampaio dá duas interpretações: "ou é Guará-hy, rio dos guarás, ou Quara-y, rio das covas ou dos buracos". Parece mais provável, entretanto, que o topônimo derive de "cuaracy", forma tupi, "cuarahy", forma guarani: o sol.

QUARAÍ CHICO — arroio, afl. do Uruguai De "quaraí", e "chico", espanhol, pequeno.

QUARAÍ MIRIM — arroio, afl. do Quaraí, que o é do Uruguai. De "quaraí" e "mirim" pequeno.

QUARAÌZINHO — arroio, afl. do Quaraí, na região de Santo Ângelo.

QUAREPOTI — vila na região de São Luiz Gonzaga. Do guarani "cuarepoti", metal, ferro.

QUATI — arroio do afl. do rio Toropi; arroio dos Quatis, afl. do rio Santana; ponta dos Quatis, ponta a NE na ilha Francisco Manoel, no rio Guaíba. De "cuati", coati (Nasua nasua, L.).

QUATIPÉ — arroio na região de Quaraí. De "Coati", coati, e "pé", caminho, ou "pé", casca, pele: o caminho, ou a pele, do coati?

QUATIPÍ — arroio, afl. do Lajeado São Domingos, o qual deságua no rio Carreiro. Possìvelmente corruptela de "quatipé". Igualmente possível: "cuara", "cuá", cova, buraco, e "typi" fundo, profundo (em relação à água). o buraco, o perau.

QUICEPECUM — arroio, afl. do rio Passo Fundo. De "quicé", faca, e "pucu", comprido: faca

comprida? Ou de "quycé" e "pecõi", duplo: faca dupla?

QUIMBAÍ — arroio, afl. do Nonoai. Do guarani "tymbá", plantação, animal, gado, bens, e "y", água, rio: rio da plantação.

QUIPÁ — arroio, afl. do Jacuí, na região de Soledade. De "quyhá", rede de dormir.

QUIRÍ — sanga, afl. do arroio do Bote, na região de Jaguarão. Segundo A. Levy Cardoso, "quirí" é vocábulo caribe, com a significação de "homem, varão, macho".

QUIRIMAU — arroio, afl. do Ijuí. Talvez composto de "quirí (V.) e de "imã" que "significa umas vêzes o pai, o formador, o maior de todos, e, outras vêzes, funciona como coletivo, exprimindo reunião, coleção" (A. L. Cardoso). Assim, "quirimau" seria vocábulo caribe, correspondendo aproximadamente ao tupi "avaí", i. é, rio dos homens". Se verdadeiras as interpretações dêste topônimo e do anterior, ambos devem ter sido dados aos acidentes que designam por estudiosos, uma vêz que se acham em zona muito afastada da de influência caribe.

QUIRI-QUIRÍ — arroio, afl. do Caracará, na região Guaíba — Tapes. Do guarani "quirí-quirí", ave, gavião, chimango (Falco rufigularis, Daud).

QUIRIRIM — arroio, afl. afl. do Ibacarú, na região de São Jerônimo. De "quiririî", calado, quieto, silencioso, tranquilo.

R

RUDÁ — sanga, afl. do Vacacaí, na região de São Sepé. "Rudá" — pronuncie-se com "erre" suave, como se houevsse, antes dele, uma vogal qualquer, pois os indigenas desconhecem o "erre" forte, — é o deus do amor da mitologia tupi. Diz Couto de Magalhães em "O selvagem": "As tradições figuram-n'o como um guerreiro que reside nas nuvens. Sua missão é criar o amor no coração dos homens, despertar-lhes saudades e fezê-los voltar para a tribo, de suas longas e repetidas peregrinações. Como "os outros deuses, parece que tinham deuses inferiores, a saber: Cairé, ou "lua cheia; Catiti, ou lua nova, cuja

missão é despertar saudades no amante ausente. Parece que os índios consideravam cada forma da lua como um ente distinto... A jovem índia que se sentia oprimida de saudades pela ausência do amante... devia dirigir-se a Rudá ao morrer do sol ou ao nascer da lua, e estendendo o braço direito na direção em que supunha que o amante devia estar, cantava:

Rudá, Rudá,
Iuaca pinaié,
Amãna reçaiçú...
Iuaca pinaié
Aiuté Cunhã
Puxiuera oikó
Ne mumanuara ce recé
Quahá caaruca pupé.

(Ó Rudá, Rudá, tu que estás nos ceus, e que amas as chuvas, tu que estás nos ceus, faze com que êle, por mais mulheres que tenha, as ache tôdas feias; faze com que êle se lembre de mim esta tarde quando o sol se ausentar no ocidente".

S

SABIÁ — morro, à margem do rio Guaíba, em Pôrto Alegre. Sabiá é o nome tupi do conhecido pássaro.

SACI — lajeado, afl. do Sinimbú, na região de Santa Cruz. Outra entidade da mitologia tupi. Diz Couto de Magalhães, obr. cit.: "O Saci Cerêrê é um dos que figuram contìnuamente nas tradições do povo do sul do Império. Contudo, eu as tenho encontrado tão confundidas com as superstições cristãs que não posso compreender bem qual é a sua missão entre os vegetais. As tradições repre-

senta-n'o com a figura de um pequeno tapuio, manco de um pé, com um barrete vermelho e com uma ferida em cada joelho".

SAICÃ — arroio, afl. do Santa Maria; localidade à margem dêsse arroio; vila na região de Rosário do Sul, Saicãzinho, arroio, afl. do Saicã. Possìvelmente de "saí", "sa'í", nome comum a várias aves das famílias dos Cerebídeos e Tanagrídeos, e "cã", ossada: a ossada do saí. Theodoro Sampaio propõe "çaí-cang", olhos d'água secos.

SAIQUI — arroio, afl. do rio Santa Cruz; arroio, afl. do rio Caí. De "saí", "sa'í", nome comum a várias aves das famílias dos Cerebídeos e Tanagrídeos, e "quyra", "quy", imaturo, verde, novo: o filhote de saí, o saí novo.

SANANDUVA — arroio, afl. do rio Ligeiro; cidade próxima a Lagoa Vermelha.
Segundo a "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros", "sananduva" é o nome indígena de uma árvore da região, não sendo conhecida a significação dêsse nome.

SAPÉ — De "sapé", nome indígena da planta empregada na cobertura de ranchos.

SAPIRANGA — arroio, afl. do rio dos Sinos; cidade nas proximidades de Novo Hamburgo. De "essá", "sá", ôlho, e "piranga", vermelho: os olhos vermelhos. Ou de "yssá", variedade de formiga, e "piranga"; formigas vermelhas.

SAPUCAIA — arroio na região de Gravataí; arroio, afl. do rio dos Sinos morro na região de São Leopoldo, vila na mesma região. De "sapucaia", "sapucái", clamar, gritar, cantar, grito, bramido. Por extensão: galo, galinha "ave que grita". Também é nome de uma planta (Lecythis ollaria).

SAPUPEMA — localidade próxima a Veranópolis. De "sapó", raiz, e "pema" esquinado, anguloso: sapopema, raiz que cresce com o tronco, formando em volta dele divisões achatadas; eleva-se às vêzes a dois metros acima do solo.

SAQUAREIRA — arroio, afl. do José Velho, na região de Taquara. Talvez de "saguã", cordel, embira, e sufixo português: a árvore que fornece a embira.

SAQUAREMBÓ — antigo nome da lagoa Mirim; como já se viu, ao tratar dessa lagoa, J. Borges Fortes interpreta o nome como "lugar onde bebem os socós". Th. Sampaio dá "socór-embó", fileira de socós ou "socó-d-yembó", arroio dos socós. Porém não parece provável que o índio desse o nome de "arroio" a uma extensão de água tão considerável como a Lagoa Mirim.

SARACURA — arroio em Júlio de Castilhos. Nome tupi de uma ave aquática brasileira.

SARANDI — arroio. tributário da lagoa Mirim; arroio, afl. do Ibirapuitã: arroio, afl. do Catí, na região de Santana do Livramento; arroio, tributário da lagoa dos Patos; rio, afl. do Icamaquã; rio, afl. do Passo Fundo; ilha no rio

Uruguai; localidade próxima a Santa Maria; localidade próxima a Aratiba; cidade próxima a Caràzinho. De "sarandi", nome comum a vários arbustos, que crescem em geral, às margens de rios e arroios (Salix humboldtiana, Phyllantus sel., etc.).

SARAPÓ — arroio, afl. do Capivara, região de Taquari. De "sarapó", variedade de enguia.

SARAQUÁ — arroio, afl. do Taquari. De "sarã", nome comum a várias árvores e arbustos da família das leguminosas, e "cuara", cuá", cova, buraco, grota: a grota dos sarãs.

SEPÉ — SÃO — rio, afl. do Vacacaí; arroio, afl. do rio São Sepé; cidade situada a SE de Santa Maria. Sepé é corruptela indígena de José — ou, talvez de Cipriano —; nome do caudilho indígena Sepé Tiaraju, heroi da guerra guaranítica. O "são, santo" foi-lhe dado pela admiração do povo, que o canonizou. "Sepé" também significa "sábio", na língua dos charruas.

SINIMBU — arroio, na região de Santa Cruz; vila na mesma região. Sinimbuzinho arroio, afl. do rio Pardinho. De "cenemby", camaleão.

SUAÇUAPARA — arroio, afl. do Jacuìzinho. De "suaçuapara", do tupi "suassu", veado — a forma guarani é "guaçu" — e "apara", tôrto; nome dado ao veado galheiro.

SUÇUAIA — De "sussuá", inchaço, inflamação; planta da família das Compostas (Elephantopus saber).

SUÇUARANA — rio, afl. do Pelotas. Do tupi "suaçúrana", ou "suaçuavana", variedade de puma, onça vermelha (Puma concolor concolor).

SUGÚI — sanga, afl. do arroio Inhatium. De "çuguy", azul, segundo Gonçalves Dias, "Dicionário da Língua Tupi".

SUMÉ — arroio, afl. do Porongos, na região de Soledade. De "Sumé", nome de um deus da mitologia tupi.

SURUGUÁ — arroio, afl. do Butiá, na região de Soledade. De "surucu'á", uma ave (Trogon surucura).

T

TABAÍ — localidade próxima a Montenegro. De "taba", "tava", aldeia, povoado, e "y", água rio: o rio da aldeia, ou aldeia que tem rio. Ou de "taba", "tava" e "í", sufixo diminutivo: a aldeiazinha.

TABATINGAÍ — arroio, afl. do Jacuí. De "tabatinga", barro branco, e "y", água, rio.

TABARÁ — arroio, afl. do Piratini através do arroio Basílio. É corruptela de "taberá" (V), que, por sua vêz, o é de "itaberá".

TABERÁ — arroio algumas vêzes denominado "Tabará". De "itá", pedra e "beraba", "verá, brilhante: pedras brilhantes. No guarani moderno "itaverá" designa o cristal, o vidro, o espêlho.

TABIRA — arroio, afl. do rio das Antas. De "itá", pedra, e "byra", erguerse: a pedra erguida, levantada.

TACÃ — arroio, afl. do rio Belo, na região de Caxias do Sul. De "tacã", galho, ramagem, copa de árvore. Ou de "tacuã", cheiroso, perfumado.

TACAMBIRA — arroio, afl. do Guaramana. De "tacamby", perna, forquilha.

TACANGAVA — arroio, afl. do rio Guaporé. De "ita", pedra, "acanga", "açã", cabeça, e "aba", sufixo que indica local: o local da cabeça de pedra.

TACARI — arroio, afl. do Piaí, na região de Caxias do Sul. De "ita", pedra, e "acari", cascudo (peixe): pedras que têm cascudo.

TACIBA — arroio, afl. do arroio dos Ratos. De "tassyba", variedade de formiga.

TACURU — banhado em São Gabriel. De "tacuru", formigueiro, termiteiro em forma de montículo.

TAGUÁ — arroio, afl. do Engenho Velho, na região de Soledade, sanga em São Gabriel. De "taguá", argila colorida pelo óxido de ferro variedade de barro amarelo. Termo corrente no Estado de São Paulo, onde o taguá é utilizado para a fabricação de tijoletas cerâmicas para pisos. Tabatinga, vocábulo mais generalizado, é o barro branco.

TAIÁ — arroio, afl. do rio Pardo, na região de Soledade. De "tajá", raiz da "tajaoba", ou taioba.

TAIASSU — arroio, afl. do rio Caá Iari, na região de Palmeira. "Tassaju" é uma variedade de mandioca; designa, também, o porco do mato e o porco doméstico.

TAICUM — ilha, formada pelas lagoas Lessa, Sangradouro, Pinguela, Palmital e outras, na região de Osório. Talvez do guarani "tayhú", amor, bem-querer.

TAIM — vila na estrada Santa Vitória do Palmar — Pelotas. João Borges Fortes diz proceder de "tava-y", rio da aldeia, o que não parece provável.

O mesmo autor sugere, ainda, "tagy" ou "tay", braço ou galho de rio, o furo, o canal. É possível, porém, quase se trate de "tajy", ipê, ou de "tahyi", variedade de formiga.

TAIMBÉ — povoado, na região de Novo Hamburgo. TAIMBÈZINHO — grande boçoroca nos Aparados da Serra. Corruptela de "itaimbé" (V), de "itá", pedra, e "haimbé", fio, corte: pedra afiada, cortante.

TAIPUCA — arroio, afl. do rio Puitã. Talvez de "tajy", ipê, e "puca", fender-se, rachar: o ipê racha, o local do ipê fendido.

TAMANDARÉ — lagoa em Jaguarão; lagoa em Cruz Alta; Almirante Tamandaré, localidade na região de Caràzinho; localidade na vida férrea entre Carlos Barbosa e Bento Gonçalves. De "tab-moinda-ré", aquêle que fundou a aldeia, segundo Batista Caetano.

TAMANDUÁ — arroio, afl. do Jaquirana, na região de Sobradinho; arroio, afl. do rio Pratos, na região de Santa Rosa; arroio, afl. do

Basílio, na região de Piratini; arroio, afl. do Touros, na região de Bom Jesus; morro na região de Tôrres; povoado na região de Lajeado. "Tamanduá" é o nome indígena do conhecido comedor de formigas.

TAMBACUARÉ — arroio, afl. do Vacacaí. De "tamaquaré", nome indígena de uma variedade de lagarto considerado pelas índias do Pará como ingrediente eficaz na composição de filtros de amor.

TAMARUPARÁ — (Ex-Pessegueiro). arroio, afl. do Comandaí, na região de Santa Rosa. De "tambarú", "tamarú", crustáceo, "lagosta-gafanhoto" (Squila prasinolienata), e "pará", o mar: o mar dos crustáceos, nome um tanto pretensioso para um pequeno arroio...

TAMBORETÃ — arroio, afl. do Sampaio, na região de Tupanciretã. "Tamboretã" é palavra híbrida do quechua" tambo", originalmente hospedaria, pousada, mas que, entre nós passou a designar estábulo para ordenha de gado leiteiro, e do guarani "retã", terra, pátria, região: a região dos tambos. É possível, também, que se trate de corruptela de "tamoiretã", terra dos antepassados, de "tamuya", avô (tupi), "tamói, antepassado (guarani), e "retã".

TANIMBÚ — arroio, afl. do Piaí, na região de Caxias do Sul. De "tanimbuca", "tanimbú", cinza: o arroio das cinzas.

TAPEJARA — arroio, formador do rio de mesmo nome, o qual é afl. do Pirassucê, na região de Passo Fundo, cidade na mesma região. De

"tapé", caminho, conduto, e "jara", "yara", dono, senhor: o dono dos caminhos, o conhecedor dos caminhos, o vaqueano. É possível, entretanto, que provenha de "tapijara", habitante, morador no lugar. A primeira interpretação parece preferível.

TAPERA — arroio, afl. do Pirassucê, na região de Passo Fundo; arroio, afl. da Sanga da Várzea, na região de Santa Maria; vila na região de Caràzinho; arroio da. afl. do rio dos Touros, na região de Bom Jesus; lagoa da, na região de Osório. Lagoa na região de São José no Norte; sanga, afl. do rio Vacacai; arroio na região de Gramado; Tapera do Marcondes, arroio na região de São Leopoldo. De "tapera", aldeia extinta, casa ou aldeia abandonada, ruína. De "taba", "tava" aldeia, povoado, e "puera", sufixo passado tupi, havendo queda da sílaba final do substantivo.

TAPEREÁ — arroio, all. do Jacuí. Talvez corruptela de "apereá", preá, roedor da família dos Caviídeos; ou de "taperá", andorinha-grande.

TAPES — cidade na margem ocidental da lagoa dos Patos. De "tape", etnônimo.

TAPIAÇU — arroio, afl. do Quaraí. De "tapyi", cabana, choça, e "açu", grande: a cabana grande.

TAPIRAPÉ — arroio, afl. do Forquetinha, na região de Lajeado. De "tapira" inicialmente tapir, anta, mais tarde boi, vaca, e "apé", o caminho: o caminho das antas, ou do gado.

TAPIRÍ — arroio, afl. do rio Pardo. Do caribe "tapirí", "pequeno palheiro próprio para servir de pouso em uma noitada ou para servir de ligeiro abrigo, feito na mata e na borda dos igarapés, como defesa contar o sol e contra a chuva..."
(A. Levy Cardoso, "Amerigenismos"). Note-se a semelhança de "tapirí" com o vocábulo guarani "tapyi", que tem mais ou menos o mesmo significado.

TAPIXAVA — arroio, afl. do Poço das Antas, na região de Montenegro. De guarani "tapichá", companheiro, e sufixo indicativo de "lugar": o lugar dos companheiros.

TAPUIRÍ — arroio, afl. do Jaguari. Do guarani "tapyi", cabana, choça, e "y", água rio; o rio da cabana, "tapyi-r-y".

TAQUARA — arroio, afl. do Gravataí; arroio, afl. do Carreiro; arroio, afl. do Cadena, na região de Santa Maria; arroio, afl. do Tuparendi, na região de Santa Rosa. arroio, afl. do Piratini, na região de Missões; arroio, afl. do Ibicuí-Mirim; arroio, afl. do Paranhana; arroio, na região de Viamão; ilha no rio Uruguai; cidade a NE de Pôrto Alegre. TAQUARAL — arroio, afl. do Marupiara, na região de Passo Fundo; povoado próximo a São Lourenço do Sul. De "tacuara", taquara, bambu.

TAQUARANCHIM — arroio, afl. do Guaracapá, na região de São Luis Gonzaga; nome de dois arroios, ambos afluentes do rio Toropi; vila na região de Jaguari. Do guarani "tacuarati", variedade de bambu.

TAQUAREMBÓ — arroio, afl. do Santa Maria; rio, afl. do Guaçupi; arroio, afl. do Icamaquã; povoado na via férrea Santa Maria — Marcelino Ramos. De "tacuarembó" variedade de cana (Chusquea ramosissima); vime.

TAQUARI — rio, formado pela junção do Carreiro e do das Antas; rio, na região de Encantado; cidade. TAQUARIANO — arroio, afl. do Jacuí, TAQUARI MIRIM — rio, afl. do Taquari; TAQUARIZINHO — arroio afl. do Jaguari. De "tacuara", taquara, bambu, e "y", água, rio, o rio das taquaras. É possível, também — mas pouco provável — que se trate de "tacuareê", cana de assucar, e "y", água, rio: o rio dos canaviais. Ou de "tacuari-y", de "tacuari", variedade de umbu (Gymnopogon spicatus, Kunt).

TAQUARICHIM — grafia incorreta, porém frequente, de "Taquaranchim" (V).

TAQUARUÇU — arroio, afl. do Caranguejo, na região de Candelária: arroio, afl. do Pratos, na região de Santa Rosa; arroio, afl. do Tuparendi, na região de Santa Rosa; arroio, afl. do Amandaú, ainda na região de Santa Rosa; arroio, afl. do rio da Várzea; vila na região de Frederico Westphalen. De "tacuaruçu", variedade de bambu.

TARARÁ — arroio, afl. do Taquari. De "tarará", tremer, tiritar.

TARIBA — arroio, afl. do Piratini-menor. Talvez corruptela de "tassyba", variedade de formiga; mais provável, de "ita, pedra, e "yba",

pé (de planta); "itá-r-yba", a planta de pedra, a árvore petrificada.

TAROBÁ — arroio, afl. do Sutil, na região de Encruzilhada. Do guarani "tarová", demente, louco. Saturnino Muniagurria, in "El guarani", grafa "tarobá", com a mesma significação, e acrescenta "Por analogia se aplica este nombre al caballo mal adiestrado, que no atiende las indicaciones de quien lo monta".

TARUMÃ — arroio, afl. do Ibicuí da Armada; sanga, afl. de arroio Laranjeira, na região de Santa Maria; arroio, afl. do Tigre, na região de Santa Rosa; arroio afl. do Santo Cristo, na região de Santa Rosa; arroio, afl. do Piquirí, na região de Santiago. De "tarumá", árvore (Vitex cymosa).

TATAPUINHA — arroio, afl. do Cambará, na região de Cachoeira. "Tatapuinha" é vocábulo nhengatu, significando carvão de lenha.

TATINGA — arroio na região de Tupanciretã. Talvez corruptela de "itá-tinga", de "itá", pedra, e "tinga", branco: pedras brancas. Ou de "tatatî", guarani, o fogo branco, i. é, a fumaça.

TATU — arroio, afl. do Jaçaruaba, na região de Santa Rosa. É o nome indígena do animal de nossos campos.

TATUIM — arroio, afl. do Poço das Antas, na região de Montenegro. É provável que se trate de "tatu-y", o rio dos tatus; Gonçalves Dias, in "Dicionário de tupi", dá "tatuí — ralo (inseto)".

TAÚ — arroio, afl. do Caruxá, na região de Osório, arroio, afl. do Ogaraití, na região de Santa Rosa. De "taúba", "tau", duende, fantasma.

TAÚA — arroio, afl. do Jacuí Mirim. É possível que seja "tauá", mal grafado; "tauá", ou "taguá" (V), é o barro amarelo.

TEAPUÍ — arroio, afl. do Grande, na região de Arroio Grande. Do guarani "tyapu", ruido forte, estrépito, estrondo, e "y", água, rio: o rio do estrondo, o rio barulhento.

TEÇABA — arroio, afl. do Santa Maria. De "tessaba", ôlho vazado; torto.

TEJU — arroio, afl. do Jaguari. De "teju", "teyú", lagarto.

TEMBETÁ — arroio, afl. do Jacuízinho. Do guarani "tembetá", disco de metal, pedra ou osso que os índios usam no lábio. Gonçalves Dias, in "Dicionário tupi", grafa "temetára", que diz ser "pedra que os Botocudos trazião enfiada no beiço".

TEMBIÚ — arroio, afl. do Piratini. "Tembiú", "tembi'ú", é a comida, o alimento.

TIAPIRA — arroio, formador do Guaçupi. Gonçalves Dias dá "tyapyra" como sendo favo de mel; o Pe. Lemos Barbosa, in "Pequeno Vocabulário Tupi-Português", traz "tiapyra — guia; o que vai à frente; vanguarda". Jover Peralta, em seu "Ne'êngueirirú avañe'é-caraiñe'é", grafa "tyapy", nascente de rio, o que, no caso, parece ser a interpretação adequada.

TIARAJU — vila ao N de São Gabriel. Nome do heroi indígena Sepé Tiaraju. "Ali estava o morubixaba Sepé Tiaraju, o chefe dos suble-

vados, chamando a si a atenção pela arrogância do porte e dos gestos" (Pe. Teschauer, S. J.). Manoelito de Ornellas, em "Tiaraju", interpreta o nome da seguinte maneira "Os padres, adivinhando as suas qualidades, ao batizarem-no de José, deram-lhe o sobrenome Tiaraju, mais expressivo, e mais erudito: Tiu, tiu, tinga — branco, alvo, claro; ara, a luz, o sol; jú — amarelo, áureo. Tiaraju: — claridade de sol dourado". É possível, entretanto, que "Tiaraju" seja corruptela de "Ya-ra-yu", a lança do Senhor, de "iara" "yara", dono, senhor, e "ju", "yu", espinho, agulha, aguilhão.

TIATÃ

TICUPÍ — arroio, afl. do Basílio, na região de Santa Cruz. Talvez de "ty" que, entre outras significações, tem a de rio, arroio, e "atã", meio, semi: meio rio, quase rio.

TIBIRÍ — arroio, afl. do Botucaraí. De "tubyra", "tybyra", pó, poeira, e "y", água, rio: o rio da poeira? Jover Peralta dá "tyvyra" como tumba, túmulo; "tyvyr-y" seria o rio da tumba, da sepultura.

TICUPÍ — arroio, afl. do Basílio, na região de Erval. De "tycupy", tucupi, suco de mandioca.

TIÉ — arroio, afl. do Catucuxá, na região de Caxias. "Tyé", tupi, significa canário. Em guarani moderno a significação é inteiramente diversa: barriga, ventre, tripas.

TIJUCO — povoado junto ao rio Pirassucê, na região de Passo Fundo. TIJUCO PRETO — sanga do, afl. do rio Socorro. De "tujuca", "tuyú", o atoleiro; pantanoso, lodoso.

TIJUPÁ — arroio, afl. do Jacuí. De "tejupara", "teyupá", cabana, choça, toldo.

TIMBAÚVA — arroio, afl. do Amandaú; cerro na região de Santo Ângelo; localidade próxima a Montenegro; localidade na região de Santa Maria; Rincão do Timbaúva, localidade na região de Santo Ângelo. "Timbaúva" é o nome indígena de uma árvore, Enterolobium timbaúva. Provàvelmente de "timbora", "timbó", fumegar, deitar fumaça ou vapor, e "yba", pé de planta, árvore: a árvore da fumaça, a árvore que produz fumaça, quando queimada.

TIMBORÍ — grafado também Timburí — arroio, afl. do rio das Antas. De "timbó", planta da família das Sapindáceas, e "y", água, rio: "timbó-r-y", o rio dos timbós. Ou de "timuçu", "tymbú", coleóptero, gorgulho, e "y": "tymbu-r-y", o rio dos gorgulhos. Timbu é, também, o nome dado ao gambá no nordeste; é possível que t"imbu-r-y" seja o rio dos gambás.

TINGATÚ — arroio, afl. do rio Capigui, na região de Passo Fundo. De "tinga", "tí", brancol, claro, cinzento, e "catu", que, posposto a um adjetivo, serve para formar o superlativo. Sendo a sílada precedente nasal, "catu" também se nasaliza, "ngatu".: "ting ngatu", branquíssimo,, claríssimo.

TINGUAÇU — arroio, afl. do Caturetê. "Tinguaçu", além de ser o nome de uma estrêla, é o nome dado pelos tupis e guaranis à "alma-de-gato", pássaro de nossos campos.

TINGUÍ — arroio, afl. do Piratini através do arroio Basílio. "Tinguy" é veneno vegetal com que os índios entorpecem os peixes, para mais fàcilmente apanhá-los. É um arbusto do norte do Brasil (Jaquinia tingui).

TINGUITÊ — arroio, afl. do Taquarí. De "tinguy", veneno vegetal para entorpecer peixes, e "eté", legítimo, verdadeiro, genuíno: o verdadeiro tinguí.

TIPIAIA — arroio, afl. do rio Ivaí. Provàvelmente derivado de "typy", fundo, profundo (em relação à água).

TIPIÓ — arroio, afl. do rio dos Sinos. De "typyoca", fécula da mandioca.

TIPIQUÁ — sanga, afl. do Jaguarí Grande. De "typy", profundidade, e "cuara", "cua", "cova, buraco.

TIPITÍ — sanga, afl. do arroio São Sepé, na região de São Sepé. De "typyti", " o tipiti dos tupis, isto é, o cesto de palha trançada, onde se espreme a mandioca" (A. Levy Cardoso, "Amerigenismos"), peça cilíndrica de talas de palmeira, em que se mete a mandioca ou outra substância de que se quer extrair caldo; por analogia, apêrto, entalação, embaraço, negócio difícil, do qual não se pode sair com vantagem.

TIPOI — arroio, afl. do Torrinhas, na região de Pinheiro Machado. "Tipoia" é africanismo, com a significação de rêde de dormir; passou ao guarani — "typói", designando porém "camisa o túnica de mujer; túnica desceñida de lienzo o algodón, sin mangas y sin cuello" (Jover Peralta).

TIQUÁ — arroio, afl. do Jacuí. Do guarani "tycuá", deitar ou transvasar água ou qualquer outro líquido em um recipiente; é, também, nome de uma bebida preparada com farinha de mandioca, mel e água. Tratando-se de um afluente de rio, a primeira significação parece ser adequada.

TIQUÍ — sanga, formadora do arroio Telho, na região de Erval. De "tyquyra", "tyquy", gotejar, destilar; gota, goteira.

TIRICA — arroio, afl. do rio dos Sinos; sanga, afl. do arroio São Sepé; arroio, afl. do Caracol, na região de Taquara. De "tyryryca", "tyryry", arrastar-se, ir de rastro, afastar-se, desviar-se.

TOBAPINA — arroio, afl. do Delardino, na região de Caxias. Provàvelmente do guarani "tovapiní", rosto tatuado, com manchas.

TORÍ — arroio, afl. do Butiá ,na região de Soledade. De "toryba", forma tupi, "tory", forma guarani. alegre, feliz; alegria, felicidade.

TORIBA — arroio, afl. do Piratiní. V. "torí".

TOROPI — rio que, juntamente com o Ibicuí Mirim, forma o Ibicuí; vila na região de Tupanciretã; TOROPI MIRIM — rio, afl. do Toropi. Theodoro Sampaio, in "Interpretação de

alguns nomes tupis usados na geografia nacional (Rio Grande do Sul"), diz ser corruptela de "tororoipy", de "tororó-y-py", rio d'água sussurrante. J. Borges Fortes dá como "toro-pé-y", do espanhol "toro", e tupi "pé", o caminho, e "y" água, rio: o rio do caminho do touro. Entretanto, parece tratar-se de um hibridismo: "toro", espanhol e "pira", "pi", pele, couro, o couro de vaca.

TOROQUÁ — vila na região de São Francisco de Assis, chamada anteriormente Vila Farroupilha. Toroquá é palavra híbrida do espanhol, "toro", touro, e "caá", erva mato, fôlha: a erva dos touros, nome de uma planta medicinal (Pteurocaulon polystachyum, DC.), assim chamada por ser muito apetecida pelo gado vacum.

TOROTAMA — ilha na lagoa dos Patos, próxima a Rio Grande; povoado na ilha. De "toro", espanhol, touro e "retama", terra, pátria, região: a região dos touros. Theodoro Sampaio propõe também "turetama", terra das quedas (de "itu", queda d'água, e retama). Trata-se, entretanto, de uma ilha que pouco se eleva sôbre o nível das águas, não sendo sequer possível a existência de quedas d'água. Parece, também, que na ilha há, ou havia, matadouro de gado, o que justificaria plenamente a primeira interpretação.

TRAÍRAS — arroio, das, afl. do Jacuí, na ilha das Flores; arroio das, afl. do rio Carreiro. Traira é corruptela da palavra tupi "taraira", "tara-

rira"; é o conhecido peixe comum em lagoas e águas pouco profundas.

TRAMANDAÍ — lagoa na região de Osório; barra, que liga essa lagoa ao Oceano Atlântico; rio que liga a lagoa das Pombas com a de Tramandaí; cidade junto à barra do mesmo nome. J. Borges Fortes diz provir de "tarámanda-y", rio dos feixes de milho, ou de "tamanda-y", rio dos meandros, rio sinuoso. Theodoro Sampaio opta por "taramandaú", "tará-manda-y", que interpreta como rio do rodeador, ou lugar onde se cerca para colher ou prender.

TUBANGÁ — arroio, afl. do Grande, na região de Erval. "Tubangá", "tuvangá" é a designação guarani do padastro, do padrinho, ou do pai adotivo.

TUBANTUBA — localidade na via férrea Santiago do Boqueirão — São Luiz. Talvez de "tu'ã", copa de árvore, e "tyba", sufixo abundancial, quantidade, multidão; multidão de copas de árvores, arvoredo.

TUCANOS — arroio, afl. do rio dos Sinos, na região de Taquara. Tucano é corruptela "civilizada" de "tucana", "tucã", nomes indígenas do pássaro de grande bico, da família dos Ranfastídeos.

TUCUM — Ilha do, na lagoa da Pinguela, no litoral, junto a Osório. De "tucû", variedade de palmeira, de fruto comestível.

TUCUNDUVA — arroio, afl. do Santa Rosa, na região missioneira; vila na mesma região. De "tucû", variedade de palmeira, de fruto co-

mestível, e "tyba", sufixo abundancial, quantidade, multidão: grande quantidade de palmeiras.

TUCURA — sanga, afl. do arroio. Cambará, na região de Santiago do Boqueirão.
"Tucura", entre os índios tupis, é o gafanhoto; "abaré tucura", padre-gafanhoto, era o nome que "os indígenas davão aos frades de Santo Antonio por terem o capuz à similhança de um gafanhoto" (Gonçalves Dias, "Dicionário de tupi").

TUIUQUÁ — arroio, afl. do rio Piracupiá. De "tujuca", "tuyú", barro, e "cuara", "cuá", buraco, cova, caverna: a cova do barro. A palavra passou ao português do Brasil, modificada para tijuco, ou tijuca, e com a significação de lameiro, atoleiro.

TUIUTI — localidade ao N de Bento Gonçalves. De "tujuca", "tuyú", barro, e "tinga", "tî", branco: o barro branco.

TUJÁ — arroio, afl. do Itacurubi, na região de São Borja. Do tupi "tujabae", guarani "tuyá", velho (substantivo; designa apenas o varão).

TUMUÇAVA — lajeado, afl. do rio Carreiro. Do guarani "tymaçã", correia curta e forte de couro cru que usa o domador de cavalos.

TUNA — sanga da, afl. do arroio Garupá; sanga da, afl. do Mata Ôlho, na região de Quaraí; cerro da, na região de Rosário; Tunas, localidade próxima a Rosário; Rincão das tunas,

localidade na região de Cruz Alta; idem, na região de Santo Ângelo; Tunas, arroio das, na região de Soledade; povoado na mesma região; Tuninhas, arroio, afl. do Santa Rosa. Tuna é nome comum a várias cactáceas. Embora o vocábulo figure no Dicionário guarani-espanhol de Jover Peralta, há possibilidade da palavra ser de origem africana.

TUPÃ — rio, afl. do Segrêdo, na região de Vacaria. Na teogonia tupi e guarani, Tupã é o deus do trovão e do raio. A noção de Tupã como ser supremo, deus único, é devida aos missionários; para o índio, Tupã era um deus menor, nem sequer citado por Couto de Magalhães, quando escreve "O sistema geral de teogonia tupi parece ser êste: Existem três deuses superiores: o Sol, que é o criador de todos os viventes; a Lua, que é a criadora de todos os vegetais; e Perudá ou Rudá, o deus do amor, encarregado de promover a reprodução dos seres criados... Cada um deles é servido por tantos outros deuses, quantos eram os gêneros admitidos pelos índios; êstes por sua vêz eram servidos por outros tantos seres quantas eram as espécies que êles reconheciam..."

TUPAMBAÍ — arroio, afl. do Acangupá. De "tupã baé", esmola, socorro, ajuda; literalmente, cousa de Deus. V "tupã".

TUPANCI — arroio, afl. do Vacacaí De "tupã", Deus, e "cy", mãe, origem: a mãe de Deus. Sôbre a significação primitiva de "tupã", veja essa palavra.

TUPANCIRETÃ — sanga, afl. do arroio Caranguejo, na região de Santa Maria; cidade e município, ao S de Cruz Alta. De "tupã", Deus, "cy", mãe, origem, e retama", "retã", terra, pátria, região: a terra da mãe de Deus. Mário Calvet Fagundes, in "Vida e Obra de Souza Docca", atribui ao seu biografado as seguintes palavras: "Menos aceitável é a lenda que atribui a origem do nome em aprêço, a esta frase, pronunciada por um companheiro do francês Beauvalet, ao se despedir dêste, quando ali ficou, naquela localidade, que escolhera para sua residência: **"tu y passeras le temps"**, e que teria sido recolhida por um peão que os acompanhava, e que, por ignorância da língua francêsa, tomou a frase, como sendo o nome do lugar, e a repetia fonèticamente: tupanciretan, como se lhe afigurava fôra pronunciada. É uma simples invencionice isto". V. "tupã".

TUPANDI — vila na região de São Sebastião do Caí. Provàvelmente de "tupã", Deus, e "ndy", chama, luz: a luz de Deus. V. "Tupã".

TUPARAÍ — localidade entre Itaqui e São Borja. De "tupã", Deus, e "ta'y", "ra'y" filho; o filho de Deus. É possível, também, interpretar como "o dente de Deus", de "tupã-rãi"; mas tal interpretação exigiria a existência de pico alcantilado na região. V. "tupã".

TUPARENDI — rio, afl. do Santo Cristo, denominado anteriormente Laje Grande; cidade ao N de Santa Rosa, denominada anteriormente

Cincoentenário, ou Belo Centro. De "tupã", Deus, e "tendyra", tupi, "teindí", ou "rendí", guarani, irmã ou prima (para o homem; a mulher chama a irmã de "tyquera", "tyqué"), a irmã de Deus. V. "tupã".

TUPAROCA — (ex-Boa Vista) — arroio, afl. do Camaquã. De "tupã", Deus, e "oca", "oga", casa; "tupã-r-oca", a casa de Deus, igreja. V. "tupã".

TUPÉ — arroio, afl. do Castelhano, na região de Lageado. De "tupé", baixo de estatura.

TUPI — arroio, afl. do Taquari; Tupi Silveira, localidade ao S de Bagé. De "tupi", etnônimo. "Grande nação de índios da América do Sul; uma das quatro principais famílias lingüísticas do Brasil.../... Língua-geral falada até ao século XIX no litoral do Brasil e ainda hoje no Amazonas, com o nome de nheengatu" (Enc. Bras. Mérito).

TUPINAMBÁ — localidade entre Veranópolis e Lagoa Vermelha. Etnônimo.

TURUÇU — arroio, afl. do São Gonçalo. De "turussu", grosso e roliço; grande.

TURUMÃ — sanga, afl. do Vacacaí, na região de São Sepé. "Turumã" é "certa árvore silvestre (Enc. Bras. Mérito). O vocábulo não figura nos vocabulários consultados; talvez seja apenas corruptela de "tarumã" (V.).

TUTINGA — arroio, formador do Inhacapetum, na região de Santiago. Provàvelmente corruptela de "ytu-tinga", a cachoeira branca.

TUUNA — arroio, afl. do São Gonçalo. É possível que se trate de "ty" que, entre outras significações, tem a de rio, arroio, e "una", preto, escuro, negro: arroio escuro. Ou de "tujuco", "tuyú", barro, atoleiro, e "una", barro, ou atoleiro, preto. Ou, ainda, de "ytuuna", o salto negro (V. Tutinga).

TUXAVA — arroio, afl. do Dornelles, na região de Viamão. De "tuxava", "tuxaua" morubichaba, chefe; é também o nome de uma planta da família das Flacurtiáceas (Laetia procera, Poepp).

U

UQUABOI — arroio, afl. do Ibicuí. De "ycuara", "ycuá", poço, manancial, fonte, e "mboia", "mboi", cobra: "ycuá-boi", cobra de poço ou, mais provávelmente, poço que tem cobras.

UBIRETAMA — vila na região de Cerro Largo, sôbre o rio Comandaí. De "yby", "yvy" terra, e "retama", "retã", pátria, lugar, região: o lugar da terra.

UMBÚ — arroio, afl. do rio da Várzea; córrego, afl. do rio Carreiro; arroio, formador do arroio del Rei, na região de Santa Vitória do Palmar; arroio, tributário da lagoa Mirim, na região de Santa Vitória do Palmar; arroio do afl. do Ibicuí; vila na região de Cacequi; Fa-

zenda Umbú, localidade ao S de Rosário. De "umbu", "ombú" nome indígena de duas árvores. No sul, o umbú é a **Phytolaca dioica,** L. O. umbu do norte é a **Spondias tuberosa,** Arr. Câmara.

UMBUÍ — arroio, afl. do Acangupá. De "umbú", (V. e "y", água, rio: o rio do umbu.

UPACARAÍ — arroio, formador do rio Ibicuí. localidade entre Livramento e D. Pedrito. De "upaba", "ypá", lago, lagoa, e "caraíba", "caraí", sagrado, bento: lago bendito, lago sagrado.

UPAMAROTI — arroio, afl. do Ibicuí da Armada; localidade próxima à anterior, também entre Livramento e D. Pedrito. De "upaba", "ypá", lago, lagoa, e "moroti", de "côr" branca: o lago branco.

UPAREÁ — lagoa na região de Osório. De "upaba", "ypá", lago, lagoa, e "aruá", guarani, quieto, pacífico: lagoa tranquila.

URÚ — arroio, afl. do rio Santa Rosa. "Uru" é uma ave, galinha silvestre (Odontophorus capueira capueira, Spix).

URUBU — arroio em Palmeira. De "urubú", ave da família dos Catartídeos.

URUBUCARÚ — arroio, afl. do Ijuí; serra à margem do arroio de mesmo nome; Urubucaruzinho, arroio, afl. do Urubucarú. De "urubu", ave da família dos Catartídeos, e "caru", comida, alimento: o alimento dos urubus.

URUCÁ — arroio, afl. do Caraça, na região de Encruzilhada. De "uru", ave (V), e "caá", erva, mato, fôlha: o mato dos urus.

URUCUTAÍ — (Urucataí, segundo a Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul). arroio, afl. do rio Uruguai, ao N de São Borja. De "urucu", nome de um arbusto da família das Bixácaes (Bixa orellana, L), que fornece matéria corante com a qual os índios pintam o corpo, com finalidade não só decorativa como, também, para se protegerem do sol — a bixina, matéria corante do urucu, atua contra os raios ultravioleta — e para afugentarem os mosquitos; e "ta'yí", semente, germem: a semente do urucu. Ou de "urucu" e "tayí", canal, braço de rio: o arroio dos urucus.

URUDEBA — localidade a SE de Cruz Alta, próxima ao rio Jacuí. Talvez corruptella de "urutyba", de "uru", ave (V), e "tyba", sufixo abundancial, quantidade, multidão de urus.

URUGUAI — rio, forma a divisa entre os Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e a fronteira entre êste Estado e a república Argentina: arroio, afl. do arroio Caràzinho, na região de Vacaria; serra nas vertentes do arroio do Tôldo, na região de Getúlio Vargas. De "uruguá", caracol, e "y", água, rio: o rio dos caracóis. Jover Peralta, prefere: "uru-guá-y", de "uru", ave (V), "guá", procedência, lugar, e "y", água, rio: rio da região dos urus. Batista Caetano dá "Yruguai", rio do canal.

URUGUAIANA — cidade sôbre o rio Uruguai. Derivado de "uruguai" (V).

URUPÉ — sanga, afl. do arroio Maricá, na região De Caçapava. "Urupé é uma variedade de cogumelo.

URUPU — arroio, afl. do Ijuìzinho; povoado na região de Cruz Alta, à margem da via férrea; Urupu Mirim, arroio, afl. do Urupu; Urupuzinho, arroio, afl. do Urupu Mirim. Talvez de "uru", ave (V). e "pu", barulho, estrondo, som: o ruído dos urus. J. Borges Fortes da "uru-hu", que interpreta como "onde comem os urus".

URUQUÁ — arroio, afl. do Ijuí. De "uru", ave, e" cuara", "cuá", cova, buraco, grota: a cova dos urus.

URUPÁ — arroio em Cruz Alta. De "uru-poaba", o menor dos urus, segundo J. B. Fortes.

URUS — ilha dos, no rio Uruguai. De "uru", ave.

URUTAÚ — arroio na região de Taquara. É o nome de um pássaro da família dos Capri mulg,deos (Nyctibius griseus cornutus, Vieill).

V

VACACAÍ — rio, afl. do Jacuí; arroio, afl. do Ibirocaí, na região de Alegrete; vila na região de São Gabriel; Vacacaí Mirim, rio, afl. do Jacuí na região de Santa Maria. Geralmente considerado topônimo híbrido do espanhol "vaca", e do tupi (e guarani) "caá", erva, mato, fôlha, e "y", água, rio: rio do mato das vacas. J. Borges Fortes dá "ybá-cacái-y", de "ybá", "yvá", fruta, "cacái", variedade de gavião, e "y", água, rio: rio do gavião das frutas. Ainda menos provável, porém mais... curiosa, é a interpretação do Pe. Gay: rio do excremento das vacas.

Uma carta espanhola, desenhada em 1758, e existente no Arquivo Histórico do Estado, e na qual o rio figura com o nome de "Guacacay", tendo como afluentes o "Guacacay-mirim" e o "Guacacay-cairaguá", leva o dr. Paulo Xavier a discordar do suposto hibridismo; segundo êle o topônimo seria decomposto em "guá-caá-ca'i-y", de "guá", seio, vale, "caá", erva, mato, fôlha, "ca'i", variedade de macaco, e "y", água, rio: o rio do mato do vale que tem macacos.
Outras interpretações são, entretanto, possíveis: "guacá-caá-y", de "guacá", gaivota para os tupis, uma variedade de papagaio para os guaranis; "caá", erva, mato, fôlha, e "y", água, rio: o rio do mato dos papagaios. Ou, ainda, "guá-caca'i-y", rio do mato dos gaviões.

VACACAIQUÁ — arroio, afl. do arroio Upacaraí. De "vaca", espanhol ou português, "y", água, rio, e "cuara", "cuá", cova, buraco, gruta: o buraco de água (açude?) das vacas.

VACAQUÁ — arroio, afl. do Ibicuí da Armada; localidade próxima à fronteira com o Uruguai, a SO de D. Pedrito. De "vaca", português, e "caá", erva, mato, fôlha: o mato das vacas, ou o pasto das vacas. Ou, mais provàvelmente, de "vaca" e "cuara", "cua", cova, buraco, gruta: a caverna das vacas.

VACARAÍ — arroio, afl. do Velhaco, na região de Tapes. Híbrido de "vaca", português, e "tayra", "ta'y", "ra'y", filho: filho da vaca, terneiro, bezerro que se encontra no ventre da vaca abatida para consumo; nonato.

VAÍ — arroio, afl. do Piratiní, na região de São Luiz Gonzaga. De "vaí", guarani feio, mau, inútil, prejudicial?

VIAMÃO — cidade e município próximo a Pôrto Alegre. Consta haver Aurélio Pôrto, desprezando a etimologia "vi-a-mão", dado êste topônimo como corruptela de "yby-a-monte", hibridismo com a significação de "para além do monte".

VIRARIPÁ — arroio, afl. do Ogaratim. Provàvelmente corruptela de "viravirá", planta medicinal (Gnaphalium).

VOTOURO — aldeiamento indígena na região de Passo Fundo. J. Borges Fortes diz provir de "ybytyra", "yvyty", monte O vocábulo, entretanto, não é tupi, e sim caingangue. Herbert Baldus, em "Ensaios de Etnologia Brasileira", ao se referir aos caingangue de Palmas, diz: "A Tribo divide-se em duas "metades" exógamas e patrilineais, das quais cada uma está, por sua vêz, dividida em dois grupos, de caracterização social diferente. As designações Kadnyerú, Kamé e **Votôro,** usadas, às vêzes na literatura, como nomes de tribos, são as denominações de três dêsses quatro grupos; o quarto grupo é chamado Aniky". E mais adiante: "Os grupos duma das "metades" chamam-se Votôro e Kadnyerú, os da outra Aniky e Kamé... A significação dos quatro nomes é desconhecida".

X

XARÁ — arroio. afl. do Ipipó, na região de Caçapava; arroio, afl. do dos Ferreiros, na região de Gravataí. A. Levy Cardoso, in "Amerigenismos", escreve: "O vocábulo (tocaio), que é, realmente, um amerigenismo, sendo sinônimo dos tupinismos chera, na Amazônia e **chará**, no sul do país..." Os vocabulários consultados não consignam "Chará", ou "chera", com a significação apontada. É provável que chará, ou xará, seja corruptela de "cherera" (cherera, meu nome). Por outro lado, em guarani "chará" significa desgrenhado; no Rio Grande do Sul dá-se êsse nome, xará, ao cavalo de pêlo crêspo.

XAXIM — arroio, afl. do Tarumã, na região de Santa Rosa; arroio, afl. do Três Passos, na região de Passo Fundo; povoado, na região de Lajeado. De "chachí", feto arborescente, samambaia-açu, planta da família das Ciateáceas.

XINIQUÁ — A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul assim grafa nome do rio Chiniquá (V).

XIMBUÇU — Grafia empregada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico para o nome do arroio Chimbocu.

— BIBLIOGRAFIA —

1) **Theodoro Sampaio** — "O tupi na geografia nacional"

2) **Theodoro Sampaio** "Interpretação de alguns nomes tupis usados na geografia nacional (Rio Grande do Sul)", in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, I trimestre de 1943

3) **João Borges Fortes** — "O tupi na corografia do Rio Grande do Sul"

4) **Souza Docca** — "Vocábulos Indígenas na geografia riograndense"

5) **Alfredo de Carvalho** — "Toponímias tupis no Rio Grande do Sul"

6) **—R. von Ihering** — "O tupi na geografia nacional"

7) **R. von Ihering** — "A lagoa dos Patos", in Anuário do Rio Grande do Sul, 1910.

8) **Pe. Lemos Barbosa** — "Pequeno vocabulário tupi-português", Livraria São José, Rio de Janeiro, 1955

9) **Pe. Lemos Barbosa** — "Curso de tupi antigo", Livraria São José, Rio de Janeiro, 1956

10) **A. Levy Cardoso** — "Amerigenismos", Biblioteca do Exército-Editora, 1961

11) **A. Levy Cardoso** — "Tomponímia Brasileira", Biblioteca do Exército-Editora, 1961.

12) **Pes. Antônio Colbacchini e Cesar Albisetti** — "Os borôros orientais". Companhia Editôra Nacional, S. Paulo, 1942

13) **Aurélio Pôrto** — Artigo publicado in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul", III trimestre de 1938.

14) **A. Jover Peralta** e **T. Osuna** — "Ne'enguery-rú avañe'ê — caraiñe'ê ha avane'é — Diccionario Guaraní-español y español-guaraní", Editorial Tupã, Buenos Aires, 1950

15) **Saturnino Muniagurria** — "El guarani", Imprenta y casa editora "Coni", Buenos Aires, 194"

16) **Montoya** e **Restivo** — "Arte de la lengua guaraní", Stuttgart, 1892

17) **Montoya** e **Restivo** — "Vocabulario de la longua guaraní", Stuttgart, 1893,

18) **Pe. A. Guasch,** S. J. — "El idioma guarani Ediciones del autor, Buenos Aires, 1948.

19) **Pe. Joseph de Anchieta** — "Arte de grammatica da lingua mais vasada na costa do Brasil", edição estereotipada da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1933.

20) **Plínio Ayrosa** — Diversos boletins da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, cadeira de Etnografia e Língua tupi-guarani.

21) **Plínio Ayrosa** — Colóquio de entrada ou chegada ao Brasil, entre a gente do país chamada tupinambá e tupininquim, em linguagem brasílica e francesa", restaurado, traduzido e anotado por Plínio Ayrosa, in "Viagem à terra do Brasil", de Jean de Léry, Biblioteca do Exército — Editora, 1961

22) **General Couto de Magalhães** — "O selvagem", Companhia Editora Nacional, 1935

23) **Ermano Stradelli** — Vocabulário Nheengatu

24) **José de Saldanha** — "Diário resumido da demarcação da América Meridional", 1787

25) **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** — "Vocabulário Geográfico do Rio Grande do Sul" — contribuição para o Dicionário Geográfico Brasileiro", in Revista do Intsituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II trimestre de 1941.

26) **Adaucto Fernandes** — "Gramática tupi (histórica, comparada e expositiva)", editor A. Coelho Branco, Rio de Janeiro, 1960

27) **Joaquim Thomaz** — "Anchieta", Biblioteca do Exército-Editora, 1954

28) **Pedro Luiz Sympson** — "Gramatica da língua brasileira (brasilica, tupi ou nheéngatú), 4.ª edição, Comissão Brasileira de Estudos Pátrios.

29) **Artur Neiva** — "Estudos da língua Nacional", Companhia Editora Nacional, 1940.

30) **Enciclopédia dos Municípios**

31) **A. J. de Macedo Soares** — Dicionário Brasileiro.

32) **J. Palma da Silva** — "Caá-yarí", in Correio do Povo

33) **Mansueto Bernardi** — "O primeiro Caudilho rio-grandense", editora Globo, 1957.

34) **Silveira Bueno** — "Dicionário Etimológico Prosódico"

35) **Hildebrando de Lima,** e outros "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa",

Editora Civilização Brasileira, 1946.
36) **Jean de Léry** — "Viagem à terra do Brasil", Biblioteca do Exército — Editora, 1961.
37) **Faris Antônio S. Michaele** — "Manual de conversação da língua tupi", edições Euclidianas, centro cultural "Euclides da Cunha", Ponta Grossa, Paraná, 1951.
39) **Affonso A. de Freitas** — "Vocabulário Nheengatú", Companhia Editora Nacional, 1936.
40) **Laudelino Freire** — "Grande e novíssimo dicionário da língua portuguêsa", livraria José Olympio Editora, 1954.
41) **José de Alencar** — "Ubirajara", edições Melhoramentos.
42) **Alfredo Augusto da Mata** — "Vocabulário amazonenese", in Revista IGH — Amazonas, ano VI, n.° 1 e 2.
43) **Enciclopédia Brasileira Mérito,** editora Mérito S. A., 1964.
44) **Amando Mendes** — "As pescarias amazônicas e a piscicultura no Brasil", livraria editora Record, S. Paulo, 1958.
45) **Vicente Chermont de Miranda** — "Glossário paraense ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à ilha de Marajó", livraria Maranhense, Pará, 1905.
46) **Hans Staden** — "Meu cativeiro entre os selvagens do Brasil", Companhia Editora Nacional, 1927.
47) **Manoelito de Ornellas** — "Tiaraju", editôra Globo, 1960.
48) **Mário Calvet Fagundes** — "Souza Docca — vida e obra", 1961

49) **Herbert Baldus** — "Ensaios de etnologia brasileira", Companhia Editora Nacional, 1936.
50) **A. Tenório d'Albuquerque** — "Gauchismos", livraria Sulina, 1954.
51) **E. Roquette Pinto** — "Rondônia", Companhia Editora Nacional, 1935.
52) **Dr. Rafael Schiaffino** — "Guaranismos — Ensayo Etimológico", in "Revista Histórica, Tomo XXV, 1956

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

194